



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
(MESTRADO)**

ELIZANETH DE ARRUDA MARTINS EUBANK

O CANTINHO DA VOVÓ BEM COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM
Aulas-Oficinas e suas potencialidades para o ensino de História

**CUIABÁ - MT
2025**





ELIZANETH DE ARRUDA MARTINS EUBANK

O CANTINHO DA VOVÓ BEM COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM
Aulas-Oficinas e suas potencialidades para o ensino de História

Dissertação apresentada à Banca Examinadora de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional - núcleo Universidade Federal de Mato Grosso - como requisito à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ana Paula Squinelo.

CUIABÁ-MT
2025



Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

E86c Eubank, Elizaneth de Arruda Martins.

O Cantinho da Vovó Bem como espaço de aprendizagem [recurso eletrônico] : Aulas-Oficinas e suas potencialidades para o ensino de História / Elizaneth de Arruda Martins Eubank. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 151 f., il. color., pdf). -- 2025.

Orientador: Ana Paula Squinelo.

Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Cuiabá, 2025.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Educação Museal. 2. Aula-Oficina. 3. História Local. 4. Museu Cantinho da Vovó Bem. I. Squinelo, Ana Paula, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA (PROFHISTORIA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: O CANTINHO DA VOVÓ BEM COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM: AULAS-OFICINAS E SUAS POTENCIALIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

AUTOR (A): MESTRANDO (A) ELIZANETH DE ARRUDA MARTINS EUBANK

Dissertação defendida e aprovada em **02 de julho de 2025**.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. DOUTORA ANA PAULA SQUINELO [PRESIDENTE BANCA]

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

2. DOUTORA ANA PAULA SQUINELO [ORIENTADORA]

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

3. DOUTOR FÁVIO VILAS-BOAS TROVÃO [EXAMINADOR(A) INTERNO(A)]

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS

4. DOUTOR AZEMAR DOS SANTOS SOARES JUNIOR [EXAMINADOR(A) EXTERNO(A)]

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

5. DOUTORA ANA MARIA MARQUES [EXAMINADOR(A) SUPLENTE]

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

CUIABÁ, 02/JULHO/2025.



Documento assinado eletronicamente por **ARY ALBUQUERQUE CAVALCANTI JUNIOR**, **Coordenador(a) do Mestrado Profissional em História - IGHD/UFMT**, em 18/08/2025, às 12:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Azemar Oliveira dos Santos**, **Usuário Externo**, em 18/08/2025, às 12:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **FLAVIO VILAS BOAS TROVAO**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 18/08/2025, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Squinelo**, **Usuário Externo**, em 18/08/2025, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **8290789** e o código CRC **7696C76A**.

Referência: Processo nº 23108.049588/2025-63

SEI nº 8290789

Às minhas filhas, Lara e Liz, que vocês sejam protagonistas de suas vidas.

AGRADECIMENTOS

É com imensa gratidão que dedico este espaço para expressar meus mais sinceros agradecimentos primeiramente a Deus, por me conceder força, saúde e sabedoria para trilhar este caminho. Agradeço ao meu esposo, pelo amor, paciência e apoio incondicional. Sua presença constante ao meu lado, nas alegrias e nas dificuldades, foi essencial para que eu seguisse em frente. Às minhas filhas, que com sua energia, amor e alegria iluminam meus dias, mesmo nos momentos mais cansativos e difíceis. Vocês são minha maior motivação e razão de tudo. A minha grande família, minha base, pessoas que sempre estão ao meu lado, minha mãe, minhas irmãs, meus irmãos, minhas cunhadas, meus cunhados, meus sobrinhos, minhas sobrinhas, meus afilhados, meu sogro e sogra, gratidão eterna.

À professora Dra. Ana Paula Squinelo, minha orientadora, pela orientação, paciência, apoio constante e pela confiança ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho. Sua experiência, dedicação e competência foram fundamentais para que este projeto fosse concretizado. Seu olhar atento e suas valiosas sugestões fizeram toda a diferença na qualidade deste trabalho, seu compromisso com o ensino e com o desenvolvimento acadêmico é uma fonte constante de inspiração.

Aos meus colegas e professores do mestrado, citando a professora Dra. Ana Maria Marques, sempre disposta a ajudar. Aos amigos que o mestrado me apresentou, a Nilza e ao Jefferson, cujos gestos de amizade, apoio e troca de experiências foram essenciais para que este percurso fosse mais leve e enriquecedor. Agradeço pela parceria, pelas conversas e pela confiança.

Aos membros da banca, que também estiveram comigo no momento da qualificação, Prof. Dr. Flávio Villas-Boas Trovão e Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior agradeço a dedicação do seu tempo, a leitura atenta, e a participação nesse momento tão importante da minha trajetória profissional. Agradeço pelas contribuições neste trabalho. Fico muito grata com a oportunidade de aprender com cada um de vocês e de contar com o olhar crítico que foram fundamentais na realização desta dissertação.

Não poderia deixar de agradecer a Senhora Maria da Piedade, fundadora do Museu Cantinho da Vovó Bem, em Poconé, por compartilhar suas memórias e histórias com tanta

sensibilidade. Sua dedicação a preservação da história local, foi fundamental para elaboração desta dissertação e é fonte de inspiração para o fortalecimento da memória coletiva.

Gostaria de enfatizar que as falhas que existirem no trabalho são de minha responsabilidade, como qualquer trabalho acadêmico, minha dissertação não está isenta de falhas ou limitações.

A todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram a chegar até aqui, meu mais sincero e profundo agradecimento. Este trabalho é o reflexo da colaboração e do apoio de cada um de vocês.

RESUMO

A presente dissertação reflete a trajetória da autora como educadora e a importância da conexão com a história local no processo de ensino-aprendizagem. Este trabalho destaca a relevância da educação museal como ferramenta para a visualização de conceitos e promoção do pensamento crítico. A partir da proposta metodológica da professora doutora Ana Paula Squinelo, desenvolve-se um material educacional composto por duas aulas-oficinas sobre o Museu Cantinho da Vovó Bem. Essa metodologia enfatiza a análise de fontes diversificadas, a interatividade e o protagonismo dos/as alunos/as. Para tanto, realiza-se uma problematização da história local/regional e uma discussão sobre memória, patrimônio cultural, museus e educação museológica. Os aspectos sociais, culturais e econômicos, bem como a origem e a história do município de Poconé (MT) são contextualizados, assim como a trajetória do Museu Cantinho da Vovó Bem. As aulas-oficina abordam o protagonismo feminino no campo museal, com foco na trajetória de Maria Piedade, conhecida como Vovó Bem, e discutem a construção e a difusão de museus. Propõe-se, ainda, a elaboração de uma biografia da proprietária do museu, bem como a criação de uma versão virtual do museu em estudo, ampliando seu acervo e garantindo maior representatividade da comunidade poconeana. Ambas as propostas estão alinhadas à BNCC e à promoção de competências como empatia, diálogo e cooperação.

Palavras-chave: Educação Museal, Aula-Oficina, História Local, Museu Cantinho da Vovó Bem

ABSTRACT

This dissertation reflects the author's journey as an educator and the importance of connecting with local history in the teaching and learning process. The work highlights the relevance of museum education as a tool for visualizing concepts and promoting critical thinking. Based on the methodological approach of Ana Paula Squinelo, the educational product developed consists of two workshop-classes focused on the "Cantinho da Vovó Bem" Museum. This methodology emphasizes the analysis of diverse sources, interactivity, and the protagonism of students. The study involves a problematization of local and regional history, alongside a discussion on memory, cultural heritage, museums, and museum education. Social, cultural, and economic aspects, as well as the origins and history of the municipality of Poconé (MT), are contextualized, alongside the trajectory of the "Cantinho da Vovó Bem" Museum. The workshop-classes explore female protagonism in the museal field, focusing on the life story of Maria Piedade, known as Vovó Bem, and discuss the construction and diffusion of museums. The dissertation also proposes the creation of a biography of the museum's owner and the development of a virtual version of the museum, expanding its collection to ensure greater representativeness of the Poconé community. Both proposals are aligned with the BNCC and promote competencies such as empathy, dialogue and cooperation.

Keywords: Museum Education, Workshop Class, Local History, Museum Cantinho da Vovó Bem

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Nuvem de palavras turma 6C	13
Figura 2 - Nuvem de palavras turma 6A	14
Figura 3 - Localização da Cidade de Poconé no mapa do Estado de Mato Grosso	38
Figura 4 - Fachada do Museu Cantinho da Vovó Bem	50
Figura 5 - Dona Maria da Piedade, a “Vovó Bem”	51
Figura 6 - Foto do livro de registro de visitantes com a assinatura da secretária de Turismo de Mato Grosso e do Representante do Ministério do Turismo	52
Figura 7 – Parte do museu que foi destruída com a forte chuva e vento	58
Figura 8 - Banheira de uma pedra só	59
Figura 9 - Pote de cerâmica	59
Figura 10 - Utensílios de cozinha: Jogos de café de porcelana, licoreiras, travessas, bandejas, bules de porcelana	60
Figura 11- Panelas de ferro, moedor carne, gamelas, fogão a lenha etc.	62
Figura 12 - Prensa hidráulica para fabricar azulejo	62
Figura 13 -Forma para fazer azulejo	63
Figura 14 - Azulejos feitos com a prensa hidráulica	63
Figura 15 - Oratório, imagens sacras, castiçais	64
Figura 16 - Televisão, rádios, telefones, celular	64
Figura 17- Bateia de madeira	65
Figura 18 - Bateia	65
Figura 19 - Ferros de passar roupa de ferro	66
Figura 20 - Máquina de costurar roupa	66
Figura 21 - Balança com pesos	67
Figura 22 - Gamela e pilão de madeira	67
Figura 23 - Toca disco e vinil	68
Figura 24 - Tambor, viola de cocho, ganzá, mocho	68
Figura 25 - Palmatória	69
Figura 26 - Gargalheira	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL E A HISTÓRIA LOCAL/REGIONAL	22
2.1	Trilhando o caminho do ensino de História no Brasil	22
2.2	História Local/Regional e a construção da identidade e da cidadania	24
2.3	Lugares de memória	30
3	O MUNICÍPIO DE POCONÉ-MT: RAÍZES, CULTURA E PERSONAGENS FEMININAS	38
3.1	Formação da população “Poconeana e Pantaneira”	41
3.2	Poconé e suas manifestações culturais e personagens femininas	44
3.3	Museu “Cantinho da Vovó bem”	49
4	MATERIAL EDUCACIONAL: O CANTINHO DA VOVÓ BEM COMO ESPAÇO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	71
4.1	Aula-oficina 1 - Vovó Bem, a Clio de Poconé-MT: protagonismo feminino, história local e memória	72
4.2	Aula-Oficina 2 - Um museu para chamar de nosso, ou como se cria um museu: o caso do Cantinho da Vovó Bem – Poconé-MT	108
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
	Referências	147

1 Introdução

Em 2023, minha filha Lara chegou em casa extremamente animada, muito empolgada. Lara havia feito uma visita, com os colegas da Escola Sesc Pantanal e seu professor de História, ao museu “Cantinho da Vovó Bem”. Sua alegria ao chegar em casa contando tudo que viu e mostrando as fotos e vídeos, fascinada com as histórias que ouviu e os objetos que conheceu, despertou minha atenção. Através do relato de minha filha, percebi que aquele espaço preserva a história e a memória dos/as moradores/as da minha cidade, Poconé, localizada no estado do Mato Grosso. O museu foi construído por uma professora que sempre teve a preocupação de repassar às novas gerações os conhecimentos produzidos ao longo do tempo pela família e pela comunidade local, na perspectiva da preservação dos bens culturais, importantes para a identidade do bairro, da cidade e da região.

Automaticamente me identifiquei. Enquanto professora, me vi diante do desafio de proporcionar aos/as estudantes aquela sensação de pertencimento e satisfação que via nos olhos da minha filha. Isso me fez lembrar que desde sempre cultivei o desejo de ser professora. No segundo grau, cursei o magistério e aprendi muito sobre a prática da sala de aula. O compromisso e o afeto com o processo de estudar me tocava. Por isso, iniciei a graduação em letras, mas quis o destino que eu fosse historiadora.

Em 1999, passei no vestibular na UFMT para o curso de Bacharelado e Licenciatura Plena em História no período noturno. Foi uma grande alegria poder sair do interior e ir estudar em uma instituição pública. Estar nesse ambiente com profissionais muito competentes abriu meu horizonte. Durante a graduação fiz parte do grupo de pesquisa do NERU (Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos), vinculado ao CNPq, (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) no qual fiquei por 3 anos. Essa experiência colaborou imensamente para minha formação, através do trabalho com a pesquisa, a busca por fontes, o cuidado no trato com as informações coletadas, pude fazer o que gosto: ler e escrever. Concluí a graduação em 2004 e voltei para minha cidade, Poconé.

Ao retornar para Poconé passei em um seletivo para trabalhar com estudantes do Ensino Fundamental I, no Complexo Educacional Sesc Pantanal, permanecendo nessa escola por cinco anos e não lecionando na minha área de formação universitária especificamente. Dei aula para alunos/as da antiga 2ª e 4ª séries. Em 2011, através do concurso público ingressei no trabalho com a disciplina História, na Escola Estadual Frei Carlos Vallete, onde

leciono até hoje. Foi uma experiência totalmente nova, trabalhar com os/as adolescentes, da rede estadual. Um desafio muito grande, ter que dar conta de várias turmas, dos conteúdos que os livros didáticos trazem, com um número reduzido de aulas. Ao longo dos anos, consegui me adaptar à nova realidade, mas temos passado por muitos embates enquanto profissionais da educação, como a sobrecarga de trabalho e déficit de aprendizagem dos/as estudantes. Nessa rotina de sala de aula acabei me acomodando em relação à minha formação intelectual.

Por vezes, o mestrado aparecia como uma forma de obter uma compensação financeira e acréscimos na contagem de pontos para atribuição. Porém isso não foi suficiente para tentar ingressar no curso do mestrado. Por outro lado, a opção pela modalidade acadêmica parecia muito distante da minha realidade cotidiana como mãe e profissional. O quadro mudou quando tive conhecimento do Profhistória, que se adequava ao que eu estava buscando, um curso no qual eu poderia ampliar meu conhecimento, assim como melhorar meu trabalho em sala de aula.

Analisando as prerrogativas legais para o ensino de história, percebemos que apresentam a disciplina com um papel muito importante na formação do/a discente, porém cada ano que passa vemos uma desvalorização cada vez maior da disciplina dentro da grade curricular. Em 2024, no Estado de Mato Grosso, houve uma mudança que nos preocupa enquanto professores/as de história, já que estamos com apenas duas aulas semanais do 6º ao 9º ano.

Em 2025, teremos mais uma atribuição: a política educacional Diálogo Socioemocional que será trabalhada pelos componentes de artes, educação física, história e geografia e no qual teremos que elaborar plano de aula para abordar o assunto em sala de aula, além de fazer rubricas a partir dos resultados obtidos nas avaliações. Com isso, aumenta nossa preocupação em realizar um trabalho de qualidade e que faça sentido para os/as estudantes. Portanto, o mestrado Profissional em História apareceu como o caminho perfeito para aliviar minhas angústias e permitir ser uma profissional mais preparada para o novo cenário da educação no Brasil.

Em 2023, ingressei no mestrado profissional pela UFMT, o Profhistória. Ao iniciar as aulas veio a preocupação de como seria retomar os estudos depois de dezenove anos após o término da minha graduação. Contudo, decidi que enfrentaria o que viesse e posso dizer que foi e está sendo uma experiência desafiadora e bastante gratificante. Durante as aulas das disciplinas cursadas consegui, através das práticas desenvolvidas pelos/as

professores/as, retomar uma rotina de estudos e pensar em meu tema de pesquisa. Além disso, por várias vezes tive a oportunidade de repensar minha prática em sala de aula, aprender novas metodologias que possibilitassem uma mudança real em meu trabalho como professora. De maneira geral, todas as disciplinas contribuíram para o trabalho de pesquisa que agora desenvolvo, uma vez que me remeteram a leituras, reflexões e práticas importantes, como o contato com mestrands/as que já concluíram o curso e foram apresentar seus trabalhos para a turma, contando toda trajetória, escolha de tema, busca por fontes e bibliografia para a elaboração das dissertações.

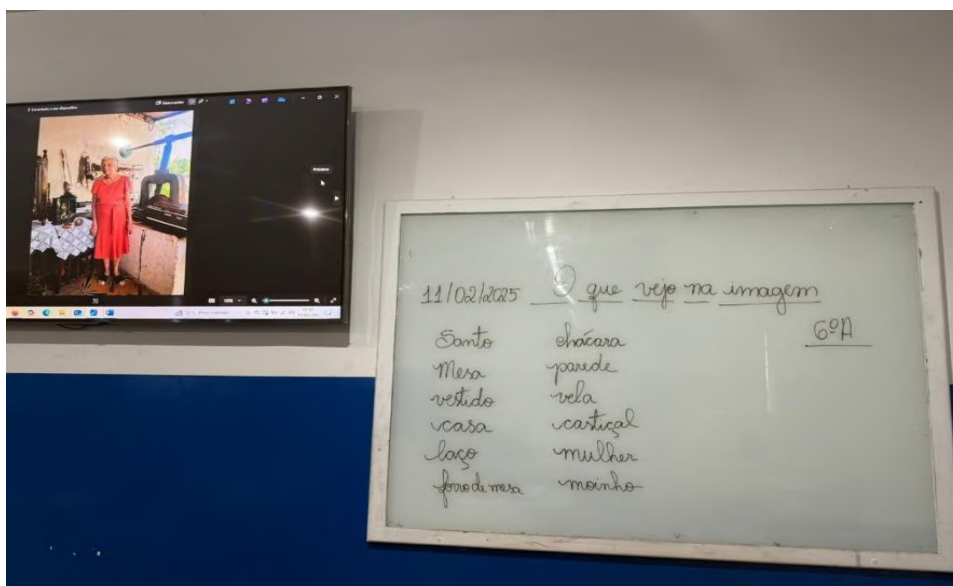
Com o desafio de finalmente concretizar esse estudo, colocando no papel aquele entusiasmo inicial provocado pela minha filha, procurei verificar junto aos meus alunos e minhas alunas, afinal era também por eles e por elas que esse mestrado se realizava, qual era o conhecimento deles sobre o Cantinho da Vovó Bem. Para tanto, optei pela metodologia das “nuvens de palavras”. Para isso foi apresentada uma imagem de Dona Bem em seu museu. Os/as estudantes foram questionados/as sobre o que ela lhes remetia. Enquanto eles/as se manifestavam fui registrando no quadro as expressões de modo a formar uma nuvem de palavras. Veja os resultados nas imagens a seguir.

Figura 1: Nuvem de palavras turma 6º ano C



Fonte: acervo da autora

Figura 2: Nuvem de palavras turma 6º ano A



Fonte: acervo da autora

Os resultados da atividade indicaram que os/as alunos/as não conheciam o museu da cidade. Em seus comentários, relataram que o espaço apresentado na imagem se assemelhava a uma casa de avós e mencionaram que possuíam objetos parecidos em suas próprias famílias. Ou seja, nessa atividade vimos certa identificação dos/as estudantes com o nosso objeto de estudo. Nosso trabalho ganhava assim relevância, seja ao criar possibilidades de uma educação museal, seja para difundir o museu Cantinho da Vovó Bem e a respectiva história de nossa comunidade.

Portanto, elaborar uma dissertação e um produto educacional a partir da experiência de uma jovem estudante após a visita a um museu local, como mencionado anteriormente, exigiu a adoção de algumas reflexões teóricas e metodológicas. Nesse sentido, as contribuições de Circe Bittencourt (2008) em seu clássico livro sobre o Ensino de História foram fundamentais. A autora destaca a importância da utilização de fontes históricas diversas, bem como a adoção de metodologias ativas e diferenciadas. Entre essas estratégias, ela discute o uso de vídeos, música, teatro e visitas a museus como recursos didáticos eficazes. No entanto, Bittencourt também alerta para a necessidade de uma abordagem crítica no uso desses instrumentos, uma vez que, muitas vezes, a escola tende a utilizá-los

apenas como elementos ilustrativos, sem explorar plenamente seu potencial pedagógico e reflexivo.

A visita a um museu ou mesmo a realização de atividades à distância com seu acervo ou sua própria história precisam ser mediadas pelas professoras e pelos professores de modo a aguçar os sentidos dos/das estudantes, estimulando a pesquisa e o senso crítico. Os museus são espaços importantes para visualizar conceitos discutidos em sala de aula, bem como para problematizar a questão da memória e do processo de seleção de patrimônios, assim como promover a valorização da diversidade e auxiliar na construção da cidadania das alunas e dos alunos, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Outro aspecto relevante é o aprendizado prático e interativo proporcionado pelos museus, tornando o ensino mais envolvente.

As vantagens da Educação Museal são evidentes. Todavia, a escassez de recursos, as burocracias para acesso ao transporte, liberação dos/as alunos/as e mesmo a inexistência desse equipamento cultural em várias regiões do país impõem desafios à sua execução. Diante desse quadro, a presente dissertação e o seu material educacional propõem alternativas para os/as estudantes terem acesso aos acervos museológicos sem a obrigatoriedade de deslocamentos ou custos adicionais. Isso porque fornecemos recursos digitais que podem aproximar os/as estudantes da experiência museal.

Entre as estratégias para aproximar os/as estudantes de qualquer parte do país do museu da Vovó Bem, destacamos a seleção de um documentário/entrevista disponível no Youtube sobre o Cantinho da Vovó Bem e sua curadora. Ao utilizarmos esse recurso, foi essencial refletir sobre a dualidade inerente a esse tipo de fonte, que se situa entre o registro factual e a construção da narrativa. A relação entre o conceito de representação e a imagem cinematográfica, ancorada na historicidade da visualidade, ganhou destaque a partir da década de 1970 quando a influência da Escola dos Annales incentivou o uso de filmes como fontes históricas. A Nova História Cultural consolidou o conceito de representação, contrapondo-o à mentalidade da historiografia francesa, enquanto Roger Chartier reforçou sua conexão com práticas e apropriações, tornando-a análoga à imagem.

A partir dos anos 1990, estudiosos/as revisitaram questões levantadas por pioneiros como Marc Ferro e Pierre Sorlin. Ferro destacava a contextualização e via o filme como um reflexo das ideologias e imaginários da sociedade, compreendendo a imagem como uma construção da realidade influenciada por fatores externos. Já Sorlin buscava articular semiótica e contexto, enfatizando a descontinuidade fílmica e sua relação com a realidade

social. No Brasil, José d' Assunção Barros enfatiza que os filmes são sempre representações do passado, operando como construções narrativas e não como a realidade em si.

Nesse cenário, os documentários ocupam um papel central, pois apresentam-se como registros de realidades históricas, sendo também atravessados por construções narrativas e escolhas editoriais que afetam sua objetividade. O documentário, longe de ser uma mera reprodução da realidade, deve ser analisado criticamente como uma representação que combina elementos factuais e interpretativos, exigindo dos/as historiadores/as um olhar atento para seus discursos, estratégias de montagem e intencionalidades.

Assim, o documentário sobre a Vovó Bem e seu museu se insere nesse debate, pois, ao mesmo tempo que testemunha práticas e memórias locais, também mobiliza recursos estéticos e discursivos que moldam a percepção do público. Assim, seu uso nas aulas-oficina não apenas ilustra conteúdos históricos, mas também estimula reflexões críticas sobre a produção e a interpretação das imagens no contexto da educação museal.

Ou seja, aos/as estudantes indicamos o vídeo como um documento histórico legítimo, revelador de fatos e formas de pensar e de significados sobre o passado com uma iniciativa que buscava valorizar, naquele contexto, a preservação da identidade e da memória do estado do Mato Grosso.

Outra consideração importante que norteou essa dissertação e seu material educacional foram os debates historiográficos acerca da escravidão. Temática central para compreender a história do Brasil, assim como de suas unidades federativas, como o estado do Mato Grosso, esta se encontra presente na nossa segunda aula-oficina. Foi importante considerar que a historiografia sobre a escravidão atlântica tem passado por diversas reformulações, especialmente no contexto da história global, que emergiu nas décadas de 1980 e 1990 como uma tentativa de construir abordagens historiográficas mais amplas e interconectadas. Essas, por sua vez, buscaram atentar para os conflitos e para as especificidades regionais sem negar o caráter transnacional do tráfico de pessoas escravizadas e seu impacto na formação do capitalismo, especialmente, após a difusão dos trabalhos de Robin Blackburn e Paul Lovejoy, que retomaram a perspectiva atlântica das relações escravistas. Portanto, ao identificar vestígios materiais da escravidão entre os objetos do museu Cantinho da Vovó Bem, propomos uma reflexão mais ampla acerca da memória e da cultura dos africanos e seus descendentes no Brasil, destacamos, portanto, a importância de preservar outros patrimônios e a diversidade cultural dos africanos na diáspora.

Consideramos também as Orientações Curriculares da Educação Básica de Mato Grosso (OC's - 2010). Nelas, é marcante a orientação em se trabalhar a história local/regional, algo que muitas vezes não conseguimos inserir de forma significativa em nossas aulas. Verifica-se que o material estruturado utilizado pelas escolas públicas não contempla esse tema, uma vez que aparece como uma sugestão a ser trabalhada, mas que não traz esse conteúdo no material. Essa realidade não é exclusiva do nosso Estado. Ao longo das últimas décadas, o ensino da História Local e Regional enfrentou diversos desafios e transformações. Na educação escolar, professores/as encontram dificuldades tanto na obtenção de materiais didáticos adequados quanto na compreensão das metodologias apropriadas para abordar esse tema. Além disso, a limitação de tempo, causada pelo currículo extenso e pela carga horária reduzida, também impacta seu ensino. No âmbito acadêmico, a pesquisa sobre o tema é frequentemente subestimada, sendo considerada de pouca relevância e reconhecimento, além de estar restrita a um grupo reduzido de estudiosos/as (Antonello, 2020, p.19).

Durante a pesquisa encontrei vários trabalhos de mestrado que abordam esse tema, especialmente no Profhistória, um programa voltado para professores/as que, assim como eu, buscam aplicar os conhecimentos adquiridos em suas práticas pedagógicas. Os estudos destacam as tensões entre o global e o local na formação de um/a cidadão/ã do mundo, todavia, sem perder as raízes culturais, e com ativa participação tanto na vida nacional quanto na comunitária.

O estudo da história local, em um mundo caracterizado pela globalização cultural e econômica, repleto de fóruns políticos internacionais ganha muita relevância. Isso porque pode proporcionar e fortalecer a conexão com o ambiente local e com a comunidade mais próxima, elo fundamental para a integração global. Igualmente, contribui para uma crescente valorização da diversidade étnica, regional e cultural. Por isso, a escola tem um papel crucial em valorizar o grupo local, ao mesmo tempo em que deve promover uma visão que ultrapasse essas fronteiras, garantindo que crianças e jovens, pertencentes a diferentes grupos sociais, tenham acesso ao conhecimento tanto sobre a cultura brasileira em seus contextos nacional e regional quanto sobre o patrimônio universal da humanidade.

Em vista disso, a dissertação analisa o Museu Particular Cantinho da Vovó Bem, localizado na residência de Maria da Piedade, colecionadora de artefatos antigos que preservam a memória e a cultura de Poconé. O estudo busca entender como o museu contribui para a construção do conhecimento dos/as estudantes das séries finais do ensino

fundamental, especialmente do 6º e 8º anos, com foco na questão proposta por Circe Bittencourt (2008): “como transformar os objetos de museus em fonte de conhecimento histórico?”. Igualmente, tomamos como norte a teoria de Michel de Certeau (1982). O autor defende que o historiador transforma materiais em história, logo, a pesquisa visa explorar as fontes históricas do museu para reconstituir uma história adormecida sobre a cidade de Poconé.

Para as aulas-oficina, adotaremos os pressupostos de Isabel Barca, que destaca a importância da participação ativa de alunos/as e professores/as no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo é romper com aulas tradicionais e permitir que os/as estudantes, como protagonistas, reflitam sobre a história e sua construção, incentivando uma abordagem mais dinâmica e participativa.

Ana Paula Squinelo em recente publicação desenvolveu uma metodologia que inspirou a elaboração das nossas aulas-oficina. Concordando com Barca, a autora parte da definição de uma aula-oficina como um momento educativo que promove a interatividade e o protagonismo das/os alunas/os. Nesse modelo, todas/os as/os estudantes têm a oportunidade de compartilhar a liderança do processo de aprendizado, ao contrário do modelo tradicional, no qual o/a professor/a é o/a único/a detentor/a do conhecimento e as/os alunas/os são receptores passivos/as. A aula-oficina, portanto, coloca-as/os como agentes ativos/as, incentivando a troca de ideias, experiências e interpretações.

Essa metodologia dá ênfase à análise de fontes diversificadas. Ao invés de se limitar a livros didáticos ou textos convencionais, a aula-oficina permite a exploração de uma ampla gama de fontes históricas, como jornais, fotografias, vídeos e documentários. Essa abordagem proporciona uma compreensão mais abrangente e crítica dos conteúdos, de modo a demonstrar como a História não é apenas uma sequência de fatos, mas uma construção complexa. Igualmente, parte-se da valorização da experiência pessoal rompendo com o modelo tradicional. Permite-se uma maior flexibilidade na organização do espaço e das atividades, estimulando o trabalho colaborativo, dentro ou até mesmo fora da sala de aula, em espaços que favoreçam a criação e a reflexão. Essa quebra de paradigma proporciona liberdade para que os/as estudantes se envolvam ativamente em projetos e discussões que contribuem para a sua formação crítica.

Um pilar central da aula-oficina é o enfoque em temas relevantes. Questões emergentes e significativas do tempo presente, como gênero, raça e desigualdade social, são

integradas ao conteúdo, permitindo que as/os alunas/os se conectem com tópicos que afetam diretamente suas vidas e o mundo ao seu redor. Por fim, busca-se indicar possibilidades de modo a tornar a aula-oficina flexível e adaptável a diferentes realidades. O material pode ser usado de acordo com as necessidades e características de cada turma, ou objetivo do/a professor/a.

Dessa forma as aulas-oficina apresentadas como material educacional buscaram romper com as aulas baseadas em simples narrativas históricas, onde o/a professor/a é o centro e o/a estudante mero receptor/a de informações, uma vez que as aulas devem possibilitar aos/as estudantes refletirem sobre a história e como ela foi construída, transformando-os/as em protagonistas na construção do saber na residência da Senhora Maria da Piedade, colecionadora de artefatos antigos carregados de lembranças dos/as moradores/as de Poconé.

O trabalho está dividido em 3 capítulos: no primeiro capítulo faço uma breve introdução da história do ensino de História no Brasil, problematizando o conceito e caracterização da história local/regional e uma discussão sobre memória, patrimônio cultural, museus e educação museológica.

No segundo capítulo contextualizo a origem do Município de Poconé, apresento a história do município, abordando sua origem, seus aspectos sociais, culturais e econômicos e utilizando como uma das fontes o memorialista José Lucídio Nunes Rondon, autor do livro *Poconé, sua terra, sua gente*, publicado em 1981, uma referência para os estudos do município e a história do Cantinho da Vovó Bem, um Museu em Poconé-MT.

O capítulo final apresenta o produto material educacional em formato de Aulas-Oficina. Na primeira oficina busquei trabalhar a temática sobre o protagonismo feminino no campo museal através da trajetória da Vovó Bem. Com o objetivo de oportunizar situações de aprendizado para que os/as alunos/as aprendam a selecionar, compreender e refletir sobre o significado da produção, circulação, conservação e uso de fontes históricas através do estudo de caso da vida e da obra de Maria Piedade, conhecida no município de Poconé-MT como Vovó Bem. Assim utilizamos estratégias que buscam evidenciar o protagonismo das/os estudantes. Por isso, optamos, entre outras, por indicar os recursos: documentário, fontes escritas, sites para pesquisas, vídeos do YouTube e outros em consonância com a demanda atual em se trabalhar com as metodologias ativas.

Portanto, foi fundamental esclarecer os conceitos de documentário, protagonismo, memória, lugares de memória, história local, fonte histórica, entre outros. Como avaliação final propomos a produção de uma biografia da Vovó Bem.

No tocante à segunda oficina, a temática abordada foi a construção de museus e sua respectiva difusão. Diante disso, encaminhamos as atividades no sentido de construir ferramentas e habilidades para a transposição do Cantinho da Vovó Bem em um museu virtual. Para tanto, orientamos estratégias que constam na competência três apresentada pela BNCC, através das quais os/as estudantes possam elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito. Essa sequência didática, por sua vez, apresentou os conceitos de museu, representatividade, identidade cultural, sujeito histórico, notícia, reportagem e outros. Para avaliação final foi indicado transformar o Cantinho da Vovó Bem em um Museu Virtual.

Cabe dizer ainda que se criou a oportunidade de debatermos uma temática central para a comunidade poconeana: o seu passado escravista e as comunidades quilombolas que vivem no entorno da cidade. Através de vestígios materiais presentes no acervo do museu em estudo, problematizamos a memória sensível/difícil da população escravizada, e, sugerimos a inclusão de outras referências à história e à memória dos afro-brasileiros, africanos e seus descendentes, especialmente, de cunho imaterial.

A euforia de minha filha ao visitar o Museu Cantinho da Vovó Bem, evidenciou o impacto desse espaço na construção do conhecimento histórico e na valorização da memória local. Assim, além de reconhecer a importância do museu, a iniciativa incentiva novas abordagens pedagógicas que valorizam a identidade cultural e a memória dos moradores/as de Poconé, fortalecendo o vínculo entre a comunidade e sua história por meio de um aprendizado que ultrapassa os limites da sala de aula e se conecta diretamente com a vivência dos/as estudantes.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, alguns conceitos foram fundamentais ao nortear nossas escolhas, análises e conclusões. Em especial, foi preciso compreender as noções de patrimônio cultural e memória, suas correlações com a construção e a preservação das identidades. Igualmente, precisei tomar conhecimento acerca dos desafios e avanços impostos ao campo da preservação do patrimônio cultural, mas especificamente quanto à importância da memória na preservação do patrimônio.

2. ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL E A HISTÓRIA LOCAL/REGIONAL.

2.1 - Trilhando o caminho do ensino de História no Brasil

De acordo com Fonseca (1997), a partir do século XIX o ensino de História no Brasil foi incluído nos programas escolares voltado para destacar os grandes feitos e personagens que constituíam a identidade da nação, com um ensino em que os/as alunos/as deveriam decorar datas e fatos, sem nenhuma criticidade ou sentido em relação ao conteúdo estudado, em consonância com o projeto educativo do período. Para Bittencourt (2008) o ensino de História em sua trajetória sofreu algumas variações:

O ensino de História sempre esteve presente nas escolas elementares ou escolas primárias brasileiras, variando, no entanto, de importância no período que vai do século XIX ao atual. Inicialmente foi objeto de poucos estudos nas escolas encarregadas de alfabetizar, mas, à medida que se organizava e se ampliava esse nível de escolarização, a partir da década de 70 do século XIX, sua importância foi ampliada como conteúdo encarregado de veicular uma “história nacional” e como instrumento pedagógico significativo na constituição de uma “identidade nacional”. Esse objetivo sempre permeou o ensino de História para os alunos de “primeiras letras” e ainda está presente na organização curricular do século XXI. Métodos e conteúdos foram sendo organizados e reelaborados a fim de atingir esse objetivo maior (Bittencourt, 2008, p.60).

Schmidt e Cainelli (2004) destacam que o ensino de história no Brasil, passou por muitas transformações decorrentes das mudanças nas propostas educacionais, as quais se divide em fases: “a fase que se pode denominar ensino tradicional, a fase em que predominou o ensino de estudos sociais e fase atual, de ensino de História” (Schmidt e Cainelli, 2004, p.15).

Para os autores Schmidt e Cainelli:

Assim, a década de 1980 foi marcada pelos debates acerca de questões sobre a retomada da disciplina história como espaço para um ensino crítico, centrado em discussões sobre temáticas relacionadas com o cotidiano do aluno, seu trabalho e sua historicidade. O objetivo era recuperar o aluno como sujeito produtor da História, e não como mero expectador de uma história já determinada, produzida pelos heroicos personagens dos livros didáticos (Schmidt e Cainelli, 2004, p.12-13).

O que se percebe é um movimento no sentido de se voltar o olhar para as identidades individuais, buscando um ensino mais significativo e que faça sentido ao/a aluno/a, no qual

o/a professor/a enquanto mediador/a do conhecimento, desperte o sentimento de pertencimento dos/as estudantes ao seu entorno, dando sentido ao conteúdo estudado, para que ele não seja apenas mecânico.

Segundo Circe Bittencourt:

As transformações no ensino de História podem ser identificadas mediante a análise de várias propostas curriculares elaboradas a partir de 1980 pelos Estados e municípios e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, produzidos pelo poder federal na segunda metade da década de 90. Nos últimos dez anos tem surgido uma variedade de propostas que almejam proporcionar um ensino de História mais significativo para a geração do mundo tecnológico, com seus ritmos diversos de apreensão do presente e seu intenso consumismo, o qual desenvolve, no público escolar, expectativas utilitárias muito acentuadas (Bittencourt, 2008, p.99).

Ao analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), percebemos que estes buscam modificações dentro da escola, no sentido que seja ela um espaço que proporcione ao/a estudante a construção da sua própria identidade e cidadania.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais nascem da necessidade de se construir uma referência curricular nacional para o ensino fundamental que possa ser discutida e traduzida em propostas regionais nos diferentes estados e municípios brasileiros, em projetos educativos nas escolas e nas salas de aulas. E que possam garantir a todo aluno de qualquer região do país, do interior ou do litoral, de uma grande cidade ou da zona rural, que frequentam cursos nos períodos diurno ou noturno, que sejam portadores de necessidades especiais, o direito de ter acesso aos conhecimentos indispensáveis para a construção de sua cidadania (Brasil, 1998, p.9).

Diante das prerrogativas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹ (2017), as Orientações Curriculares da Educação Básica de Mato Grosso (OC's,) (2010) na área de Ciências Humanas trazem como objetivos:

Os objetivos do ensino de História para os anos finais do Ensino Fundamental buscam compreender o gênero humano, nas múltiplas dimensões, contemplando as diversidades, suas vivências e experiências que perpassam o campo das relações humanas, contribuindo para a construção física, afetiva, cultural, intelectual e social. Essas devem ser trabalhadas para garantir o desenvolvimento integral, fundamentando-o nas competências gerais da Base Nacional Curricular. Sendo assim,

¹ O processo de elaboração da BNCC iniciou-se em 2014, com a criação de um comitê responsável por sua construção, composto por especialistas e representantes de diferentes áreas do conhecimento. Ao longo de quatro anos, ocorreram diversas etapas de consulta pública, envolvendo professores, gestores, estudantes, especialistas e a sociedade em geral. Interessa dizer que em suas primeiras versões, houve debates acalorados que reprovavam premissas de um currículo eurocentrista para o componente curricular História.

compete ao profissional docente do componente curricular de História do Ensino Fundamental, reconhecer que os estudantes agem de acordo com a época e o lugar em que vivem, de forma a conservar ou transformar seus conceitos, hábitos e costumes (OC's, 2010, p.249).

Através dessas orientações percebemos que o/a professor/a de história tem um desafio muito grande e importante na formação dos/as estudantes, especialmente no que tange a transposição das competências gerais da BNCC para a sala de aula. Essas competências, que incluem comunicação, empatia, pensamento crítico e resolução de problemas, exigem práticas pedagógicas inovadoras e alinhadas ao desenvolvimento integral do/a aluno/a. Muitos educadores/as ainda encontram dificuldades em traduzir esses conceitos em atividades concretas, especialmente em contextos de escassez de recursos ou em turmas com alta heterogeneidade. O processo de constante transformação dos/as estudantes, marcado por suas diversas particularidades, deve ser respeitado e levado em consideração para que haja a construção do conhecimento a partir de suas vivências cotidianas, como enfatiza Bittencourt (2008).

A história local geralmente se liga a história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas, tanto no presente como no passado. (Bittencourt, 2008, p.168)

Assim sendo, faz-se necessário valorizar e colocar em prática o estudo do local para que o/a estudante possa se sentir integrante do espaço em que convive, partindo da realidade de cada um, colaborando para o fortalecimento de sua identidade. Sendo assim, buscamos considerar a importância da história local como um importante alicerce para a construção da própria história nacional. Ela problematiza e demonstra como eventos locais estão conectados a processos históricos mais amplos, sejam eles sociais, políticos ou econômicos. Dessa forma, os indivíduos aprendem a interpretar o mundo a partir de suas próprias experiências locais, desenvolvendo uma visão mais crítica e contextualizada da realidade.

2.2 - História Local/Regional e a construção da identidade e da cidadania

Apresento inicialmente uma discussão importante sobre a diferença entre a história local e a história regional, uma vez que diferenciá-las levará a melhor compreensão do tema.

Estudar a História Local é algo inovador e relevante para a consolidação de um novo saber histórico entre os educadores do Brasil. As pesquisas referentes à História Regional e Local nem sempre tiveram importância no

mundo acadêmico, apenas a partir do final da década de 1980 que precipitaram os trabalhos relacionados a esses temas graças à nova concepção historiográfica que surgiu na França em 1929, denominada Nova História. Portanto, nessa nova abordagem historiográfica passou a existir uma diversificação no conceito de fonte histórica. (Souza, 2016, p.5).

De acordo com Martins (2010) ao longo dos séculos XIX e XX a história regional foi escrita a partir da influência do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) que tinha como membros pessoas influentes e bem colocadas na sociedade da época. Dessa forma “a narrativa, a seleção e o encadeamento dos fatos, a referência recorrente a determinados tipos de personagens, tudo isso objetivava mostrar que a região é o resultado do protagonismo de figuras extraordinárias” (Martins, 2010, p. 141).

Por vezes, a história regional foi tomada como aquela que trata de uma determinada porção de terra do país. No entanto, a partir de perspectivas diferentes, podemos encontrar diferentes definições da palavra região:

Em primeiro lugar, região – um determinado recorte da superfície terrestre – é espaço natural, político, técnico e cultural. Em segundo lugar, para pensar a região é necessário ultrapassar o puro dado material, a paisagem natural, na direção do espaço vivido. Por si sós, relevo, clima, vegetação, hidrografia e ecossistema não são suficientes para definir uma região, porque é preciso saber como seus habitantes se veem, estabelecem relações entre si e com os “forasteiros”, quais sentimentos nutrem pelo espaço que historicamente ocuparam e construíram. Em terceiro lugar, a região precisa ser vista como totalidade aberta, e em movimento, atravessada por fluxos de energia, matérias (como água, sedimentos, partículas trazidas pelos ventos, resíduos de atividades humanas etc.) bens, ideias, interesses, poderes, seres vivos (Martins, 2010, p. 144).

Portanto, a região não é caracterizada apenas pelas paisagens naturais, ela está relacionada ao ambiente em movimento e passa pelos estudos econômicos e culturais. Para Bittencourt (2008), um dos fatores que fez com que a história regional fosse valorizada foi tratar das diferenças e multiplicidades, enquanto a historiografia nacional destaca as semelhanças. Nesse sentido, “a História Regional proporciona, na dimensão do estudo do singular, um aprofundamento do conhecimento sobre a história nacional, ao estabelecer relações entre as situações históricas diversas que constituem a nação” (Bittencourt, 2008, p. 161).

Os “historiadores regionalistas” trabalham com regiões e localidades não porque afirmam a dicotomia entre o geral e o particular. Fazem isso porque questionam e criticam as narrativas e interpretações históricas dominantes

e as crônicas triunfalistas do progresso, seus pressupostos e implicações político-identitárias (Martins, 2010, p.143).

Pensar a história regional em um país extenso, com um determinado espaço físico como o Brasil, no qual se tem regiões amplas, com uma dinâmica própria interna como podemos citar, o Vale do Paraíba, a Amazônia, o Pantanal, entre outras, é diferente de se pensar na França, em que a história local é considerada história regional, resultante de sua extensão territorial. Nesse sentido, é necessário ter o cuidado com as definições que utilizamos pois o/a historiador/a deve esclarecer os critérios que utilizou para delimitar seu espaço de investigação.

Não podemos nos esquecer que o objetivo do ensino de história é a compreensão dos processos e dos/as sujeitos/as históricos, através do qual se busca a formação de cidadãos/os críticas/os. Assim, a história local não pode se afastar do conceito mais amplo de região, bem como se deve fazer uma relação com o cenário nacional.

Ao buscarmos a definição sobre história local recorreremos à bibliografia pertinente ao tema proposto, e no referencial elencado é notável o quanto o assunto está ganhando espaço e importância entre os/as historiadores/as como uma estratégia de ensino e campo de aprendizagem. Porém é preciso atentar para a abrangência desse conceito, uma vez que não deve se limitar a história do entorno, pelo fato de cada lugar possuir suas especificidades.

Goubert (1992) traz uma definição muito utilizada nas bibliografias pesquisadas:

Denominaremos história local aquela que diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média (um grande porto ou uma capital estão além do âmbito local), ou uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum (como um county inglês, um contado italiano, uma Land alemã, uma bailiwick ou pays francês). Praticada há tempos com cuidado, zelo, e até orgulho, a história local mais tarde desprezada – principalmente nos séculos XIX e primeira metade do XX – pelos partidários da história geral. A partir, porém, da metade desse século, a história local ressurgiu e adquiriu novo significado; na verdade, alguns chegam a afirmar que somente a história local pode ser autêntica e fundamentada. (Goubert, 1992. p.70).

Barros (2013) em artigo publicado sobre Ensino de história, memória e história local afirma que:

A História Local é entendida como uma modalidade de estudos históricos que contribui para a construção dos processos interpretativos sobre as

formas como os atores sociais se constituem historicamente em seus modos de viver, situados em espaços que são socialmente construídos e repensados pelo poder político e econômico na forma estrutural de “bairros e cidades” (Barros, 2013, p.15).

Dessa forma, o ensino da história local não pode ser considerado apenas uma história do presente, uma vez que o local é um espaço constituído através da ação humana, de indivíduos que na sua comunidade desenvolveram relações importantes seja em casa, na escola, nos locais de trabalho e lazer. O método de ensino deve articular as situações cotidianas com o espaço local e, conseqüentemente com o nacional, de forma contextualizada e coerente.

A História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível do desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos (Samuel, 1989, p.220).

Nunes (2020), afirma que os primeiros registros da história local no Brasil nos remetem ao período colonial, no qual os cronistas e viajantes que por aqui passaram deixaram registrados aquilo que viram pelos lugares que percorreram. Esses intelectuais utilizavam dos registros e documentação que tinham acesso e assim escreveram o que hoje nos serve de fontes de estudo.

A partir do momento em que a história se torna uma ciência, o que ocorreu no século XIX, passou a haver uma maior preocupação com as fontes, métodos e teoria que tinham acesso, porém os intelectuais do período já tinham muita bagagem sobre o local, o que não interessou aos/as historiadores/as da academia, estes mantinham o foco na história geral, como bem descreve Nunes (2020):

O interesse desta primeira geração científica de historiadores voltava-se para as altas classes sociais, pretendendo a construção de uma história de âmbito geral, de cunho nacional de modo que o enfoque regional ou caia no desinteresse completo ou ficava para um segundo plano. (Nunes, 2020, p.10).

Conforme aponta Antonello (2020), essa visão redutora sobre a história do local, então desprezada, está se alterando, à medida em que o tema vem ganhando visibilidade,

principalmente com novos métodos que puderam dinamizar a relação entre o objeto e o pesquisador, isso se deve principalmente ao surgimento da chamada Escola Nova na Europa no fim do século XIX e ganha força na primeira metade do século XX, e no Brasil a partir de 1980, possibilitando um novo olhar para a História Local/Regional (Antonello, 2020, p. 19).

Os escola novistas como eram chamados, pelo fato de buscarem novos olhares para a educação, muito contribuíram para as mudanças dentro do ensino ao questionarem e problematizaram os estudos apenas dos eventos e personagens do passado, sem recorrência aos acontecimentos do presente cotidiano e muito pautado em um ensino apenas de memorização de datas e nomes.

Ao se utilizar a história local/regional em sala de aula surge uma nova perspectiva de ensino que leva o/a estudante a se reconhecer no seu espaço cotidiano, sendo integrante da história, além de contribuir para que ele possa refletir a respeito das suas relações sociais, estabelecidas entre educador/a, educando/a e a sociedade, para tanto é necessário estar atento ao que esclarece Bittencourt (2008):

O papel do ensino de História na configuração identitária dos alunos é um dos aspectos relevantes para considerar ao proporem-se estudos da história local. Muitas vezes esta tem sido objeto de estudo escolar, preservando, no entanto os mesmos pressupostos norteadores da história nacional. A história local pode simplesmente reproduzir a história do poder local e das classes dominantes, caso se limite a fazer os alunos conhecerem nomes de personagens políticos de outras épocas, destacando a vida e obra de antigos prefeitos e demais autoridades. Para evitar tais riscos, é preciso identificar o enfoque e a abordagem de uma história local que crie vínculos com a memória familiar, do trabalho, da migração, das festas... (Bittencourt, 2008, p. 168/169).

É muito importante focar em nosso objeto de estudo, pautados no que bem pontuou Bittencourt, caso contrário fugiremos do sentido do ensino de história, já que os/as estudantes devem ter uma compreensão do conhecimento histórico, partindo de seus interesses e vivências.

Schmidt e Cainelli (2004) elencam algumas possibilidades para se trabalhar a história local como estratégia de aprendizagem:

- O trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar suas próprias historicidade e identidade.
- O estudo com a história local ajuda a gerar atitudes investigativas, criadas com base no cotidiano do aluno, além de ajudá-lo a refletir acerca do sentido da realidade social.
- Como estratégia pedagógica,

as atividades com a história local ajudam o aluno na análise dos diferentes níveis da realidade: econômico, político, social e cultural. - O trabalho com espaços menores facilita o estabelecimento de continuidades e diferenças com as evidências de mudanças, conflitos e permanências. - O trabalho com a história local pode ser instrumento idôneo para a construção de uma história mais plural, menos homogênea, que não silencie a multiplicidade de vozes dos diferentes sujeitos da História (Schmidt e Cainelli, 2004, p.113).

Assim, diante das possibilidades para o trabalho com a história local/regional e em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) e as Orientações Curriculares da Educação Básica de Mato Grosso (OC's) (2010), temos uma gama de caminhos para tornar o ensino de História mais significativo e dinâmico, fazendo com que os/as estudantes sejam protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, agentes históricos. Para tanto, faz-se necessário realizar ações que lhes sejam familiares, vinculadas ao seu cotidiano, resultando na valorização do local em questão, no despertar do sentimento de pertencimento e na construção da cidadania e da identidade.

A cidadania, enraizada no contexto local e histórico, é compreendida de forma linear por Selva Guimarães (2016), que destaca a importância de os indivíduos construírem conhecimentos ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, a autora reconhece a complexidade do conceito, considerando suas múltiplas dimensões e significados para a humanidade.

Nessa perspectiva, a formação da cidadania pressupõe, para a autora, que ser um sujeito pensante é um passo fundamental no processo crítico e no reconhecimento das próprias capacidades reflexivas, possibilitando a identificação e a análise dos diferentes discursos que circulam na sociedade. O fato histórico, assim, torna-se um instrumento para formar sujeitos capazes de analisar criticamente as narrativas e compreender os processos de exclusão, dominação e resistência.

Para Guimarães, a história e a cidadania estão interligadas e associam-se a reflexões sobre as marcas históricas das lutas sociais, dos direitos humanos, da diversidade e dos conflitos de memória, elementos que precisam ser compreendidos para possibilitar a transformação da realidade. Nesse sentido, o espaço escolar deve promover um debate que integre consciência histórica e cidadania, reconhecendo que esta se reflete diretamente em valores e posicionamentos ativos, tão necessários aos estudantes desta geração.

No contexto da formação da consciência regional, a história dialoga com os princípios da cidadania ao demonstrar que, por seu intermédio, os processos históricos vinculados à regionalidade se materializam como forma intencional de compreensão da realidade, especialmente no ensino de História.

Conforme Guimarães (2016), a convivência entre as pessoas constitui um momento de hibridização de identidades — sociais e culturais —, inseridas em realidades complexas, nas quais se entrelaçam a intercultura e a multicultural. Tal contexto exige que a educação promova discussões fundamentadas na diversidade cultural e histórica. Nesse aspecto, reafirma-se a relevância e o potencial do trabalho docente, cuja função vai além de ensinar História como componente curricular, buscando constituir uma base sólida para a formação crítica dos/as alunos/as, fortalecendo seu vínculo com a cidadania.

As concepções de Guimarães (2009) nos ajudam a reinterpretar o papel do/a professor/a e sua constante formação como um esforço orientado por raízes históricas. Um dos objetivos centrais é reconhecer que as experiências vividas pelos/as estudantes são acúmulos de vivências que atravessaram o tempo, evidenciando que o passado se materializa para favorecer a compreensão e a transformação ao longo de suas trajetórias.

2.3 – Lugares de Memória

Ao desenvolver uma integração entre história local e os museus precisamos ter em conta que esses são espaços de memória. Isso nos leva a refletir sobre o papel da memória na preservação da identidade cultural de uma comunidade. A memória, materializada em espaços como o Museu Cantinho da Vovó Bem, é fundamental para manter vivas as histórias e tradições locais, reforçando o vínculo entre o passado e o presente. Todavia quando falamos em memória entramos em um território complexo, que perpassa diferentes áreas do conhecimento, dentre elas a psicologia, história, sociologia e neurociência.

Para Jacques Le Goff (1988), historiador francês, é importante descrever a memória no campo científico global. Segundo o autor: “A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1988, p.424).

Neste sentido, a memória é uma habilidade essencial que possibilita ao ser humano guardar e reter informações do passado. Ele enfatiza que essa função psíquica é subjetiva e se processa na mente humana, permitindo a recuperação de experiências vividas. Assim, a memória se configura como um fenômeno ativo e mutável, não limitado a ser um simples repositório de eventos passados, mas um processo bastante dinâmico e que envolve a construção, reconstrução e interpretação de experiências. (Le Goff, 1988).

Cabe fazer uma diferenciação entre memória individual e memória coletiva. A memória individual refere-se às recordações pessoais e únicas de cada ser humano, influenciadas por emoções, percepções e contextos históricos. Por outro lado, a memória coletiva diz respeito às lembranças compartilhadas por um grupo, que moldam a identidade cultural e social. Essas duas dimensões interagem de forma intrínseca: a memória individual é frequentemente alimentada pela memória coletiva, enquanto experiências pessoais podem influenciar a narrativa comum de um grupo. (Le Goff, 1988).

A abordagem de Le Goff sobre o tema percorre vários períodos, com ênfase especial na Idade Média. Debruçando-se sobre esse momento analisa como o homem, desde os primórdios, se utilizou da memória coletiva para demonstrar e estabelecer relações de poder.

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominavam e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (Le Goff, 1988, p.427).

O autor deixa claro a utilização da memória como instrumento de controle, do que deve ser lembrado e esquecido ao longo dos anos. E que a classe dominante busca moldar a forma como a história deve ser lembrada, ocorrendo uma manipulação da memória coletiva. Dando ênfase aos eventos ou narrativas que devem ser lembradas e silenciando, aquilo que pode comprometer sua posição social. A luta pelo controle da memória se torna, portanto, uma luta pelo poder, onde as narrativas que prevalecem influenciam as ações e percepções futuras.

A relação entre memória e manipulação, bem como os esquecimentos são temáticas abordadas por Pierre Nora em *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Para o autor:

A memória é vida sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas

deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora, 1993, p.9).

Nora observa que a memória pode atravessar “longas latências”, períodos em que determinados aspectos do passado podem ser esquecidos ou negligenciados, mas também pode ser revitalizada de forma súbita em certos momentos históricos, quando eventos, interesses ou narrativas trazem o passado de volta à tona.

Além de ser instrumento de manutenção do poder, a memória ainda desempenha um papel fundamental na formação da identidade, individual ou coletiva. Se tornando uma atividade central para as pessoas e sociedades contemporâneas, que almejam entender quem somos. Nesse sentido Le Goff (1988), afirma: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Le Goff, 1988, p.477)

Essa “febre” e “angústia” refletem a urgência e a necessidade que muitos sentem em preservar histórias e resgatar experiências e narrativas que moldam a identidade e conferem significados às suas vidas em um mundo em constante transformação. Assim, proteger a memória é garantir a permanência do patrimônio cultural, que é parte essencial da identidade e diversidade de uma sociedade.

A memória é uma capacidade humana essencial que nos permite conservar informações e experiências vividas, permitindo que elas sejam evocadas e atualizadas no presente. Ao desempenhar essa função de reter impressões passadas, a memória possibilita a conexão com eventos, pessoas e conhecimentos que já ocorreram, mas que continuam a influenciar o presente. Assim, ela não apenas guarda o passado, mas também o transforma, na medida em que novas interpretações podem surgir conforme as experiências atuais. Ao remeter-se a funções psíquicas, a memória atua como um repositório pessoal e coletivo, moldando identidades, culturas e relações sociais ao longo do tempo. Por isso, ela é central na construção da identidade individual e na preservação do patrimônio cultural, pois sem a memória, tanto os bens materiais quanto imateriais perderiam seus significados, desconectando-se da história e da identidade de uma comunidade.

A origem dos museus remonta às práticas colecionistas da Antiguidade, associadas a relações hierárquicas e ao poder. Durante a Idade Média e o Renascimento, reis e nobres acumulavam objetos históricos, prática que se intensificou com o surgimento dos Estados

Modernos (Carlan, 2008). Nos séculos XVII e XVIII, com o avanço da ciência e da arqueologia, colecionadores europeus passaram a reunir diferentes artefatos da América, África e Ásia, incluindo até mesmo pessoas, compondo os gabinetes de curiosidades (Lara, 2007).

A Revolução Francesa representou uma mudança significativa: o patrimônio monárquico passou a ser considerado bem público. O Louvre foi transformado em museu, com a missão de preservar a memória nacional e educar os cidadãos. No século XIX, os museus consolidaram-se como instituições de pesquisa, ensino e preservação. Atualmente, sua função crítica é reconhecida: tanto exposições quanto reservas técnicas envolvem escolhas políticas e ideológicas. Isso porque o processo de musealização consiste em retirar o objeto de seu contexto original e atribuir-lhe novos significados, ampliando o seu valor simbólico. Podendo ser destacado quatro características centrais da musealização: seletividade, transformação, função comunicacional e valorização (Carlan, 2008).

No Brasil, a criação dos museus foi impulsionada por uma elite ilustrada, com base em modelos europeus. Segundo Lilia Schwarcz (1999), eles buscaram construir uma identidade nacional através da ciência e da cultura, frequentemente apagando a diversidade dos povos do território. Assim, os museus funcionavam como canais de comunicação de discursos sobre a nação. Inspirado no modelo francês, D. João VI criou instituições como o Museu Nacional. No entanto, a partir da década de 1970, os museus passaram a ser criticados por seu caráter conservador. Com o tempo, foram revalorizados como espaços dinâmicos de construção de narrativas culturais (Santos, 2004).

Como destacou Pollak (1989), os museus não apenas preservam memórias, mas as reconstróem a partir de critérios políticos. Desde os anos 1980, no Brasil, verifica-se uma ampliação no conceito de memória, com maior inclusão de grupos historicamente silenciados. Esse movimento, segundo Márcia Chuva (2002), dialoga com propostas decoloniais e questiona a lógica eurocêntrica dominante.

Nesse sentido, podemos afirmar que hoje, museus comunitários, indígenas, de favelas e ecomuseus exemplificam como essas instituições vêm se transformando em espaços plurais, comprometidos com a valorização da diversidade e a democratização da memória. Integrando esse movimento de novas e descentralizadas práticas museológicas, destaca-se o Museu Cantinho da Vovó Bem, que figura como o objeto central desta dissertação. Fundado por iniciativa de Dona Bem, cujo vínculo afetivo com a história familiar e comunitária inspirou sua

criação, o museu organiza um acervo que inclui objetos cotidianos, fotografias e utensílios diversos, narrando a vida das populações locais.

Configurando-se como um espaço de preservação da memória coletiva, o museu em estudo não apenas fortalece os laços comunitários, mas também contribui para a valorização das identidades locais. Nesse contexto, “musealizar o cotidiano” emerge como um processo essencial para transformar a vida diária e seus objetos em fontes de estudo e preservação, reconhecendo seu valor cultural e histórico. A criação, análise e difusão de um museu como em estudo, contribui para a discussão do papel dos objetos como suportes de memória e para a relativização da fetichização dos acervos no museu. Com isso, podemos demonstrar que o objeto museal, pode ser banal, mas está sempre carregado de significados, representa memórias da mulher e do homem mais comuns (Abijaude; Oliveira, 2024).

Além disso, a questão da preservação da memória coletiva gira em torno da noção de patrimônio. Como destaca a historiadora Márcia Chuva, há uma história da construção do campo do patrimônio. Em um primeiro momento, essa teve como preocupação a produção de uma identidade nacional focada nos grandes heróis e no passado colonial. Eram destacados os elementos materiais e as contribuições dos europeus. O Brasil era representado como barroco, moderno e civilizado (Chuva, 2003).

Felizmente, ao longo dos últimos anos, a categoria de patrimônio passou a ser pensada dentro do contexto das coletividades, e, assim, sendo visto como o resultado de uma dialética da conservação e da destruição, de empasses e consensos entre os grupos. Deixado de ser percebido como um objeto essencializado, compreende-se o patrimônio como um elemento vivo, que tem uma história, e que, portanto, está sujeito a mudança. Os patrimônios incluem os bens materiais e imateriais, que não estão necessariamente separados um do outro. Ao contrário, estão profundamente interligados (Chuva, 2020).

Dessa forma, entendemos os patrimônios em uma perspectiva multicultural de modo a garantir o direito à memória e a história dos grupos minorizados. Olhar o passado desses grupos é uma das estratégias para combater as violências do presente, uma vez que o passado coexiste no presente, mas não de forma linear. O passado e a memória sobre ele são constantemente reencenados e reatualizados (Meneguello e Bentivoglio, 2022).

A patrimonialização está estruturada em um processo de remodelação e esquecimento em que os indivíduos e os grupos continuamente reconfiguram as suas relações com o passado e estabelecem lugares de memórias. É nesse sentido que olhamos

para o Cantinho da Vovó Bem, um museu particular, que seu acervo revela os conhecimentos, tradições e habilidades dos sujeitos históricos da região apresentada.

A preservação do patrimônio cultural é um desafio formado por muitos elementos e aspectos interdisciplinares, permeado por relações de poder e disputas, envolvendo uma seleção do que deve ser preservado ou não. Ao buscar a etimologia da palavra patrimônio também notamos essa associação ao poder, ligada à propriedade privada, proveniente da palavra latina *patrimonium* remetida à ideia de herança ou propriedade paternal. Existe uma associação histórica do patrimônio com a ideia de propriedade e transmissão familiar.

Tradicionalmente, o patrimônio cultural esteve estreitamente ligado a bens materiais, ou seja, aqueles que têm uma existência física, como monumentos, edifícios históricos e sítios arqueológicos. Esses bens materiais eram então conhecidos como “patrimônio de pedra e cal”, mantenedores de elementos físicos que têm valor histórico ou estético. Tais práticas, embora fundamentais, ignoram as dimensões sociais, culturais e simbólicas que também fazem parte da herança de uma comunidade. (Chuva, 2012)

Ao se falar em patrimônio na sala de aula é comum os/as estudantes associá-lo aos monumentos arquitetônicos característicos das cidades mais antigas do país ou cartões-postais das cidades turísticas. Essa percepção não está muito distante do que o Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 concebe como Patrimônio no Brasil:

Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, 2013, p. 25).

Ao analisar o parágrafo 1º do Decreto-Lei nº 25, percebemos que ele conecta patrimônio à fatos memoráveis da História do Brasil, intrinsicamente ligado àqueles que detinham o poder. Priorizava preservar a memória da elite da época, com foco na preservação de bens materiais que representavam seus feitos e valores.

A política preservacionista criada naquele momento estava voltada para os monumentos, com ênfase no tombamento. O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), criado para proteger o patrimônio cultural brasileiro, em sua atuação privilegiou as classes dominantes. “Preservaram-se as igrejas barrocas, os fortes militares, as casas-grandes e os sobrados coloniais. Esqueceram-se, no entanto, as senzalas, os quilombos, as vilas operárias e os cortiços” (Oriá, 2017, p. 131)

Conforme Olivem (2009), a legislação sobre o patrimônio no Brasil foi elaborada “quando o país passou por um processo de integração nacional, com o aprofundamento da construção da 'brasilidade'” (Olivem, 2009, p. 79). Essa legislação privilegiou uma visão elitista e eurocêntrica, excluindo da proteção legal outros bens que não eram considerados historicamente notáveis ou que não se encaixavam nos padrões estéticos e históricos estabelecidos.

Durante os anos da ditadura do Estado Novo, instaurada em 1937, ocorreu uma tentativa de construir a ideia de uma nação sem conflito, homogênea. Nesse contexto, a política patrimonial foi utilizada de forma intencional como instrumento de controle ideológico, na tentativa de tramar a construção de uma identidade nacional única, desvinculada da diversidade cultural do país. Além disto, tal política visava fortalecer o projeto autoritário do Estado Novo, legitimando em conjunto o poder da elite dominante. (Chuva, 2012)

A partir da Constituição de 1988 (Brasil) nota-se uma mudança na definição do patrimônio, abrindo espaço para outros bens que não eram levados em consideração no Decreto-Lei nº 25 de 1937. No art.216, patrimônio é apresentado como:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

(Brasil, 1988)

As mudanças apresentadas no Art.216 (Brasil, 1988) são um avanço na questão do patrimônio, na medida em que passa a considerar a memória dos diversos grupos que formam a nossa sociedade. Também amplia a visão do que se considera patrimônio além da “pedra e cal”, abrindo espaço para os modos de ser, fazer e viver, produtos da vivência humana. Porém, temos que ter consciência que a lei por si, não será capaz de dar conta da questão do patrimônio, mas abre um caminho para alcançar melhorias.

No ano de 1990, criou-se o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IPHAN) através do Decreto nº 99.240, em substituição às denominações anteriores: SPHAN, (criado em 1937) e Fundação Nacional Pró-Memória (criado em 1979). Essa mudança na denominação do órgão ocorreu a partir da necessidade de reorganização institucional do governo brasileiro. O objetivo era unificar e consolidar as atribuições em um único órgão, que reunisse as atividades de preservação e promoção do patrimônio cultural, considerando as mudanças sociais, econômicas e políticas que o Brasil vivia.

O Decreto nº 3.551, promulgado em 04 de agosto de 2000, no então governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, instituiu as diretrizes para o registro de bens imateriais. O artigo versa sobre a necessidade de preservação dos saberes, práticas, celebrações, músicas, danças e tradições orais. Assim abre as prerrogativas legais para que os bens imateriais tenham oportunidade de ser reconhecido e preservados.

O registro corresponde à identificação e à produção de conhecimento sobre o bem cultural de natureza imaterial e equivale a documentar, pelos meios técnicos mais adequados, o passado e o presente dessas manifestações, em suas diferentes versões, tornando tais informações amplamente acessíveis ao público. O objetivo é manter o registro da memória desses bens culturais e de sua trajetória no tempo, porque só assim se pode preservá-los. (Santanna, 2009, p.55).

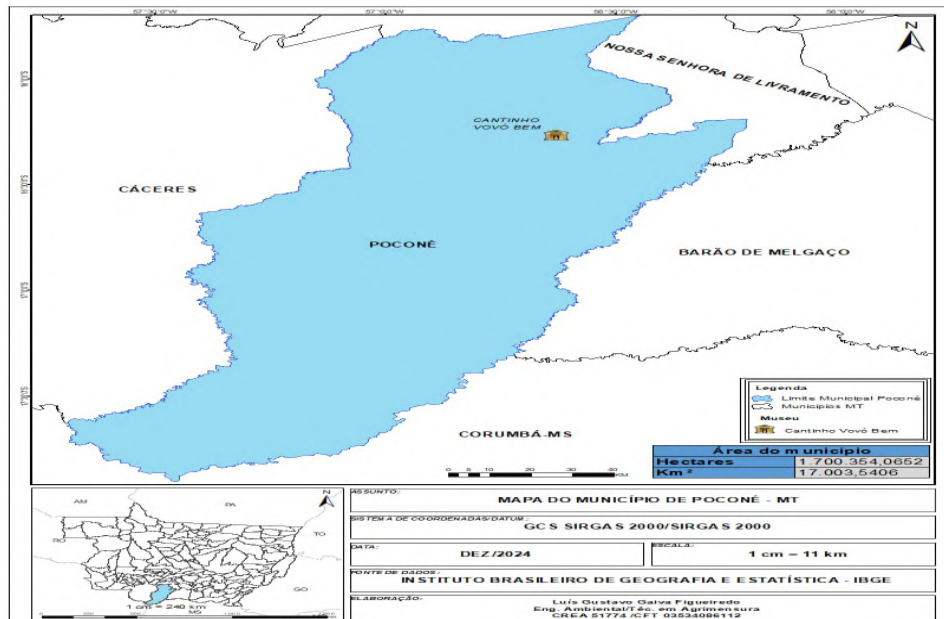
Os livros de registros representam uma conquista para a preservação do patrimônio cultural. No entanto, um documento escrito não garante, por si só, a efetiva inclusão de bens significativos para a comunidade nesses registros, pois o processo junto ao IPHAN envolve diversos desafios. Além disso, a caracterização de um bem imaterial não é simples, mas isso tem sido possível graças à participação tanto dos órgãos responsáveis quanto da comunidade, que também pode solicitar o registro de bens como patrimônio cultural.

3 O MUNICÍPIO DE POCONÉ-MT: RAÍZES, CULTURA E PERSONAGENS FEMININAS

“Portal de entrada do Pantanal Mato-Grossense” é uma denominação atribuída à cidade de Poconé, um município que concentra em sua extensão uma das mais belas paisagens naturais do Brasil e que é visitada anualmente por muitos turistas dos mais variados cantos do mundo. Em contraste com a bela paisagem natural e com os encantos de sua flora e fauna, há na cidade muitos garimpos e empresas mineradoras que extraem uma quantidade extraordinária, quase incalculável de minérios e que é tema de muitos estudos sobre impactos ambientais, mas especificamente os relacionados à contaminação de mercúrios nos rios da região.

Em 2024, Poconé completou 243 anos, e preserva até hoje diferentes manifestações culturais herdadas desde os tempos coloniais. Localizada no alto Pantanal, a 100 quilômetros de Cuiabá, faz limite com as cidades de Nossa Senhora do Livramento, Barão de Melgaço, Cáceres e o Estado de Mato Grosso do Sul. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) possui uma área territorial que totaliza 17.156,759 km² e sua população atual, no ano de 2024, é de 31.217 pessoas, com densidade demográfica de 1,82 hab./km².

Figura 3: Localização da Cidade de Poconé no mapa do Estado de Mato Grosso



Fonte: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/pocone/panorama>.

A origem da cidade está relacionada inicialmente à captura e escravização dos povos originários pelos portugueses e à subsequente descoberta do ouro no século XVIII, que fez com que muitos bandeirantes e outros tantos aventureiros se fixassem no local. Os indígenas foram os primeiros habitantes das terras de Mato Grosso, entretanto os bandeirantes os viam como uma mão de obra importante no trabalho braçal e como mercadoria que seria vendida nas capitanias como a de São Paulo. A renda que teriam com a captura dos povos originários explica por que mesmo as terras mato-grossenses estando tão distantes do litoral brasileiro, foram exploradas pelos bandeirantes que estavam dispostos a enfrentar todas as adversidades para existentes. Segundo a historiadora Elizabeth Madureira Siqueira (2002):

Motivos fortes impulsionaram a penetração pelo sertão, capazes de justificar todos os perigos a vencer. Quem primeiro empreendeu essa movimentação foram os bandeirantes paulistas, desejosos dos índios-mão-de-obra importante para as capitanias que não adotaram o plantio da cana-de-açúcar como atividade produtora. (Siqueira, 2002, p.26).

Ao se espalhar a notícia da descoberta de novas minas, muitas pessoas chegaram de vários lugares da colônia, estabelecendo-se na região do Coxipó. Porém, em pouco tempo essas minas se esgotaram e os exploradores partiram para outras áreas. O ouro extraído nas

minas de Cuiabá era o que conhecemos por ouro de aluvião², facilmente encontrado sem nenhuma técnica sofisticada, portanto e que se esgotavam rapidamente.

Por volta de 15 de novembro de 1726, chega às lavras de Cuiabá o Governador de São Paulo, Rodrigo César de Menezes acompanhado de aproximadamente 3000 pessoas. José Lucídio Nunes Rondon, autor do livro *Poconé, sua terra, sua gente*, uma referência para os estudos do município, afirma que o então Governador Rodrigo César de Menezes não acreditava no empobrecimento das lavras, visto que nos primeiros anos de exploração do metal este era encontrado em abundância. Com a escassez do ouro começou a ocorrer atritos no local devido as tentativas de não pagar os impostos de 20% à coroa, o quinto do Rei. Os moradores do local passaram por muitas dificuldades nesse período, como descreve Barbosa de Sá (1975), citado por Campos Filho (2002):

Barbosa de Sá (1975) informa que, em 1726, em Cuiabá, houve fome, doenças, pouco ouro e muitos impostos, o que forçou a mudança de muitos. Dentre esses, havia os que “divertiam-se pelos pantanais passando o tempo em caçar e pescar por donde acabavam a vida (Campos Filho, 2002, p. 31).

A decadência da produção aurífera fez com que muitos bandeirantes deixassem as minas de Cuiabá e partissem em busca de novos territórios para explorar o ouro. Adentrando nas matas, chegaram às minas da região de Piranema, cerca de uns dez quilômetros distantes de Poconé e onde por volta de 1773 dividiu essas terras entre os exploradores. Ao saber da nova descoberta de veio aurífero, o rei de Portugal José I enviou ordem para que fossem conhecer as novas minas.

Com a expansão predatória das atividades mineradoras, chegamos então às terras do Beripoconé ou ainda Beri-Poconhé, povos originários da grande família Bororo. Em 1777 repartiram-se as minas de ouro Beripoconé. A descoberta das novas lavras de ouro atraiu mais um grande contingente populacional para o local. O arraial se desenvolveu rapidamente e foi elevado a arraial de São Pedro d’El Rei, no ano de 1781, por ordem de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, então governador e Capitão General da Capitania. O nome atribuído foi uma homenagem ao rei Dom Pedro Terceiro que mudou o nome do

² Segundo Laura de Mello e Souza, o ouro de aluvião é aquele encontrado em depósitos sedimentares, geralmente em leitos de rios, onde o metal precioso é extraído sem a necessidade de escavações profundas. (Mello e Souza, 2003, p.54).

arraial, por ser Beripoconé considerado um nome “gentílico” e “bárbaro”, pois estava relacionado aos povos que habitavam o local.

Sobre a nomeação de Poconé, Karim e Cruz/2016, p.135-136 explicam que: O nome se constrói por um processo metonímico, o lugar passa a ser identificado por aquilo que lá existe, ou seja, o chefe Poconhé passa a significar o lugar em que habitava os índios chefiados pelo cacique Poconhé, o Beripoconé. Evidentemente, esse nome ao ser enunciado enquanto nome do lugar, não está simplesmente marcando um lugar no mundo, o funcionamento dessa nomeação carrega em si todas as histórias que dão existência aos índios (sic) nativos da região, isto é, a nomeação rememora as narrativas sócio-históricas dos habitantes dessa região nesse período Beripoconé, é assim o nome que significa e identifica não só o lugar habitado pelos índios nativos, o nome traz consigo enunciações que passam a significar no acontecimento de nomeação a identidade que pelo simbólico, materializa o real desse povo. (Silva, 2016, p. 17).

Com o desenvolvimento populacional do Arraial, originada a partir de uma pequena comunidade rural, e da extração do ouro, em 9 de agosto de 1817 passou a ser designado como Distrito de Paz. Em 1831 foi elevado à categoria de Vila recebendo o nome de Nossa Senhora do Rosário de Poconé. Passados 5 anos, em 1º de junho de 1863 é elevada à categoria de cidade, passando a ser chamada apenas Poconé, desmembrando-se do município de Cuiabá de acordo com a Lei Provincial nº1.

3.1 - Formação da população “Poconeana e Pantaneira”

A migração constante em busca de riquezas fez da população de Poconé povo amplamente miscigenado, com uma identidade específica que podemos analisar e interpretar à luz das ideias de autores como Stuart Hall. Em um aspecto geral, a identidade do povo mato-grossense é aqui compreendida aqui como uma construção discursiva, forjada historicamente nas interações entre diferentes culturas, territórios e processos de representação. Longe de ser uma essência fixa, ela é resultado de articulações entre indígenas, negros, populações ribeirinhas, migrantes e demais grupos que compõem o tecido social do estado.

Através dos discursos – sejam eles promovidos pela educação, pela mídia, pelas práticas culturais ou pelos espaços de memória – são produzidas narrativas que ora valorizam determinadas heranças, ora silenciam outras. Assim, a identidade mato-grossense é marcada por deslocamentos, disputas e negociações simbólicas, sendo continuamente reconfigurada

a partir das relações de poder, da diversidade cultural e das transformações sociais que atravessam o território.

Nesse sentido, ao resgatarmos as origens históricas da população em destaque, valorizaremos a importância do processo de desenvolvimento das atividades de mineração, dentro do contexto da colonização portuguesa, que atraiu um intenso fluxo migratório, como já apontado. Além disso, apontaremos para a escravidão e todo o complexo sistema organizado pelos grandes proprietários e mercadores para avançar a produção nas minas, nos engenhos de açúcar, nas lavouras das fazendas etc.

A ideia, nos séculos XVII e XIX, de que o branco colonizador não poderia exercer qualquer atividade braçal, cabendo aos escravos fazê-lo, foi dominante durante todo o Período Colonial e Imperial. Assim, os escravos simbolizavam o poder e a opulência de um indivíduo: quanto maior o número deles, mais importante seria o seu proprietário (Siqueira, 2002, p.120).

Andrade (2021), em sua dissertação de mestrado intitulada: *Diáspora Negra e história afro-brasileira: a presença negra em Poconé*, descreve a trajetória dessa população negra no município:

[...] a população era composta por homens brancos, na figura, por exemplo, de mineiros, comerciantes e fazendeiros, negros escravizados e/ou foros e pela população indígena que já habitava o território. Os indígenas também foram escravizados e, ora foram vistos como inimigos pelos homens brancos, ora como úteis e aliados ao povoamento do território e proteção das fronteiras. As relações entre as diversas nações indígenas e os colonizadores foram variadas, desde conflitos direto até alianças (Andrade, 2021 p. 62).

Segundo Andrade (2021) tanto os indígenas, como os negros escravizados buscaram alternativas para escapar da escravização, uma vez que estes eram tratados com extrema crueldade sendo submetidos a castigos corporais e morais. Revoltados com tamanha humilhação e sofrimento chegavam até mesmo a cometer assassinato contra os feitores, trabalhadores brancos e até mesmo senhores. Outra forma encontrada para fugir dos desmandos dos senhores foi a formação de quilombos, nome dado ao local em que se refugiavam.

Existia uma rede de relações com interesses variados entre quilombolas, povos indígenas, negros evadidos, homens forros, escravizados e comerciantes. Essa rede possibilitava, por exemplo, desde rapto de

mulheres indígenas pelos aquilombados devido ao reduzido número de mulheres negras, venda de escravizados por indígenas, e até uma circulação de mercadorias que garantia a autonomia dos quilombos. Garantia também alimento para os escravizados e seus senhores em diferentes regiões do estado, pois foi marcado muito tempo pela escassez e alto preço de alimentos devido à distância do litoral. Além disso, as roças existentes não supriam a necessidade e a maioria da mão de obra disponível era destinada as principais atividades econômicas: a extração do ouro e posteriormente, a criação de gado (Andrade, 2021, p. 56).

Conforme a pesquisa de Andrade (2021) atualmente continua a existir comunidades remanescentes de quilombos ou quilombos contemporâneos. No município de Poconé existem 83 comunidades em que os povos se denominam como quilombolas, algumas delas datam de tempos dos primórdios da exploração do ouro.

Diversas comunidades datam destes longínquos tempos da exploração do ouro, [...] como é o exemplo do quilombo Laranjal, outras surgidas após a Guerra do Paraguai (1870), como a comunidade tradicional Bandeira e outras relativamente recentes, como a comunidade tradicional Zé Alves. [...] Elas carregam tradições, costumes, normas, concepções oriundas de uma cultura tradicional de seus antepassados [...] a cultura destas comunidades foram se fortalecendo em traços singulares da região (Andrade, 2021, p.57).

O esgotamento das minas de ouro em Poconé ocasionou uma movimentação da população garimpeira que saiu em busca de outro território para explorar. Contudo, permaneceram na cidade aqueles que se dedicavam a agricultura e pecuária, adentrando o Pantanal Mato-Grossense.

A maior planície inundada do mundo, o Pantanal é um destaque por sua beleza e pela sua biodiversidade, conservando mais de 4.500 espécies de plantas e animais. E, por causa dessa sua conservação e importância, o Pantanal foi decretado, pela constituição de 1988, como Patrimônio da Humanidade e Reserva da Biosfera, pelas Nações Unidas, em 2000 (Silva, 2016, p. 22).

Com a penetração do “homem branco” no Pantanal houve quase a dizimação dos indígenas que habitavam o lugar, ao mesmo tempo em que ocorria um processo de miscigenação étnica que constituiu a base da sociedade pantaneira.

Coube aos hábeis canoeiros Guatós, primeiros habitantes do Pantanal poconeano, mostrar aos nossos antepassados, também de modo inconsciente, a possibilidade de se adaptarem à região alagadiça, com certas vantagens em se comparando com as terras do firme (Rondon, 1978, p. 66).

A população começou a formar no local os chamados “condomínios”, espaços que abrigavam grupos de famílias, irmãos e agregados e onde criavam gado sem cerca, dentre outras atividades. Os “condomínios” começaram a se formar no Pantanal, em terras do Governo, possivelmente a partir do final do século XIX, quando a mineração em Poconé entrou em declínio. Eram organizados em fazendas, na qual cada família se reunia, ocupava e produzia. A fazenda Rio Alegre é uma das mais antigas do município, fundada por volta de 1820 e a sua posse definitiva foi expedida em 1833. Além da fazenda Rio Alegre, outras fazendas no município também tiveram a posse das terras expedidas em favor dos moradores.

Desenvolveu-se no Pantanal um grupamento com características muito peculiares, moldados pelo encontro de pessoas com diferentes origens, que se denominam “pantaneiros”.

Conta Correia Filho (1955) que a adaptação dos processos de trabalho, de meios de subsistência, de hábitos de vida, às condições climáticas regionais, distingue perfeitamente as fazendas de criação pantaneiras de quaisquer outros no planalto. Essa diferenciação entre as formas locais de viver ilustra bem a afirmação de Geerts (1989) “de que não existem de fato homens não modificados pelos costumes de lugares particulares” (Campos Filho, 2002, p.50).

As fazendas de criação de gado no Pantanal foram crescendo e ganhando destaque no Estado como um dos principais produtores. Além do gado vacum que era criado no local havia o cavalo, denominado pantaneiro, que foram utilizados pelos índios como meio de transporte, estes vindos da região espanhola de Andaluzia e se adaptou ao ecossistema local.

Atualmente, o Pantanal se tornou um ponto turístico no município de Poconé, onde alguns proprietários de fazendas, além de criar o gado, construíram pousadas e hotéis nos quais recebem hóspedes dos mais variados cantos do mundo. O sítio da Prefeitura Municipal de Poconé destaca entre as principais atividades econômicas do local a pecuária, a mineração, a agricultura e o turismo.

3.2 – Poconé e suas manifestações culturais e personagens femininas

Os condomínios constituem o marco referencial quanto à origem de alguns dos mais expressivos festejos religiosos e seus rituais realizados atualmente em Poconé. Nestes

condomínios, os rituais religiosos eram realizados mesmo sem a presença de padre no local. “Os padres eram raros no Pantanal. O culto era mediado apenas por imagens, e organizado principalmente pelas mulheres, pois os homens viviam a maior parte do tempo no campo” (Campos Filho, 2002, p. 55-56).

Também eram os/as moradores/as dos condomínios os responsáveis pela realização das festas em homenagem aos seus santos de devoção, sendo que estas aconteciam na cidade, nos meses de maio a outubro. Essa ida para cidade era marcada pela confraternização, pelo reencontro, possibilitado também pela realização das festas, que se constituíam em um grande evento. Realizar festas nos meses de maio a outubro, período em que geralmente não ocorrem chuvas, é uma prática ainda muito comum nas áreas de ocupação antiga em Mato Grosso.

Com a chegada do verão (...) a Baixada Cuiabana fica em ritmo de festa até o início das águas. Cada lugarejo busca fazer com que a sua Festa seja a mais bonita, sendo avaliada em relação à fartura - condição primeira -, a um conjunto bom para animar o baile, que vai até o sol raiar e muita gente, inclusive de fora, para mostrar prestígio do festeiro (Castro, 2001, p. 127).

A festa de São Benedito (padroeiro dos escravizados) em Poconé, uma das quais era realizada pelos/as moradores/as dos condomínios, assim como a do Divino Espírito Santo, foi adquirindo grande proporção na cidade, expressando bem o que Castro (2001) coloca sobre a busca dos/as moradores/as de cada lugarejo em fazer a melhor festa. Este evento, homenagem a São Benedito, ganhou uma dimensão maior que os outros festejos religiosos, tornando-se muito dispendiosa e necessitando de muita colaboração para ser realizada, uma vez que as esmolas arrecadas são doadas para a igreja de São Benedito. Durante esse período de festas, era realizada também a Cavallhada, uma representação herdada do período colonial.

A cavallhada³ tem sua origem atribuída aos torneios equestres medievais, realizados como exercícios de guerra. Para os portugueses, as cavallhadas possuíam um teor religioso, ligado a temas do período de Reconquista. Foi introduzida no Brasil por volta do século XVI através dos jesuítas, com a autorização da coroa portuguesa, para catequizar os povos da

³ A cavallhada era realizada em frente à igreja, iniciada com “um desfile dos cavaleiros pela cidade. Ao som das trombetas entravam em campo divididos em pares”. (Goncalves, 2001, p.955). Após o final da apresentação ocorria à conversão dos membros do exército mouro, marcando a vitória cristã.

terra conquistada. A ideia era difundir uma lição cristã, na qual o bem vence o mal, inspirada na Batalha de Carlos Magno⁴ e os Doze Pares de França.

Mesquita (1928) em seu livro: *A Cavallhada: contos mato-grossenses* apresenta as cavallhadas realizadas em Cuiabá, sem definir a data, com todos seus pormenores, os trajes, os penteados da moda, a disposição dos senhores e seus escravos, as quitandeiras e seus bolinhos. Segundo o autor, era esplendoroso o cenário da praça, que pulsava de vida enquanto a hora da cavallhada se aproximava. Uma onda crescente de animação atraía todos os habitantes da cidade para aquele ponto central. Dos bairros mais próximos aos mais distantes, as famílias chegavam em número crescente, como se cada canto da cidade se esvaziasse para encher a vasta praça.

Diante desse contexto, os homens mais abastados vinham acompanhados de comitivas de escravizados que equilibravam cestas de vime repletas de doces e bolos. As sinhazinhas desfilavam em trajes coloridos, impecavelmente penteadas nos ditames da moda em vigor. As negras quitandeiras, com suas bandejas de delícias, chamavam os passantes, oferecendo bolinhos e biscoitos. No chão, outros aproveitaram o burburinho para alugar lugares sob os camarotes por valores acessíveis.

Quando o sol já estava alto, cerca de meia hora após o meio-dia, a praça fervilhava como um formigueiro humano, com gente de todas as classes sociais reunidas. Um rumor de alegria incontida atravessava o espaço, e o toque dos clarins e tambores cortava o ar com clareza. Era o prenúncio de que o espetáculo estava para começar.

No coração da praça, os cavaleiros tomaram suas posições. Após as saudações de praxe, dividiram-se em dois grupos: de um lado, os "portugueses"; do outro, os "mourros". Entre eles, um jovem cavaleiro lançou um olhar rápido aos camarotes ao redor, até que seus olhos se fixaram longamente no azul e branco do camarote onde a filha do sargento-mor irradiava sua beleza serena. Naquele dia, uma jovem parecia ainda mais encantadora, com um brilho que desafiava o comum. Era uma visão que inflamava o coração do cavaleiro, alimentando sua determinação.

O espetáculo começou com as embaixadas. O embaixador lusitano apresentou-se ao acampamento inimigo, onde discursou em uma fala longa e persuasiva, convidando o

⁴ Carlos Magno era membro da religião cristã, que durante a dinastia carolíngia no século VI d.C., travou uma batalha contra a tentativa de invasão do centro norte da Europa pelos mourros da Mauritânia, de religião islâmica. A vitória de Carlos Magno foi difundida por trovadores que viajavam por toda Europa, mostrando a bravura e a lealdade cristã.

soberano mouro a aceitar a fé cristã. No entanto, o sultão respondeu com veemência, enviando duas investidas que encerravam qualquer possibilidade de trégua. Com o fracasso das negociações, a luta teve início. A cavallhada progredia, cada fase mais animada do que a anterior, até que chegou o aguardado momento das “argolinhas”. Nesse jogo, os cavaleiros dispararam com seus lançamentos, buscando retirar uma argola dourada suspensa no meio do campo. Mais do que essa habilidade, o prêmio era um símbolo de devoção. Cada jovem tentava conquistar o troféu para entregá-lo à dama de sua escolha. Em retribuição, a donzela amarrou um laço de fita no lançamento do vencedor, marcando o triunfo.

O jovem cavaleiro, impulsionado pelo olhar da sua musa no camarote azul e branco, ajustou sua postura, segurou firme o lançamento e avançou, determinou a conquista do prêmio. Enquanto o brilho da argolinha dourada cintilava ao sol, ele sabia que sua vitória seria mais do que um feito esportivo: seria uma declaração de amor.

Na cavallhada realizada em Poconé no século XXI, encontra-se presente muito do que Mesquita (1928) traz em seu conto, mas com algumas modificações, em relação ao local, as provas, entre outras coisas, mas é marcante que o grupo social que a realiza e dela participa, ainda se conserva, “os grandes da terra”. Estes montam seus camarotes com faixas, balões, bandeiras, levam seus quitutes etc., e aqueles/as com menor poder aquisitivo ainda continuam assistindo ao espetáculo embaixo dos camarotes ou nas arquibancadas, expostos/as muitas vezes ao sol intenso.

O evento ganhou destaque no estado e mesmo em outras regiões do país, através das reportagens da televisão, de jornais, revistas de circulação nacional e internacional. Além da Cavallhada, há em Poconé outras manifestações culturais que são destaque na região como Siriri, Cururu e a Dança dos Mascarados, atrações presentes nas festas de São Bendito e Divino Espírito Santo e em vários eventos que ocorrem durante todo o ano na cidade.

A Dança dos Mascarados de Poconé é composta por doze peças, cada uma com sua própria melodia, passos e ritmos. Não há uma ordem rígida para serem apresentadas em cada espetáculo podem ser escolhidas peças diferentes. A estrutura da dança tem conotação da cultura e dos festejos populares, essas características aproximam o público, sempre presente nas apresentações do grupo. A Dança dos Mascarados traz em seu contexto histórico e social suas raízes festivas de cunho religioso, folclórico e tradicional, dando lume a um encantamento particular durante a apresentação. (Amaral, 2018, p.09).

A origem da dança dos Mascarados é datada do final do século XIX, apresentando fortes traços da contradança europeia. Para Amaral (2018, p.07), “(...) essa dança mexe com

o imaginário do povo, é uma dança que mescla a contradança europeia, dança indígena e ritmo negro, somente homens podem dançar”. Destaca ainda em seu trabalho que o fato de apenas homens dançarem, vestindo-se como damas e galãs, marca o preconceito que as mulheres sofriam durante o período colonial, numa sociedade em que estas tinham que manter distância dos salões de festa, uma vez que seu papel estava sempre ligado aos afazeres domésticos e familiares.

É necessário ressaltar que as mulheres nesse período e por muito tempo depois não puderam frequentar nem mesmo os salões de baile, eram repreendidas pela sociedade e familiares, pois de acordo com Da Matta (1997, p. 39) “[...] o mundo diário pode marcar a mulher como centro de todas as rotinas familiares, mas os ritos políticos do poder ressaltam apenas os homens”. Na hierarquia de representações dos papéis as ações estão delimitadas. Segundo Lott (1987, p. 66) “[...] homens atuando em papéis femininos era a saída teatral para os preconceitos de pudor de dona Maria I, rainha de Portugal, que, nas mãos do clero, impedia que as mulheres pisassem no palco, com fortes penas repressivas (Amaral, 2018, p.08).

Em contraste com a realidade das mulheres do século XIX, encontramos no início do século XX, mais especificamente em 1930, uma figura feminina que ganha destaque no cenário político em Poconé, a senhora Laurinda Lacerda Cintra, comumente conhecida com Doninha do Caetê ou do Tanque Novo, curandeira, que receitava remédios caseiros e que afirmava ter visões da Santa “Maria da Verdade”, depois denominada “Jesus, Maria, José”. O Arraial do Tanque Novo foi sendo povoado por aqueles/as que iam atrás de cura e passaram a morar no local. Todos tinham muito respeito e admiração por Doninha.

Durante as eleições presidenciais de 1930, Getúlio Vargas era representante do grupo oposicionista chamado Aliança Liberal e Júlio Prestes do Partido Constitucionalista. Na ocasião, Getúlio Vargas não obteve nenhum voto em Poconé, fato que fez com que voltassem o olhar para o local. Vargas através de um golpe, assumiu a presidência do país e começou a buscar uma forma de conter seus opositores.

Foi nomeado nesse período para prefeito de Poconé o Coronel Manuel Nunes Rondon (Ben Rondon), que vendo o crescimento populacional do arraial do Tanque Novo resolveu colaborar com seu desenvolvimento, interessado em apoio político no local. Tudo corria bem até a mudança de cenário, quando foram realizadas mudanças políticas no sentido de desarticular os opositores e onde Ben Rondon foi afastado do cargo para assumir Antônio Avelino Correia da Costa (Nhô Tico).

Doninha e os habitantes de Tanque Novo foram então alvos de Antônio Avelino, pois simpatizavam com o grupo dos opositores. Com o argumento de conter manifestações anarquistas, baderna e desordem mandou policiais para Tanque Novo, com ordem de prender moradores e até mesmo Doninha, que ficou presa por 84 dias, conseguindo a liberdade após parecer favorável para o *Habeas Corpus*, feito por seu marido José Odário. As acusações que levaram à prisão de Doninha não tinham nenhum fundamento legal, pois no arraial era proibido até mesmo o consumo de bebida alcoólica e as pessoas realizavam procissão da residência de Doninha até a igreja local, que foi construída através do mutirão organizado pelos/as moradores/as.

Nesse período conturbado na região Tanque Novo, precisamente em 1932, nasceu a dona Maria da Piedade Almeida Ribeiro, a “Vovó Bem”, que através de seu gesto simples conseguiu fundar um “Museu no quintal”, que faz parte do Cadastro Nacional de Museus do Brasil e será explorado a seguir.

3.3 Museu “Cantinho da Vovó bem”

O Museu “Cantinho da Vovó Bem” está localizado no centro da cidade de Poconé, na Rua Salvador Marques, número 529. Criado por Dona Maria da Piedade de Almeida Ribeiro, nascida em 1º de outubro de 1932, na fazenda Rosilho, filha de Pedro Celestino de Almeida e Dalila Lobo de Almeida. Uma poconeana que através de seu amor e dedicação preserva no quintal de sua casa um espaço de memória e muitas histórias. Consta no Livro Inventário dos Bens Culturais de Poconé (2020) que a residência faz parte do Centro Histórico da cidade, tendo sido tombada pelo Estado, através da portaria Nº 028/SEC/2007, da Secel/MT.

No ano de 2017, foi personagem do documentário *Tipos Mato-grossenses: Dona Bem HD*, criado pelo Gabinete de Comunicação (GCOM) do Governo de Mato Grosso, que teve como proposta contar a história de personalidades do Estado, o qual se pode ter acesso no *YouTube*.⁵ Utilizando dessa fonte, conseguimos acessar informações acerca da vida de Dona Maria da Piedade, conhecida como “Dona Bem”, um apelido carinhoso que recebeu. Nesse sentido, o uso dos filmes pode ajudar a entender melhor a trajetória de Dona Bem a partir de diversos ângulos. Primeiramente, os filmes funcionam como uma representação e interpretação de eventos históricos, oferecendo uma leitura visual e narrativa que pode tornar

⁵ Link de acesso ao documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=0h0GBvOl7pA>.

o conteúdo mais acessível e envolvente para os/as estudantes. Além disso, filmes podem fornecer perspectivas sobre épocas, culturas e acontecimentos que muitas vezes são difíceis de transmitir apenas com textos tradicionais, contribuindo para uma compreensão mais lúdica e sensorial do passado.

Figura 4: Fachada do Museu Cantinho da Vovó Bem



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Um outro aspecto importante é que os filmes estimulam a reflexão sobre as construções históricas, questionando a ideia de verdade única e mostrando que a história é uma narrativa interpretativa e subjetiva. Quando usados como documentos históricos, eles também possibilitam a análise crítica de como o passado é representado, revelando interesses ideológicos, culturais e econômicos envolvidos na produção cinematográfica.

Por fim, os materiais audiovisuais podem estabelecer conexões entre passado e presente, tornando os/as estudantes mais conscientes das relações entre história, sociedade e cultura, contribuindo para debates sobre temas atuais, como desigualdades, conflitos e direitos. Assim, os filmes não só apresentam determinada representação, como também problematizam o conhecimento histórico, promovendo uma aprendizagem mais crítica e contextualizada.

Dona Maria da Piedade desde muito nova foi uma mulher ativa, casou-se com 17 anos com Luís Afonso Ribeiro com quem teve 6 filhos, à saber: Ceide, Sayde, Sinay, Sálvio, Suéde e Sonja e mais 2 filhas adotivas, Cilene e Maria Auxiliadora. Ao longo dos anos, desempenhou muitas funções, onde “foi catequista, professora, balconista, revendedora de cosméticos e roupas, dona de salão de beleza, doceira, quituteira” em uma época em que a maioria das mulheres se dedicavam aos afazeres do lar. (Campos, 2016, p.198).

Hoje, “faz parte da Academia Lítero-Cultural Pantaneira, ocupando a Cadeira nº 06” (Campos, 2016, p.199). Escrevia todas as histórias que ouvia de uma vizinha sobre lendas da cidade, para que não fossem esquecidas, anotações estas que não foram publicadas e se encontram em um caderno em sua residência. É considerada pelo escritor e historiador João Carlos Vicente Ferreira uma “historiadora nata”, pela dedicação em preservar a memória do povo pantaneiro e poconeano. Dona Bem destaca no documentário que “o objetivo do museu é só preservar a nossa história contar o nosso passado, como foi, nossos avós, o que eles fizeram para Poconé” (Tipos Mato-grossenses, 2017, 6:17s, 6:24s).

Figura 5: Dona Maria da Piedade, a “Vovó Bem”



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

“Dona Bem”, por cerca de mais de uma década, colecionou em sua casa peças e fotos antigas que fazem parte do cotidiano da população poconeana: “eu gosto de coisa antiga, de ver coisa antiga, fotografias bonitas, lugares bonitos” (Tipos Mato-grossenses, 2017, 5:08s, 5:14s). Quando começou a colecionar os objetos, pedia na casa de conhecidos/as e, ao saberem de seu interesse pelos itens antigos, algumas pessoas a procuravam para doar aquilo que não usavam mais. Assim, colocava no quintal diversos artefatos de uso na fazenda, fotografias que retratam a cidade e cenas da vida cotidiana, peças religiosas, porcelanas, móveis, entre outros que chamavam sua atenção e porque para ela não se tratava apenas de objetos velhos, mas itens que estavam ali contando uma história, possuíam um significado, representando a história de vida da população local como relata no documentário *Tipo Mato-grossenses*.

Dessa forma, o Museu “Cantinho da Vovó Bem” nasceu da paixão de uma colecionadora por objetos antigos que quando começou a sua coleção jamais imaginava que um dia abriria seu quintal para visitação. “A importância de preservar a memória de um povo é garantir o futuro nosso, passar para as pessoas jovens o nosso conhecimento, a nossa cultura, a nossa tradição” (Tipos Mato-grossenses, 2017, 12s, 27s).

A transformação do quintal da Dona Maria da Piedade em Museu aconteceu por iniciativa do Serviço Brasileiro de Apoio  s Micros e Pequenas Empresas (Sebrae) que, em 2003, através do Programa de Fortalecimento de Empreendimentos Turísticos em Poconé-MT, organizou um material com um roteiro histórico com foco no turismo urbano, onde buscou possíveis patrimônios históricos da cidade que poderiam ser visitados.

Ao conhecerem o quintal da Dona Bem, os/as elaboradores/as do projeto do Sebrae perceberam a importância e o potencial para o turismo que o local possuía. Uma das peças que chamou a atenção da equipe foi a banheira de pedra. Conta-nos José Lucídio Nunes Rondon (1978) que algumas das banheiras existentes na cidade teriam sido confeccionadas por escravizados durante os primórdios da fundação da cidade:

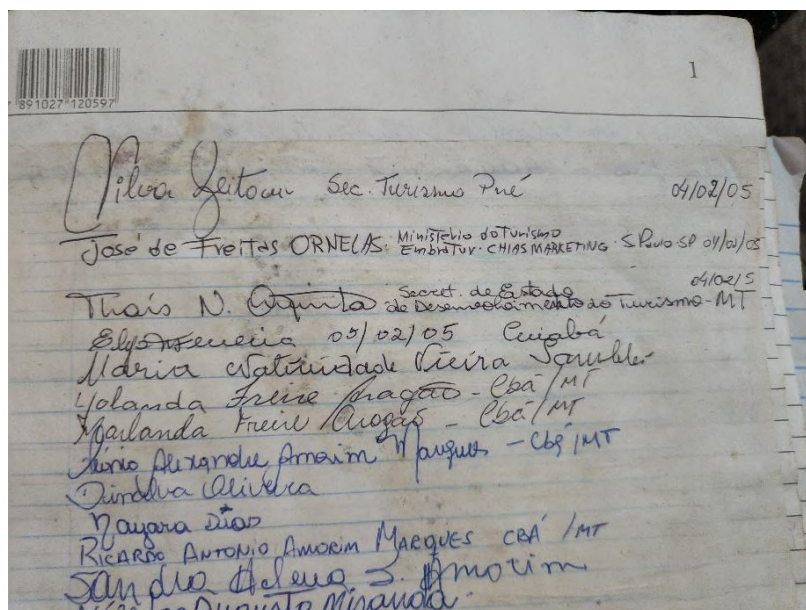
As pessoas já abastadas, a abundância de riqueza, ouro armazenado nas canastras, por luxo ou velho hábito de banho morno que não estava sendo atendido, recorreram a este expediente, mandando um escravo, ou outra pessoa hábil, fazer a banheira de uma só pedra, carcomendo-as aos poucos com talhadeira (Rondon, 1978, p. 82)

Além da banheira de pedra, outro objeto que chamou a atenção da equipe do Sebrae foi a prensa hidráulica que era usada para fazer pisos de mosaicos, bastante utilizados nas casas mais antigas. O acervo conta ainda com palmatória, berrante, rádio, tacho de cobre, máquina de escrever, de costura, gargalheira, imagens sacras, jogos de xícaras de porcelana, pote de cerâmica, balança, entre outros. Todo o acervo fica exposto em uma área coberta e aberta, com uma parede de adobe com algumas partes a mostra que retratam muitas das construções da cidade. Diante da riqueza cultural que encontraram na casa da Dona Maria da Piedade, incluíram-na como um dos pontos turísticos utilizados no curso de Condutores Urbanos, Condutor de Turismo Local. Organizou-se todos os objetos que lá havia para que pudesse receber os participantes do curso.

A partir de 2005, o Museu foi aberto à visitação e começou a receber pessoas de várias regiões do Brasil. As visitas são realizadas com horário agendado. Em algumas delas foram servidos chás e biscoitos regionais, porém hoje, devido à idade da proprietária, não é mais possível a realização desse atendimento. Dona Bem recebe os/as visitantes com muita alegria e fala do local com muito orgulho, “quando eu vejo aqui cheio de gente, aqui já veio gente dos Estados Unidos da Itália, e toda parte vem aqui, que fala que está encantado. E eu sinto, eles filmam, tiram fotografia e aí eu fico superfeliz” (Tipos Mato-grossenses, 2017, 6:27s, 6:39s).

De acordo com as informações que constam em um banner doado pela Academia Littero-Cultural Pantaneira (ACADEPAN), o livro de registros para que os/as visitantes deixassem marcadas suas visitas ao local foi uma indicação feita em 2005 por um representante do Ministério de Turismo. O “Cantinho da Vovó Bem” foi incluído no Cadastro Nacional de Museus no ano de 2009 e, logo em seguida, passou a fazer parte do Sistema Brasileiro de Museus (SBM).

Figura 6: Foto do livro de registro de visitantes com a assinatura da secretária de Turismo de Mato Grosso e do Representante do Ministério do Turismo.



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Todos os custos do museu são mantidos pela proprietária. No dia 26 de dezembro de 2023, após uma forte chuva, um coqueiro caiu sobre o telhado da instituição e destruiu alguns componentes do acervo. Apesar de tudo, muita coisa foi recuperada mesmo sem os recursos necessários para fazer as reformas de restauração e reparo. Iniciou-se assim um movimento de busca de ajuda através da criação de uma “vaquinha virtual”, para arrecadar o valor necessário para reconstruir o lado da área coberta que caiu. No momento ainda não se conseguiu o valor que precisa, contudo, o museu continua aberto ao público e o acervo foi deslocado para outro lado da área que não foi atingido. Com o espaço reduzido, os objetos não estão organizados por temática, como eram. Havia os espaços para as peças de acordo com sua temática, objetos do trabalho no campo, utensílios de cozinha, meios de comunicação, fotografias antigas da cidade, peças utilizadas nos cavalos, cantinho pantaneiro, com banco de ralar guaraná, entre outros.

Consultando o livro de registro de visitantes, que também foi atingido pelo temporal, foi possível constatar que mesmo após a queda do telhado o local continuava recebendo visitantes que deixaram seus nomes registrados. Folheando o mesmo foi possível visualizar que estiveram no museu nos últimos dois anos aproximadamente duzentas e trinta e uma pessoas, moradores do município e dos mais variados lugares do Brasil, como

podemos citar do estado de São Paulo: Bauru, Avaré, Jaú, Atibaia, do estado de Goiás: Goiânia, Jataí e Rio Verde, Rio de Janeiro, Paraná, Pato Branco, Palmas, Indaial e Lajeado de Santa Catarina, Cuiabá, Chapada dos Guimarães, Sorriso, além de estrangeiros de Portugal passaram pelo lugar, considerando as assinaturas encontradas. Desses visitantes, alguns eram de escolas públicas e outros de particulares do município e de outras cidades de Mato Grosso.

Partindo da necessidade de tornar as aulas mais significativas para os/as estudantes, de forma que estes/as se tornem agentes do conhecimento, busca-se romper com o ensino dos fatos históricos sem problematizações. A proposta deste material didático está pautada nos pressupostos teóricos apresentados pela professora portuguesa Isabel Barca, através da metodologia de aula-oficina. Em uma entrevista concedida à revista Nova Escola em 2013, a autora descreveu como foi pensada a aula-oficina:

É um modo de trabalhar que organizei em 1999, resultando das aulas que ministrava na Universidade de Minho. A ideia é que, primeiramente, o professor selecione um conteúdo, pergunte aos alunos o que eles sabem a respeito, e, então, selecione as fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os estudantes a analisar os materiais, fazer inferências e comparações. Todos se envolvem no processo e produzem conclusões históricas, que podem ser mais ou menos válidas e mais ou menos próximas dos historiadores. No entanto, elas devem sempre ser valorizadas, avaliadas e reconceitualizadas com a ajuda do educador. Assim, as crianças tomam consciência do que não se preocupa como o que ensina e prioriza em manter o grupo motivado (Entrevista concedida à revista Nova Escola, 1 de março de 2013).

O que Isabel Barca propõe com a aula-oficina é que o/a professor/a escolha um tema e um conjunto de objetivos para serem alcançados através do debate em sala de aula e por meio das respostas apresentadas verifica-se as noções e ideias que os/as estudantes possuem sobre este. De posse dessas informações o/a professor/a avalia quais recursos e fontes documentais melhor dialogam com as opiniões coletadas e assim conduz a investigação, de forma que não seja apenas um momento de transmissão do conhecimento, mas sim de construção coletiva de saberes, havendo um ganho histórico-cognitivo.

A metodologia de aula-oficina iniciada por Isabel Barca em 1999, está em crescente desenvolvimento no Brasil, a professora Ana Paula Squinelo, traz em seu livro intitulado: *Mulheres e a (s) Independência (s) do Brasil: uma proposta de Aulas-Oficina para o ensino de História*, importantes contribuições para o trabalho com aula-oficina voltado para a realidade da América Latina/Brasil e suas especificidades. A produção do livro foi possível

a partir de vários estudos dos textos de Isabel Barca e da realização um estágio pós-doutoral com a autora em Portugal, adquirindo assim, conhecimentos que lhe permitiram elaborar um trabalho completo que procura contribuir com os/as professores/as de história, trazendo os princípios que regem a metodologia e um passo a passo do trabalho com aulas-oficina, muito didático, que facilita a compreensão acerca do tema. O livro conta ainda com um material didático que contém 3 aulas-oficinas sobre a participação de mulheres no processo da Independência brasileira para ser desenvolvido com estudantes do 8º ano do ensino fundamental, anos finais.

Nesse sentido, os princípios norteadores da aula-oficina propostos por Squinelo (2024) são:

- A Aula-Oficina propõe romper com a Aula Tradicional ou Aula Conferência no âmbito do ensino de história.
- A Aula-Oficina propõe desenvolver a prática em que alunos/as e professores/as compartilham o protagonismo dos processos que envolvem o ensino de determinado conteúdo de história, em oposição ao professor e a professora como detentores do conhecimento e o aluno e a aluna como receptores do conhecimento.
- A Aula-Oficina valoriza as experiências e vivências que o/a aluno/a traz consigo ao adentrarem a sala de aula, ao contrário de enxergá-los/as como tábuas rasas ou folhas brancas.
- A Aula-Oficina prioriza a análise de fontes históricas distintas (recortes de jornal, fotografias, poemas, charges, quadros, pinturas, texto acadêmico, filmes, documentários, street art, HQs, grafite, caricatura, romances, biografias, memes, desenhos animados, peças teatrais etc.).
- A Aula-Oficina valoriza a análise de fontes históricas de suportes diferentes.
- A Aula-Oficina prioriza a análise de fontes históricas que oferecem narrativas/pontos de vista antagônicos, assim o aluno e a aluna ampliam a possibilidade de problematizar, analisar, indagar e elaborar o conhecimento sobre determinado tema a partir de perspectivas diferenciadas.
- A Aula-Oficina propõe que sejam elaboradas atividades distintas para se trabalhar com as fontes históricas selecionadas.
- A Aula-Oficina tem como premissa o cruzamento e análise das informações obtidas das fontes históricas.
- A Aula-Oficina oferece uma ou mais atividade de síntese de conteúdo e essas devem preferencialmente serem distintas umas das outras.
- A Aula-Oficina rompe com a concepção de que os alunos e as alunas devem trabalhar individualmente e, nesse sentido, propõe atividades coletivas: duplas, trios e/ou grupos maiores, assim como rompe com a estrutura de fileiras em sala de aula e permite que os alunos e as alunas organizem a sala de aula em “meia lua”, em círculos e até mesmo ocupem outros espaços que não a sala de aula para desenvolverem suas atividades.
- A Aula-Oficina cria oportunidade para que o aluno e a aluna através da análise do conteúdo histórico dialogue e problematize o Tempo Presente.
- A Aula-Oficina cria oportunidade para que o aluno e a aluna através da análise do conteúdo histórico elabore propostas de melhorias e intervenção em questões cruciais do Tempo Presente, como as de gênero, classe, sexo, patriarcado, racismo, desigualdade social e econômica, equidade de gênero, entre outras (Squinelo, 2024, p.130, 131)

Dessa forma as aulas-oficina no ensino de história se constituem em uma metodologia que leva o/a estudante a ter contato com outras fontes de conhecimento, saindo das aulas meramente expositivas. É importante destacar que para organizar uma aula-oficina é preciso conhecer a estrutura a ser seguida para fazer com que o objetivo pretendido seja alcançado. Nesse sentido o estudo de Squinelo (2024), contribui sobremaneira para pensar a aula-oficina através do passo a passo que detalha cada item a ser seguido conforme descrito abaixo:

- Título: Nome que identifica a Aula-Oficina. - Tema: Conteúdos que podem ser trabalhados a partir da Aula-Oficina. - Descrição: Síntese do que se propõem na Aula-Oficina e na qual consta tema, ano a que se destina e horas aula sugeridas. - Objetivo Geral: Indica de forma ampla o que se deseja alcançar com o desenvolvimento da Aula-Oficina. - Objetivos Específicos: Indica de forma específica e concreta o que se deseja alcançar com o desenvolvimento da Aula-Oficina. - Competências: Sinaliza qual entre as Competências estabelecidas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC) para o Ensino de História - Séries Finais do Ensino Fundamental que será priorizada no desenvolvimento da Aula-Oficina. - Habilidades: Sinaliza quais Habilidades estabelecidas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC) para o Ensino de História - Séries Finais do Ensino Fundamental serão priorizadas no desenvolvimento da Aula-Oficina. - Introdução: Texto curto que apresenta ao leitor e a leitora o tema da Aula Oficina, contextualiza brevemente o mesmo e lança algumas indagações/questionamentos a respeito do que será trabalhado na Aula-Oficina. - O que significa...: Box que visa explicar ao aluno e a aluna conceitos e categorias que podem não conhecer/dominar e que são fundamentais para a compreensão do tema da Aula -Oficina. - Para explorar o tema: Box que pode aparecer mais de uma vez na Aula-Oficina e constitui-se em sugestão de material (texto, artigo, livro, filme, reportagem, peça teatral, HQ, poema, pintura, fotografia, exposição, reportagens, desenho animado, Podcast, sites etc.) para ampliar a compreensão sobre o tema. - Apresentação: O texto da Apresentação tem por objetivo subsidiar o trabalho da professora e do professor acerca do tema a ser trabalhado na Aula-Oficina, assim como o de levantar as ideias prévias da aluna e do aluno sobre o tema. - O que era o/a...: Box que traz informações sobre cidades, províncias, países, continentes etc. à época em que se está estudando e tem como objetivo auxiliar na compreensão do aluno e da aluna ao imaginar ou recriar aquele lugar quando está estudando, lendo e formando o conhecimento. - Você sabia que...: Box que traz informações contemporâneas estabelecendo link's com o tema que se está estudando, pode ser de uma figura política, alguma heroína e/ou herói, algum acontecimento histórico, algum monumento etc. - Curiosidades: Box que apresenta informações complementares sobre a trajetória da personagem e/ou sobre o tema da Aula-Oficina: se foi homenageada; se é nome de rua e/ou avenida; se recebeu medalhas etc. - Contato com as Fontes: Seção que trabalha especificamente com as Fontes selecionadas para analisar o tema da Aula-Oficina. Primeiro contato da aluna e do aluno com as Fontes. - O que é uma/um...: Box que apresenta a definição de conceitos fundamentais para o desenvolvimento da Aula-Oficina. - Como realizar a leitura e interpretação de...: Box que apresenta orientações para subsidiar o trabalho da professora e do professor no que diz respeito ao trato com as distintas linguagens, como por exemplo a música, a imagem, o rádio, a HQ e o cinema. - Problematicando as Fontes: Seção que propõe a problematização das fontes através de questionamentos, análise e interpretação das Fontes selecionadas. - Produzindo o conhecimento: Seção na qual a aluna e o aluno após o contato e problematização das Fontes irão produzir o conhecimento acerca do tema da Aula Oficina. Essa Seção propõe atividades distintas da mera reprodução do conhecimento, incentivando que o aluno e a aluna expressem seus sentimentos acerca do tema estudado, assim como formule e externalize uma opinião/pensamento acerca dele. - Problematicando e refletindo sobre o tempo presente: Seção na qual se estabelece relações e conexões do tema da Aula-Oficina com o Tempo Presente e propõe que o aluno e aluna elaborem ações para intervir e transformar questões sensíveis do Tempo Presente, como por exemplo,

ações para se combater o racismo, a misoginia, a xenofobia, o patriarcalismo etc. - Avaliação: Seção em que se sugere os parâmetros para a avaliação do aprendizado e a produção do conhecimento da aluna e do aluno. - Para ir além: Box no qual constam propostas de atividades para que a professora e o professor caso tenham carga horária disponível possam realizar para ampliar a experiência e o conhecimento da e do estudante sobre o tema. - Ampliando o horizonte: Box no qual são indicados filmes, livros, artigos, dissertações, teses, HQ's, músicas, poemas, documentários, sites, Podcast etc. para que a professora e o professor possam ampliar seu repertório sobre o tema. - Referências: Seção na qual estão listadas as obras utilizadas como referência na produção da Aula-Oficina. (Squinelo, 2024, p.133,134,135)

Assim, ao propor o trabalho com o museu “Cantinho da Vovó Bem”, pensando na perspectiva de aulas-oficina e seguindo os passos que Squinelo (2024) elenca, estamos buscando alternativas para que esse espaço deixe de ser apenas local para visitação voltada a observação, mas possa ser explorado como um lugar em que, através da investigação histórica, desperte o sentimento de pertencimento e valorização da história local. Assim, como Bittencourt (2008) pontua, as visitas aos museus sem um planejamento prévio não alcançam os objetos de aprendizado esperado.

É comum encontrarmos crianças e jovens em museus, acompanhados de professores, percorrendo as salas onde estão expostos variados objetos em vitrinas com iluminação atrativa. Uma atividade educativa dessa natureza é sempre bem-vinda, mas para quem dela participa sempre fica a indagação sobre o que efetivamente se aprende nessas visitas, que demandam preparação e desenvolvimento dos docentes e da comunidade escolar (Bittencourt, 2008, p. 354).

Diante do exposto por Bittencourt (2008), compreendemos a importância de se elaborar um material didático voltado para a história local e que colabore com o trabalho dos/as profissionais da educação no município de Poconé. Além disso, objetiva-se também mostrar o potencial do processo de ensino-aprendizagem existente no museu a partir das aulas-oficinas. Para tanto, elas serão pensadas levando em consideração o que os objetos trazem de informações e quando passam pelo processo de musealização tornam-se documentos. É o que destaca Nery et al. (2020) citando Ulpiano Bezerra de Meneses (1998).

A partir da ideia do objeto-documento, podemos pensar na carga informativa que esses objetos possuem ou que lhe são atribuídas. Nessa linha, Ulpiano Bezerra de Meneses (1998) afirma que os objetos trazem consigo muitas informações, possuem uma biografia, uma trajetória, uma história de vida, dizem muito, mas não falam, baseada em conceitos e estudos anteriores do autor, principalmente no trabalho de Igor Kopytoff (2008) (Nery, *et al.* 2020, p. 115).

Assim, através das aulas-oficinas, buscaremos conhecer mais sobre o acervo do museu e descobrir as memórias que os objetos carregam. Dona Bem, no documentário *Tipos Mato-grossenses*, diz que anda pelo museu e conversa com os objetos que lá se encontram, lembrando-os de sua importância para a população poconeana. “Quando eu entro aqui sozinha, vejo os objetos, eu até converso com as fotografias que tem aqui. Tem dia eu converso, falo: Olha você fez tanto pra Poconé, está sendo reconhecido. Então eu sinto feliz, sinto orgulhosa” (Tipos Mato-grossenses, 2017, 7:09s, 7:14s). Esse sentimento demonstrado na fala de Dona Maria da Piedade existe pelo fato dela conhecer a biografia dos artefatos que coleciona. “Sendo assim, ao traçar a biografia cultural dos museálias, uma rede de sujeitos, memórias, lugares e significados aparecerão, fazendo ressurgir uma imaterialidade de simbolismo, muitos dos quais foram essenciais para que esses objetos chegassem até o museu” (Nery et al., 2020, p. 117).

Figura 7: Parte do museu que foi destruída com a forte chuva e vento.



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Eixos temáticos para as aulas-oficina:

Em um primeiro momento de contato com o acervo do Museu Cantinho da Vovó Bem, buscou-se organizar os objetos musealizados por meio de uma classificação temática

dividida em eixos, com o intuito de facilitar a leitura e a compreensão dos diferentes aspectos da memória ali preservada. Essa proposta inicial visava categorizar os materiais segundo critérios como cotidiano doméstico, religiosidade, infância, trabalho, entre outros. No entanto, ao longo do desenvolvimento da oficina com estudantes, essa classificação acabou não sendo incorporada à abordagem final. Optou-se, em seu lugar, por trabalhar a partir de dois temas mais amplos e articuladores: a trajetória de Dona Bem e a construção dos museus.

Essa mudança partiu da compreensão de que o acervo, mais do que um conjunto de objetos a serem catalogados, deveria ser mobilizado como disparador de reflexões sobre memória, identidade e pertencimento. Nesse sentido, os objetos musealizados aparecem não como meros vestígios do passado, mas como elementos vivos, capazes de reforçar a preocupação com outras narrativas — aquelas que muitas vezes são silenciadas pelas instituições tradicionais. Assim, ao invés de impor uma estrutura fixa de interpretação, a aula-oficina privilegiou uma abordagem aberta e dialógica, em que o olhar das e dos estudantes pudesse se encontrar com o acervo de maneira sensível e crítica, contribuindo para a construção coletiva de sentidos sobre o museu, sua fundadora e as histórias ali guardadas.

- **Eixo Costumes** – banheira, vasos de cerâmica, utensílios de decoração, utensílios de cozinha, cadeira, pote de barro, copos, talheres, porcelanas, prensas, moedores, licoreira etc.

Figura 8: Banheira de uma pedra só



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 9: Pote de cerâmica



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 10: Utensílios de cozinha: Jogos de café de porcelana, licoreiras, travessas, bandejas, bules de porcelana.



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 11: Panelas de ferro, moedor carne, gamelas, fogão a lenha etc.



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

- **Eixo Construção** – prensa hidráulica, azulejo, ladrilhos.

Figura 12: Prensa hidráulica para fabricar azulejo.



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 13: forma para fazer azulejo



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 14: Azulejos feitos com a prensa hidráulica



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

- **Eixo Religiosidade** – imagens sacras, oratório, manto, terço, castiçal.

Figura 15: Oratório, imagens sacras, castiçais



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

- **Eixo Meios de Comunicação** – rádio, celular, TV, telefone.

Figura 16: Televisão, rádios, telefones, celular



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

- **Eixo Trabalho** – máquina de costura, máquina de escrever, balança, ferro de passar roupa de ferro, pilão, caixa registradora, bateia (ligada ao garimpo, Poconé), leiteira, objetos ligados a vida no campo

Figura 17: Bateia de madeira



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 18: Bateia



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 19: Ferros de passar roupa de ferro



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 20: Máquina de costurar roupa



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 21: Balança com pesos



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 22: Gamela e pilão de madeira



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

- **Eixo Festividades** – tambor, mocho, ganzá, viola de cocho, toca disco, vinil

Figura 23: Toca disco e vinil



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 24: Tambor, viola de cocho, ganzá, mocho



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

- **Eixo Castigo** – palmatória, gargalheira.

Figura 25: Palmatória



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

Figura 26: Gargalheira



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, junho de 2024.

4 MATERIAL EDUCACIONAL: O CANTINHO DA VOVÓ BEM COMO ESPAÇO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Este material educacional foi elaborado em formato de aulas-oficina, para ser utilizado por professores/as do ensino fundamental II, com foco nos 6º e 8º anos, porém podendo ser adaptado para outras turmas. Utiliza uma abordagem histórica voltada para proporcionar um estudo da cultura e memória local, a partir do Museu Cantinho da Vovó Bem em Poconé-MT. É parte da pesquisa realizada para a conclusão do Mestrado Profissional em História (Profhistória-UFMT).

A proposta visa envolver os/as alunos/as na descoberta do patrimônio cultural local, por meio de atividades que estimulem a reflexão, pesquisa, expressão criativa e a criar conexões afetivas com o passado local de sua cidade. As atividades foram produzidas a partir da proposta metodológica elaborada pela historiadora Ana Paula Squinelo e apresentada em seu livro *Mulheres e a (s) Independência (s) do Brasil: uma proposta de Aulas-Oficina para o ensino de História* publicado no ano de 2024.

O material possui duas aulas-oficinas sendo que a primeira é sobre a fundadora do museu, dona Maria da Piedade, a Vovó Bem, na qual é possível trilhar os caminhos que levam a criação do museu, partindo de sua história de vida. A segunda aula-oficina foi produzida de forma que o/a estudante possa através das atividades propostas conhecer o conceito de museu, visitar virtualmente alguns museus do Brasil e do exterior e fazer a ligação com o museu Cantinho da Vovó Bem.

Assim este material didático visa contribuir com o trabalho dos/as professores/as relacionados a história local, memória, patrimônio cultural, educação museológica, e dialoga com outras disciplinas que poderão utilizar de acordo com sua especificidade, uma vez que traz uma variedade de atividades que envolvem leitura, escrita e o uso de metodologias ativas.

4.1 Aula-Oficina 1 - Vovó bem, a Clio de Poconé-MT: protagonismo feminino, história local e memória



Fonte: Arquivo Pessoal. Fotografia de Elizaneth de Arruda Martins Eubank. Poconé, 2024.

Tema:

O protagonismo de mulheres na constituição de acervos de memória: Maria da Piedade Almeida Ribeiro, Vovó Bem.

Descrição:

A aula-oficina utiliza o documentário “Tipos mato-grossenses”, lançado em 2017 no Cine Teatro Cuiabá, para abordar a atuação de Maria da Piedade Almeida Ribeiro na preservação da memória de Poconé-MT. A série conta a história de Mato Grosso a partir da trajetória de oito pessoas que marcaram o estado. Na aula-oficina constam, ainda, textos informativos, transcrição do documentário, propostas de atividades com fontes históricas, problematização sobre questões relacionadas à preservação e, por fim uma sugestão de entrevista. O público-alvo dessa aula-oficina é o 6º ano do Ensino Fundamental de modo a construir uma reflexão sobre a História e suas formas de registros. Discute-se os procedimentos próprios da produção do conhecimento histórico. Para a realização dessa aula-oficina sugerimos 12 horas aulas.

Objetivo Geral:

Oportunizar situações de aprendizado para que os/as alunos/as aprendam a selecionar, compreender e refletir sobre o significado da produção, circulação, conservação e uso de fontes históricas através do estudo de caso da vida e da obra de Maria Piedade, conhecida no município de Poconé-MT como Vovó Bem.

Objetivos Específicos:

- Debater o conceito de museus e a importância da preservação de histórias e artefatos, de modo a destacar a conformação de novos museus e novos patrimônios e identificar a sua contribuição para o estudo dos aspectos do cotidiano da população de Poconé.
- Identificar o protagonismo da Vovó Bem, buscando compreender a importância de membros da sociedade civil na constituição de lugares de memória.
- Reconhecer e dar visibilidade às diversas formas de atuação dos sujeitos históricos na formação das sociedades e de suas manifestações culturais.

Competências:

Competência 3: Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.

Habilidades:

(EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas).

(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas.

(EF06HI03) Identificar as hipóteses científicas sobre o surgimento da espécie humana e sua historicidade e analisar os significados dos mitos de fundação.

Introdução:

O uso de diferentes fontes no ensino de história não é uma proposta nova para muitos/as professores/as, mesmo aqueles/as que atuam nos ensinos fundamental e médio. Contudo, segue sendo um desafio para os professores e as professoras da educação básica e, mesmo, do nível superior sua inserção mais cotidiana nas aulas. Da mesma forma, abordagens que buscam refletir sobre a história local são encorajadas na atualidade. Associar ambas as estratégias podem facilitar no processo de ensino para abordar as formas de registro da história e da produção do conhecimento histórico. Assim, buscamos criar condições para que o/a aluno/a seja capaz de transformar um objeto em documento, da mesma forma que ele/a possa interrogá-lo para compreender melhor a sociedade que o criou.

Diante disso, nesta oficina vamos estudar a história da Senhora Maria Piedade, conhecida popularmente como Vovó Bem, colecionadora de objetos antigos e carregados de muitas lembranças dos/as moradores/as de Poconé-MT, um lugar aconchegante e cheio de história, que contribui para a preservação da cultura local.

Vovó Bem foi responsável direta pela criação de um museu. Mas, você sabe o que é um museu? A palavra tem origem na ideia de “templo das musas”, ou seja, um lugar onde viviam as deusas que personificavam diferentes artes e ciências. As musas, na Grécia Antiga, inspiravam a criação de músicas, artes e poesias. Assim, os museus surgem como lugares de preservação e inspiração, devendo ser cuidado e visitado por todos/as aqueles/as em busca

de conhecimento. No *box* a seguir, temos as 9 (nove) musas do Olimpo e uma escultura representando uma delas, observe com atenção.

Curiosidades:

As musas do Olimpo, na Grécia

Antiga eram:

- **Calíope:** Eloquência e poesia épica.
- **Clio:** *História*.
- **Erato:** Poesia lírica e erótica.
- **Euterpe:** Música e poesia lírica.
- **Melpômene:** Tragédia.
- **Polímnia:** Hinos e poesia sacra.
- **Terpsícore:** Dança e música coral.
- **Tália:** Comédia e poesia pastoral.
- **Urania:** Astronomia e matemática.



Escultura romana representando Clio, no Museu do Vaticano, Roma.

Agora que você sabe que o museu é como um templo das musas, e entre essas, está a História, seria a Vovó Bem, a Clio do nosso tempo? Aquela que nos inspira a conhecer o nosso passado? Vamos então explorar um pouco mais a história dessa mulher através de uma fonte histórica.

Glossário

Documentário

Um documentário é uma produção audiovisual que busca apresentar fatos, realidades, histórias ou questões de maneira informativa e geralmente baseada em elementos da realidade. Seu objetivo principal é educar, informar ou provocar reflexões no público sobre um tema específico.

Fonte: Ramos, Fernão Pessoa. *O que é documentário*. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/>

Protagonismo

Protagonismo é a capacidade de ocupar um papel central em uma situação, área ou acontecimento, sendo a pessoa que toma iniciativas, influencia decisões e faz a diferença. Ser protagonista é assumir a responsabilidade de liderar ou contribuir ativamente para o desenvolvimento da sociedade, estando a frente, guiando ações e promovendo impactos, seja em uma história, um grupo ou um contexto específico. Protagonistas são mais do que participantes, eles/as criam, transformam e deixam sua marca no que fazem.

Fonte: FUNARI, Pedro Paulo Abreu. O que nos ensina o protagonismo feminino. In: *Phoinix*, [S. l.], v. 29, n.2, p.75–87, 2023.DOI:10.26770/phoinix.v29n2a4. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/phoinix/article/view/61991>. Acesso em: 23 nov. 2024.

Memória

A memória é uma capacidade essencial do ser humano, responsável por armazenar, organizar e recuperar informações sobre experiências, conhecimentos e emoções vivenciadas. É por meio dela que construímos nossa identidade, estabelecemos conexões com o mundo ao nosso redor e traçamos planos para o futuro. Através das lembranças, construímos a consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos o ontem do hoje, e confirmamos que já vivemos um passado. Isso nos permite compreender a continuidade da nossa existência e refletir sobre os aprendizados acumulados ao longo do tempo. Todavia, a memória não é algo estático. Lembrar e esquecer não são processos simples, e, por mais que tenhamos muitas recordações, sabemos que elas são apenas pequenos pedaços do que já foi vivido. Não importa o quanto uma memória seja clara ou bem lembrada, o passado vai ficando cada vez mais distante, envolto em sombras, sem as mesmas sensações, e muitas vezes apagado pelo esquecimento.

Fonte: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1988.

Lugares de memória

Os lugares de memória são espaços fundamentais para a preservação e expressão da memória coletiva de uma sociedade. Eles podem ser lugares materiais, como monumentos, museus ou sítios históricos, onde a memória social está ancorada e pode ser percebida pelos sentidos; são lugares funcionais, que desempenham o papel de sustentar e transmitir memórias coletivas, conectando o passado ao presente; e são lugares simbólicos, que representam identidades e significados compartilhados, expressando valores, histórias e sentimentos de um grupo ou cultura. Esses espaços não surgem de forma espontânea ou natural, mas são construções históricas intencionais, carregadas de significados que refletem os processos sociais, conflitos, paixões e interesses que lhes conferem uma função icônica. Assim, os lugares de memória são marcados por uma “vontade de memória”, ou seja, o desejo consciente de preservar e refletir sobre o passado.

Fonte: NORA, Pierre; AUN KHOURY, Yara. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 23 nov. 2024.

História Local

História Local é o estudo das experiências, narrativas e transformações de uma região ou comunidade específica, considerando suas particularidades e conexões com contextos mais amplos, como o regional, nacional ou global. Diferente de uma simples réplica em menor escala da história nacional, a dimensão local possui dinâmicas próprias, marcadas por relações de força complexas que não se reduzem a um reflexo das macroestruturas. Embora seja possível identificar semelhanças com a história nacional, as especificidades locais conferem tonalidades e traçados únicos às experiências vividas.

Essa abordagem reconhece que a história local não é independente ou alheia às dimensões maiores do poder, mas também não é subordinada a elas. Entre as esferas local e nacional, existem pressões, ressonâncias e abalos que moldam as interações históricas. Assim, a história local ganha relevância ao revelar os múltiplos tons e

nuances que enriquecem o entendimento das experiências humanas, destacando tanto a autonomia quanto as interdependências que caracterizam as relações históricas.

Fonte: Cavalcanti, Erinaldo. (2018). História e história local: desafios, limites e possibilidades. In: *Revista História Hoje*, 7(13), 272–292. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v7i13.393> Acesso em: 23 nov. 2024.

Apresentação:

Vovó Bem ganhou fama, pois construiu um museu. A sua notabilidade vem justamente do silêncio. Isso porque, ao longo da história, embora a maioria das funcionárias e estudantes de museologia sejam mulheres, raramente elas ocuparam cargos de direção em museus. Nesse contexto, o protagonismo de Dona Bem na criação de um museu se destaca. Na fotografia abaixo, observe que os homens estão no centro da imagem. Esse posicionamento indica a relevância dos homens no museu.



Fonte: Formandos do Curso de Museus - Turma de 1943. Acervo do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS) da Escola de Museologia da UNIRIO, 2017. Disponível em: SOARES, Bruno César Brulon. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n.55, p. e195515, 2019. Disponível

em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8656393>. Acesso em: 05 dez. 2024.

Entretanto, a situação vem mudando. Vovó Bem faz parte de um seleto grupo de mulheres que estão à frente dos museus. Paula Azevedo, diretora do Museu Inhotim afirmou em entrevista à revista Forbes:

A desigualdade de gênero é histórica, mas o meu caso é um exemplo de mudança. E, assim como eu, há mulheres assumindo cargos de direção em diversos museus do mundo como no Louvre, em Paris, do Malba, em Buenos Aires, e do Brooklyn Museum, em Nova York. É um movimento mundial em diversas áreas, e com os museus não é diferente.

Para explorar o tema...

Leia a reportagem da Forbes: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2024/05/presidente-do-inhotim-movimento-de-mulheres-na-lideranca-de-museus-e-global/?amp>

Para saber mais...

O lugar das mulheres na História

A historiografia sobre as mulheres tem evoluído significativamente ao longo do tempo, acompanhando as transformações sociais e as mudanças nas perspectivas acadêmicas. Inicialmente, a história tradicional negligenciava as mulheres, relegando-as a papéis secundários ou ignorando suas contribuições. No século XX, com a ascensão de movimentos feministas e o fortalecimento das ciências sociais, surgiram abordagens que buscaram resgatar e valorizar as experiências e narrativas das mulheres na história.

Uma das primeiras abordagens foi a **história das mulheres**, que se concentrava em identificar e destacar figuras femininas notáveis e suas realizações, muitas vezes em oposição à narrativa histórica dominada por homens. Essa abordagem, no entanto, foi criticada por se limitar a casos excepcionais e por não questionar suficientemente as estruturas de poder que marginalizavam as mulheres. Com o tempo, a historiografia feminista ampliou a análise para examinar como gênero, classe, raça e outras categorias moldavam as experiências das mulheres, enfatizando a crítica às hierarquias

patriarcais e à invisibilização de grupos específicos, como mulheres negras, indígenas e de classes populares.

Nos anos mais recentes, o conceito de **gênero como categoria de análise**, introduzido por estudiosas como Joan Scott, revolucionou a historiografia ao explorar como as construções sociais de masculinidade e feminilidade influenciaram a organização das sociedades e as relações de poder. Além disso, abordagens interseccionais começaram a ganhar espaço, destacando como diferentes formas de opressão — como racismo, sexismo e colonialismo — se interconectam e afetam as mulheres de maneiras diversas. Hoje, a historiografia sobre mulheres busca não apenas recuperar suas histórias, mas também reconfigurar a própria maneira de interpretar o passado, desafiando as bases de uma narrativa histórica tradicional.

Fonte: PEDRO, Joana. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 89-108, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWCc/?lang=pt>.

A nossa Clio é, portanto, uma mulher do seu tempo. E que tempo é esse? E que mulher é essa? Vamos juntos/as conhecer um pouco mais da vida da Vovó Bem? Para isso, vamos usar fontes históricas.

Contato com as Fontes:

Nesta primeira atividade vamos trabalhar como o documentário apresentado anteriormente. Ou seja, um documento que combina elementos visuais e sonoros para criar uma experiência. Por isso, os/as historiadores/as ao usarem esse documento realizam a transcrição do áudio que é a tradução literal da fala para a escrita. Durante muito tempo, a transcrição era realizada manualmente, devendo o/a pesquisador/a parar e voltar o vídeo várias vezes. Atualmente as tecnologias digitais nos permitem obter a transcrição de forma mais rápida. Mas, é preciso ter cuidado. O olhar atento do/a historiador/a é fundamental para analisar as falas que nos documentos audiovisuais são acompanhadas de movimentos, gestos e demais expressões que complementam a expressão oral.

Fonte 1: Documentário *Tipos Mato-grossenses*



Tipos Mato-grossenses Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0h0GBvOl7pA&t=2s>

Após assistir ao vídeo, os/as estudantes deverão ler a transcrição realizada automaticamente pelo *Youtube* com revisão do/a professor/a. Através dessas fontes históricas construa o perfil da Senhora Maria Piedade – Vovó Bem, com os itens indicados abaixo:

Como realizar a leitura e interpretação de...

Uma fonte histórica

Os procedimentos básicos para trabalhar com vídeos em plataformas digitais, são:

- identificar as propriedades do vídeo:
 - duração.
 - qualidade audiovisual.
 - autoria/produtor.
 - data e local de produção.
 - recursos sonoros, textuais e imagéticos.
 - entrevistados ou personagens.
- situar o contexto de produção: iniciativa governamental ou privada, origem dos recursos, contexto político e social do momento da produção.
- analisar o vídeo, observando os destaques, os locais/cenários da gravação, a forma de narrativa, as estratégias de abordagem e as perguntas e respostas.
- verificar o público destinado, quantidade de visualizações, comentários e compartilhamentos.

Esse exercício ajuda os/as alunos/as a desenvolver habilidades para identificar, interpretar, analisar, criticar e compreender as formas de registro audiovisual.

Uma sugestão é criar uma ficha de identificação para que os/as estudantes possam preencher com as informações indicadas.

Ficha técnica

Transcrição do vídeo Tipos Mato-grossenses.

Realização: Gabinete de Comunicação Governo de Mato Grosso

Transcrição realizada em 09 de setembro de 2024

Transcrição

0:09 - Dona Bem: A importância de preservar a memória de um povo é garantir o futuro nosso passar para as pessoas, jovens o nosso conhecimento a nova cultura a nossa tradição.

0:32 - [Música de introdução]

1:12 - Dona Bem: Na minha infância minha mãe era doceira pois então sobrou até para a diabetes hoje, de tanto comer doce, porque minha mãe fazia bastante.

1:23 - Sonia Ribeiro - Professora e filha: Ela fala que era uma cidade com pouca gente onde todos se conheciam e as pessoas preocupavam uma com as outras

1:33 - João Carlos V. Ferreira - Escritor - Historiador: Esse era o retrato de Poconé, as pessoas ali em torno das festas, da igreja, das suas tradições culturais, a exemplo da própria cavallhada, enfim.

1:47 - Dona Bem: quando eu estudei, era Asilo Imaculada Conceição. E a gente estudou lá, as professoras eram boas, só que eram enérgicas demais, né?

1:55 - 2:05 - Sonia Ribeiro - Professora e filha: as lembranças mais antigas que eu tenho da minha mãe então os passeios de família Época da exposição aqui em Poconé, todos nós reunidos e íamos ao parque para passear o dia inteiro mos ao pai que passar o

2:06 - Dona Bem: Eu me casei com 17 anos com Luís Afonso Ribeiro, ele era pedreiro e desse casamento tenho 6 filhos e tenho duas filhas de criação, que a gente fala filha de coração que eu criei.

2:29 - Sonia Ribeiro - Professora e filha: Ela é aquela, quieta, que consegue o que quer e vence pela insistência.

2:34 - João Carlos V. Ferreira - Escritor - Historiador: A Dona Bem é um caso, poucas são as pessoas que têm dedicação que ela tem o

2:39 - Sonia Ribeiro - Professora e filha: meu pai a chamava de “bem” e os filhos todos chamam ela de “bem” aí a criança brincava e ficava “ô dona bem!”, “ô dona bem!” e o apelido está aí até hoje.

2:54 - Locutor: Nascida numa fazenda perto de Poconé em 1º de outubro de 1932. Maria da Piedade Almeida Ribeiro, filha de Pedro Celestino e Dalila Almeida, conhecida como Dona Bem, sempre foi uma mulher atuante na sua cidade

3:13 [Música]

3:14 - Dona Bem: A primeira profissão foi professora. Eu dei aula aqui na Caetano, dei aula no sítio Santa Rita e dei aula numa fazenda longe daqui Varzearia.

3:29 - Sonia Ribeiro - Professora e filha: As crianças gostavam dela por causa desse jeito que ela tem. Ela tem carisma.

3:31 - João Carlos V. Ferreira - Escritor - Historiador: ela sempre teve uma característica que a diferenciava das demais professoras, por ela gostar muito de história então ela fazia com que a área da memória, da história, também fosse repassada para essas pessoas.

3:43 - Dona Bem: Depois que eu parei de dar aula, minha madrinha me convidou para trabalhar na loja com ela. Aí eu trabalhava de balconista, era uma loja grande que ficava ali na praça.

3:55 - Sonia Ribeiro - Professora e filha: e depois meu pai comprou, na época falavam armazém, então ela foi e ficou tomando conta do armazém

4:03 - João Carlos V. Ferreira - Escritor - Historiador: Ela fazia trabalhos voltados à paróquia, participava das festas religiosas.

4:10 - Sonia Ribeiro - Professora e filha: ela era catequista e ela vem de uma família que é muito religiosa sempre

4:17 - João Carlos V. Ferreira - Escritor - Historiador: Ela teve essa ligação muito forte com a Igreja Católica.

4:22 - Dona Bem: Sempre achei importante a gente colaborar, a gente ajudar com o pouquinho que a gente sabia.

4:28 - João Carlos V. Ferreira - Escritor - Historiador: A Dona Bem tem uma característica bastante interessante, a de ser uma historiadora nata.

4:35 - Sonia Ribeiro - Professora e filha: Porque ela, o tempo todo, ela gosta de guardar as coisas antigas.

4:42 - Dona Bem: Tem uma vizinha nossa que contava uma história que contava do minhocão, contava do jacaré, então toda a noite, nos reuníamos lá para ela contar essas histórias. Eu escrevi a maior parte para não esquecer.

4:55 - Sonia Ribeiro - Professora e filha: Quando a gente saía, assim, e ia alguma casa que ela havia um objeto antigo ela pedia para as pessoas e ia trazendo e acumulava aqui no quintal

5:07 - Dona Bem: Porque eu gostava. Eu gosto de coisa antiga, fotografia bonita, lugares bonitos então eu sempre gostei.

5:14 - Locutor: Após mais de uma década juntando fotos e peças antigas que retratam o cotidiano pantaneiro e a história de Poconé, Dona Bem, a partir de 2005 disponibiliza seu acervo para visitas no aconchegante espaço no quintal de sua casa chamado carinhosamente de “Cantinho da Vovó Bem”

5:39 - Dona Bem: O museu começou assim, que veio uma equipe do Sebrae para procurar, para fazer ponto turístico aqui, e formar uma turma para guia turística

5:46 - Sonia Ribeiro - Professora e filha: Aí convidaram minha mãe e ela aceitou como ela tinha era já tinha, é, as peças, ela aceitou.

5:53 - João Carlos V. Ferreira - Escritor - Historiador: Um trabalho muito bem elaborado do Sebrae e fez com que isso fosse até Brasília e de lá o “cantinho da dona bem” foi incluído no sistema nacional de museus

6:07 - Sonia Ribeiro - Professora e filha: Depois que abriu um museu a minha mãe ficou muito feliz porque ela pode receber muita gente

6:14 - Dona Bem: o objetivo do museu é só a preservar a nossa história, contar o nosso passado é como que foi nossos avós e eles fizeram com que o comércio. Quando eu vejo aqui cheio de gente já aqui já veio gente dos Estados Unidos, Itália não, não sei o que, de toda essa parte que vem aqui eles falam que está tudo encantado, eu sinto que sim, eles filmam, tiram fotografia aí eu fico superfeliz.

6:40 - João Carlos V. Ferreira - Escritor - Historiador: olha eu vejo que o cantinho lá também ele passa a ser um modelo a ser seguido. A gente acredita que isso passe a estimular pessoas e outras cidades.

6:51- Sonia Ribeiro - Professora e filha: esse museu é tudo para minha mãe, é o sonho dela realizado ela gosta de contar histórias através do museu. ela vive esse museu praticamente 24 horas por dia.

7:07 - Dona Bem: é quando eu entro aqui sozinha vejo esses objetos, eu até converso com as fotografias que tem aqui. Tem dia eu converso, eu falo olha você fez tanto para Poconé, é, e assim está sendo reconhecido. Então, eu sinto feliz contente e orgulhosa

7:22 - Sonia Ribeiro - Professora e filha - o museu e minha mãe juntos são a representação da preservação da nossa cultura poconeana

7:31 - João Carlos V. Ferreira - Escritor - Historiador: O que a Dona Bem faz com que a gente tenha orgulho de ser mato-grossense



7:34 - Dona Bem: eu espero que daqui a cem, duzentos anos eu quero que este continue, para preservar nossa história alguém para contar uma nova história do povo pantaneiro de Poconé. Para não vamos morrer aqui, para continuação para não parar esse é o meu desejo todo estado

8:36 - [Música]

Trabalhando os aspectos visuais da fonte

Abaixo sugerimos alguns fotogramas relevantes para os objetivos da nossa atividade final que será escrever uma biografia da nossa Clio. O professor pode selecionar outras imagens que contribuam para a proposta a ser desenvolvida.

- Projete ou distribua a imagem e peça aos alunos que observem em silêncio por 1 minuto.
- Observação inicial: Converse com os alunos buscando sensibilizá-los para a ação, através de perguntas como o que você vê (elementos, pessoas, objetos, cenário); as cores, ângulos, expressões, símbolos presentes; o que chamou mais atenção.
-
- : Quem ou o que aparece na imagem? Que emoções ou sensações a imagem transmite? Há indícios de tempo e lugar? Qual é a mensagem da cena?
- Reflexão: Incentive aos alunos conectarem elementos da imagem a conhecimentos prévios (históricos, culturais, sociais).
- Atividade final: Construir um painel com as imagens e legendas interpretativas para as imagens. Esse material poderá ser consultado nas etapas futuras.

Imagem	Registro escrito	Reflexão
 <p data-bbox="244 768 730 801">(Tipos Mato-grossenses, 2017, 0:14s)</p>		
 <p data-bbox="244 1261 730 1294">(Tipos Mato-grossenses, 2017, 6:49s)</p>		
 <p data-bbox="244 1821 730 1854">(Tipos Mato-grossenses, 2017, 6:14s)</p>		

Você sabe o que é uma biografia?

O gênero biográfico é uma narrativa que busca detalhar a vida de uma pessoa. Nela são abordados os temas da infância, juventude, relacionamentos, os desafios, as conquistas, ou seja, os aspectos da vida pessoal e da carreira. Por muito tempo, as biografias dedicaram-se aos grandes homens e heróis. Hoje, é possível encontrar e desenvolver biografias sobre diferentes trajetórias e sujeitos, sendo comum, considerar o legado que a pessoa deixou para a comunidade em que estava inserida.

Fonte: NETO, Lira. *A arte da biografia: Como escrever histórias de vida*. Editora Companhia das Letras, 2022.

Ampliando o horizonte:

- **Frida, A Biografia:** Escrito por Hayden Herrera, este livro traça o perfil da artista mexicana conhecida por sua arte moderna. Esta obra humaniza Kahlo e marca sua transformação em ícone artístico.
- **Rita Lee: Uma Autobiografia:** Nesta autobiografia, Rita Lee compartilha suas memórias de sua infância, sua carreira musical, sua prisão em 1976, sua amizade com Elis Regina e sua vida familiar.
- **Procurando por mim,** por Viola Davis. A autora descreve sua jornada como atriz e suas lutas contra a pobreza e o racismo, quando era jovem em Rhode Island. A biografia mostra como essa experiência moldou sua força e determinação.

Boa leitura!

Para saber mais...

No texto indicado, o professor ou a professora poderá ampliar seu repertório acerca do gênero biográfico, pensando sua trajetória e dilemas.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. In: *História Social*, [S. l.], v. 17, n. 24, p.51–73, 2014. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/1577>. Acesso em: 16 set. 2024.

Após assistir ao vídeo e ler a transcrição os/as estudantes deverão preencher a ficha abaixo:

Produzindo o conhecimento...



Biografia.

Nome:

Idade:

Local de Nascimento:

Estado Civil:

Ano do casamento:

Filhos:

Escola onde estudou:

Religião:

Profissão:

Uma frase inspiradora:

Na entrevista Vovó Bem fala sobre suas atividades antes de criar o museu: “A primeira profissão foi professora. Eu dei aula aqui na Caetano, dei aula no sítio Santa Rita e dei aula numa fazenda longe daqui Varzearia”.

Naquela época, as escolas eram muito diferentes das atuais, seja pela estrutura, carga horária, e pelo público.

Observe a imagem abaixo.

Problematizando a fonte...



Fonte: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-04/lei-escolar-do-imperio-restringiu-ensino-de-matematica-para-meninas.html>. Acesso em: 16 set. 2024.

Local	
Quem foi fotografado	
O que estão fazendo	

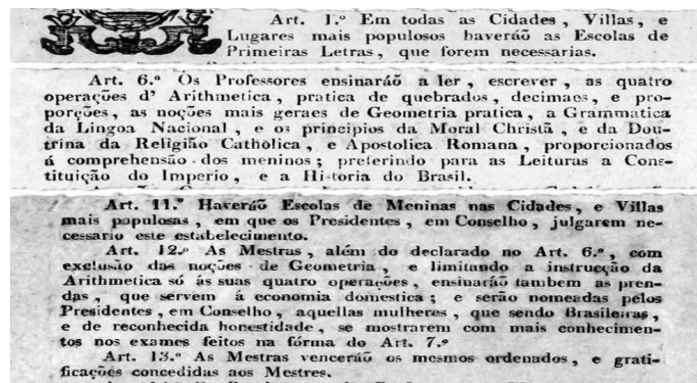
Aos/as estudantes podem ser feitas as seguintes reflexões: vocês perceberam que temos uma sala de aula e que só há meninas? Além disso, conseguiu perceber o que elas estão fazendo? Se você disse costurando, é isso mesmo! As meninas iam para a escola aprender, entre outras coisas, a costurar! Aqui cabe a professora ou ao professor realizar uma

ponderação de modo a estimular as e os estudantes a perceberem as relações de ruptura e continuidade ao longo da história

No passado, meninos e meninas não estudavam na mesma escola. Isso foi definido pela lei geral sobre o ensino das “primeiras letras”. Ela foi assinada pelo Imperador D. Pedro I em 15 de outubro de 1827. Apesar da divisão, a lei pode ser considerada um avanço já que pela primeira vez as mulheres foram autorizadas a frequentar escolas.

Veja abaixo alguns dos seus artigos:

Problematizando a fonte...



Fonte: *Trechos da lei de 1827*. Arquivo Nacional. Disponível em: <https://www.gov.br/prf/pt-br/noticias/uniprf/2023/marco/o-ensino-da-mulher-no-brasil>. Acesso em: 16 set. 2024.

Art. 1º Em todas as Cidades, Villas e Lugares mais populosos, haverá as Escolas de Primeiras Letras que forem necessárias.

Art. 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de Arithmetica, prática de quebrados, decimaes, e proporções, as nações mais gerais de Geometria prática, a Gramática da Língua Nacional, e os princípios de Moral Christã, e da Doutrina da Religião Catholica e Apostólica Romana, proporcionando á compreensão dos meninos; preferindo para as Leituras a Constituição do Império, e a História do Brazil.

Art. 11º Haverá Escolas de Meninas nas Cidades, e Villas mais populosas, em que os Presidentes, em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento.

Art. 12º As Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão das noções de Geometria, e limitando a instrução da Arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão também as

prendas, que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes, em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na forma do Art. 7º.

Art. 13º As Mestras vencerão os mesmos ordenados, e gratificações concedidas aos Mestres.

Fonte: *Trechos da lei de 1827*. Arquivo Nacional. Disponível em: <https://www.gov.br/prf/pt-br/noticias/uniprf/2023/marco/o-ensino-da-mulher-no-brasil>. Acesso em: 16 set. 2024.

Qual é o assunto principal do documento?

Compare o artigo 1º com o 11º, qual é a principal diferença entre os dois?

Você reparou que as meninas e os meninos tinham matérias e conteúdos diferentes?

Retorne aos artigos 6 e 12 e marque no quadro abaixo quem estudava cada matéria.

A cada etapa devemos buscar sintetizar as informações:

- a) Quais eram as matérias oferecidas apenas para os meninos?
- b) Quais eram as matérias oferecidas apenas para as meninas?
- c) Na sua opinião essa diferença é correta? Qual era a razão para ela acontecer?
- d) Como você se sentiria sabendo que só existe escola para meninos?

Educação de meninos e meninas		
Matéria	Meninos	Meninas
Aritmética com prática de quebrados, decimais, proporções		
Aritmética limitada às quatro operações		
Geometria prática		

Gramática da língua nacional		
Moral Cristã		
Doutrina da Religião e Apóstólica		
Economia doméstica		

Chame a atenção das/dos estudantes acerca da temporalidade da fonte. A fonte foi escrita mais de cem anos antes da Vovó Bem ter nascido, já que como vimos na entrevista, ela nasceu em 1932. Assim, cabe questionar junto ao alunado: como terá sido viver naquela época? E a vida escolar da Dona Bem? Será que quando ela estudou meninas e meninos estudavam separados? Quando essa situação acabou? Será que ainda hoje há escola que só aceitam estudantes do mesmo sexo? Vamos saber mais?

Ao retornar à transcrição do documentário encontramos várias pistas sobre a vida da Vovó Bem. A respeito do período escolar ela diz: “quando eu estudei, era Asilo Imaculada Conceição. E a gente estudou lá, as professoras eram boas, só que eram enérgicas demais, né?”

Agora, as/os estudantes devem ir atrás dessas pistas:

Produzindo conhecimento:

1. Abra o navegador do celular ou do computador.
2. Digite www.google.com.br.
3. Escreva: Asilo Imaculada Conceição Poconé.
4. Revise os resultados e busque as seguintes informações:

Quando Dona Bem era estudante...	
Nome do Colégio	
Quem administrava	
Ano da fundação	
Quem podia estudar	

Essa atividade é similar ao trabalho do/a detetive, mas também do/a historiador/a., ou seja, solucionar um mistério a partir de indícios, buscando e cruzando as informações.

Curiosidade:

O trabalho do/da historiador/a pode ser comparado ao do/da detetive, isso porque ambos buscam pistas para interpretar acontecimentos e construir o conhecimento sobre o passado.

Nesse site você pode ser um Detetive do Passado: <http://www.numemunirio.org/detetivesdopassado/>

Uma ferramenta desenvolvida pela historiadora Keila Grinberg da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

O trabalho da historiadora e do historiador

Ele/a investiga pistas para montar o quebra-cabeça da história. Para isso é preciso coletar informações em documentos, fotos, objetos, lugares históricos e até nas memórias de pessoas mais velhas. Através dessas fontes, os historiadores/as buscam entender como as pessoas viviam, pensavam e como o mundo mudou.

Com muita atenção, os/as historiadores/as observam cada detalhe, analisam as informações e juntam as peças para contar histórias reais sobre o passado, nos ajudando a entender de onde viemos, como as coisas mudaram e o que podemos aprender com isso. Assim, ele/a mantém viva a memória do mundo, garantindo que as histórias importantes não sejam esquecidas!

E você? Concorde que o trabalho do/a historiador/a é como os dos detetives? Eles/as buscam vestígios do passado para resolver um problema, um mistério, contar uma história.

Aqui nosso mistério é a vida da Vovó Bem. Vamos voltar para ela, reconstruindo o passado a partir de uma pesquisa histórica.

Problematizando as fontes...

Etapas de uma pesquisa histórica

1) Procure conhecer o contexto mais amplo do seu objeto de estudo.

Ex. Como era o mundo e o Brasil nos anos 1930?

2) Faça anotações importantes sobre o período.

Ex. Qual era o regime político? E as atividades econômicas, os hábitos etc.?

3) Reduza o recorte espacial a ser estudado, e, faça sempre anotações.

Ex. Faça novas pesquisas sobre o estado ou sobre a cidade em que ocorreu o evento estudado.

4) Pesquise fontes históricas.

Ex. Fotografias, certidão de nascimento, objetos etc.

5) Reúna as informações coletadas e cruze os dados montando um quadro de referências.

Ex: Imagine que você está tentando descobrir quem comeu o último pedaço de bolo na cozinha. Você pode:

1. Ouvir o que sua irmã diz: Ela conta que viu migalhas no chão.
2. Perguntar para o seu irmão: Ele diz que ouviu alguém abrindo o armário de pratos.
3. Olhar na lixeira: Você encontra o pratinho onde o bolo estava.

Agora você junta tudo isso: migalhas no chão, barulho no armário, pratinho na lixeira. Talvez você descubra que o cachorro, ou alguém da casa, foi o responsável. Isso é cruzar informações, juntar pistas e depoimentos para entender melhor! Se esse movimento não for suficiente, parta das novas informações, reformule as perguntas e faça um novo interrogatório. Opa! Entrevista.

Glossário

Contexto

Contexto é como o cenário de uma história. Imagine que você está lendo um livro ou vendo um filme: o contexto é tudo o que está ao redor do que está acontecendo. É onde as coisas acontecem, quem está lá, o que as pessoas estão fazendo e por que elas estão agindo daquele jeito. Hoje, com a tecnologia, podemos aprender sobre um período após algumas buscas na internet, mas precisamos estar atentos, e tomar muito cuidado verificando nossas fontes. Para ajudar vocês, separamos um vídeo para introduzir o cenário em que nossa Clio cresceu.

Assista ao conteúdo abaixo e após, siga as instruções do box:



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UN1PtPEAxLo>

Embora tivesse uma vasta extensão territorial que totalizasse 48 mil léguas, a capitania de Mato Grosso era constituída por apenas dois distritos, o do Cuiabá e o do Mato Grosso, e suas respectivas vilas: Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1727) e Vila Bela da Santíssima Trindade (1752), esta última fundada para ser sede de governo. Além delas, arraiais, povoados e edificações militares foram criados ao longo da linha de fronteira no decorrer do setecentos e somente em 1820 uma nova vila foi fundada: a Vila de Diamantino. Capitania fronteira-mineira, Mato Grosso situava-se na região central do continente sul-americano, era habitada por uma diversidade de sociedades indígenas, tinha a mineração como atividade produtiva decisiva e estava localizada em área de fronteira com os domínios hispânicos, isto é, com as Províncias de Moxos e Chiquitos constituídas por inúmeras missões religiosas.

Nos anos que se seguiram, a atividade mineradora continuou significativa e a presença de povos indígenas marcava o território. A continua chegada de homens brancos acabou gerando muitos conflitos. Cabe lembrar, que durante o Oitocentos, o Mato Grosso desempenhou um papel estratégico na Guerra do Paraguai (1864-1870), sendo palco de



Dona Bem. Fonte: Acervo Pessoal.

combates e sede de operações militares devido à sua posição fronteiriça. A partir de então, começaram esforços para integrar a região ao restante do país, ainda que de forma lenta e com impacto limitado.

Podemos dizer que um segundo movimento migratório importante ocorreu durante a primeira metade do século XX. Nessa época, enquanto Dona Bem crescia e despertava sua paixão pela história, o Mato Grosso também se transformava. Observe a foto ao lado, qual seria a idade da nossa Clio? Não sabemos a data exata da fotografia, mas jovem Dona Bem está em um ambiente ao ar livre, em pé ao lado de uma estrutura de pedra, um poço, conhecido como “cacimba do rei”. Ela veste um vestido claro, na altura dos joelhos, sem mangas e com detalhes discretos próximos à barra e na cintura, o que dá à peça um estilo vintage. Seus sapatos, embora não muito claros devido à qualidade da imagem, parecem simples e fechados. Seu cabelo está penteado em um estilo curto e ondulado, característico de décadas passadas, possivelmente remetendo a meados do século XX. O ambiente ao redor apresenta árvores e plantas, sugerindo um jardim. A imagem possui um tom desbotado, típico de fotografias antigas, o que acrescenta um ar nostálgico ao registro. Provavelmente a fotografia foi realizada entre os anos 1940 e 1950.

Naquela época, o governo brasileiro procurava promover a ocupação do interior como estratégia para consolidar a soberania nacional, promovendo projetos de colonização que atraíram migrantes de outras regiões do país, especialmente do Sul e Sudeste, em busca de novas oportunidades. Nesse período, a pecuária se consolidou como a principal atividade econômica, com a criação de gado para abastecer mercados internos, enquanto o cultivo de produtos como arroz, algodão e mandioca também ganhou espaço.

A exploração de recursos naturais, como borracha, erva-mate e madeira, foi significativa, dando origem a povoados ao redor dessas atividades. A construção de infraestrutura, especialmente a abertura de estradas como a BR-364 (1960), foi essencial para integrar o estado às regiões mais desenvolvidas do país, facilitando o escoamento da produção e a chegada de novos colonos. Essa migração trouxe uma diversidade cultural à região, com contribuições de pessoas vindas de estados como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, além de imigrantes estrangeiros. Esse processo de ocupação também preparou o cenário para a posterior divisão territorial, que resultaria na criação do estado do Mato Grosso do Sul em 1977.

A partir de então, o estado vivenciou a modernização da agricultura, com destaque para o cultivo de soja, milho e algodão, colocou o estado como um dos maiores produtores agropecuários do Brasil, atraindo investimentos e migrantes de diversas regiões. O avanço da infraestrutura, como a pavimentação de rodovias e a criação de polos urbanos, acelerou o desenvolvimento econômico, mas também trouxe desafios, como o desmatamento e conflitos fundiários, especialmente em áreas ocupadas por comunidades indígenas e tradicionais. Nas últimas décadas, o Mato Grosso consolidou sua importância econômica, especialmente no agronegócio. Em 2022, o estado liderou o avanço do PIB no Centro-Oeste, com uma variação de 10,4%. Ele também foi responsável por 30,2% da produção nacional de grãos enquanto debates sobre sustentabilidade, preservação do Pantanal e da Amazônia e inclusão social continuam sendo questões centrais no estado.

Fonte: SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da Ancestralidade aos Dias Atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2017.

Para saber mais...

A cidade de Poconé

Vídeo 1:

<https://youtu.be/DrVPXGcXX4E?si=78fw26BTnr-NdBAz>

Vídeo 2:

<https://youtu.be/5qpJzGiyec?si=C4SL2SDxeCSJrS1q>

Após o texto, tome nota!

Lembrete: considere eventos da Vida de Vovó Bem para contextualizar

Idade da Vovó Bem	O que acontecia no MT?
Nascimento	
17 anos	
28 anos	
45 anos	
90 anos	

Sugestão de atividade:

Após assistir aos vídeos, os/as alunos/as podem buscar fotografias e notícias sobre a cidade de Poconé e criar uma nuvem de palavras ou quadro de imagens com as principais características da cidade.

Organizando as informações...

Para seguirmos o item 5 do “Etapas de uma pesquisa histórica”, sugerimos um recurso muito útil para organizar essas e as demais informações sobre o contexto da vida da Vovó Bem, é o aplicativo Padlet. Com ele é possível expor imagens e notas de forma clara, veja o exemplo abaixo:

Para ir além...

Veja como usar a ferramenta padlet:

<https://youtu.be/zbDzdcWUL2Q?si=O-FHTWy71W9iejUt>

Com padlet organizado, podemos visualizar as informações e cruzar os dados, como por exemplo: saber que ela se casou com 17 anos, logo, o casamento ocorreu em 1949. Nesse período o governo brasileiro investia na ocupação do Mato Grosso e o estado atraía muitos migrantes para o trabalho na lavoura e as cidades cresciam. Não deveria faltar trabalho para o companheiro de Dona Bem, o senhor Luís Afonso Ribeiro que trabalhava como pedreiro.

Qual é a função da fotografia?

A fotografia, desde sua invenção no século XIX, tem sido frequentemente associada à ideia de representação fiel da realidade. No entanto, essa ideia é questionada por teóricos que destacam o caráter individual e construído das fotos. A relação entre fotografia e realidade é bastante complexa, envolvendo questões técnicas, culturais, etc.

Susan Sontag, em seu livro *Sobre Fotografia* (1977), argumenta que a fotografia não é apenas um registro do real, mas uma forma de interpretação. A câmera é um instrumento que seleciona, enquadra e transforma o mundo, criando uma versão específica da realidade. Roland Barthes, em seu livro *A Câmara Clara* (1980), explora o lado duplo da fotografia, que ao mesmo tempo documenta e interpreta.

Além disso, teóricos como John Berger, em *Modos de Ver* (1972), destacam o papel do contexto na interpretação das imagens. Berger argumenta que o significado de uma fotografia não está apenas no que ela mostra, mas também em como ela é vista, circulada e contextualizada.

A fotografia, portanto, não é apenas um registro do real, mas também um produto cultural, influenciado por fatores sociais, políticos e históricos!

Fonte: SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Problematizando as fontes...





Observe as fotografias do casal e descreva os elementos das imagens seguindo essas questões:

- O que você vê na imagem? (descrever roupas, objetos, gestos e expressões).
- Qual é o contexto da foto? (um evento familiar, celebração, cotidiano etc.).
- O que os elementos visíveis revelam sobre a época? (alimentos, vestimentas, cenários)



Feita a descrição, questione as/os estudantes se podemos saber qual das duas é a mais recente? E qual data, aproximadamente, esses registros foram feitos?

Trabalhando a ideia de que a história não é feita apenas de grandes acontecimentos, mas também das pequenas histórias cotidianas que formam a identidade de indivíduos e grupos podemos sugerir ainda a análise das fontes a seguir:

Imagens	O que as pessoas estão fazendo?	Quem são as pessoas na foto?	Qual é a relação entre as pessoas?	Qual momento do cotidiano?
				
				
				
				

Avaliação

Esta é uma proposta que incentiva produção textual, sendo assim o professor e a professora podem trabalhar de forma interdisciplinar com a equipe de linguagens, incluindo a disciplina de educação artística. Essa participação será fundamental na etapa de editoração. Assim, diante das informações apresentadas ao longo dessa oficina, elabore uma biografia da Vovó Bem.

Caso tenha organizado as informações no *padlet*, ficará mais fácil processá-las e seguir as etapas abaixo:

Etapa 1: Planejamento

Retorne às tabelas e textos apresentados ao longo da aula-oficina e a organize as informações em um esqueleto de texto com as seguintes seções:

- Introdução: Apresente a personagem e explique por que ela é importante.
- Vida pessoal: Dados sobre infância, família e formação.
- Realizações: Momentos marcantes e contribuições.
- Conclusão: Reflexão sobre o legado ou influência dessa pessoa.

Etapa 2: Produção da Biografia

- Cada dupla ou trio de estudantes deve escrever um item do planejamento.
- A linguagem deve ser formal e ter coesão.

Etapa 3: Revisão e editoração

- Os/as estudantes deverão trocar entre si os textos para realizarem uma revisão.
- Após os ajustes, um grupo cuidará da editoração, impressão e ilustração.

Para ir além...

Propostas de atividades para professores/as que tenham carga horária disponível para ampliar a experiência e o conhecimento dos/as estudantes sobre o tema.

Entrevista com a Vovó Bem: criando uma biografia

Em conjunto – professoras/es e estudantes podem revisitar o documentário e as notícia sobre a Dona Bem e seu museu, procurando lacunas nas informações.

Algumas sugestões:

1. Sobre a Vovó Bem...
 - a. Quando a senhora foi professora em que séries lecionava?
 - b. Por que a senhora parou de lecionar? Sentiu falta da escola?
 - c. Qual era seu momento preferido em aula?
 - d. Quais museus a senhora já visitou? Qual é o seu preferido?
 - e. A senhora lembra de algum momento em que esteve no museu? Pode contar um pouco para gente?
2. Sobre o museu...
 - a. Como a senhora começou a guardar os objetos do museu?
 - b. Qual é o seu item preferido?
 - c. Algum desses itens pertenceu a senhora? Qual?
 - d. Para a senhora, qual é o item mais valioso?
 - e. Quantos itens a senhora imagina que possui?
 - f. Como se sente hoje sendo essa referência? Sendo a História?

Referências da Aula-Oficina 1

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. In: *Revista História Hoje*, vol.7, n.13, pp.272–292. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v7i13.393>. Acesso em 10 nov. 2023.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1988.
- NETO, Lira. *A arte da biografia: como escrever histórias de vida*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.
- NORA, Pierre; AUN KHOURY, Yara. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S. l.], v. 10, pp. 120-142. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- PEDRO, Joana. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. In: *Revista Brasileira de História*, v. 24, n. 47, pp. 89-108, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWCc/?lang=pt>. Acesso em 13 nov. 2024.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. Biografia como gênero e problema. In: *História Social*, [S. l.], v. 17, n.24, pp. 51–73, 2014. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/1577>. Acesso em: 16 set. 2024.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da Ancestralidade aos Dias Atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2017.
- SOARES, Bruno César Brulon. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. In: *Cadernos Pagu*: n. 55, pp.101-149, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8656393>. Acesso em: 19 dez. 2024.
- SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SQUINELO, Ana Paula. *Mulheres e a (s) Independência (s) do Brasil: uma proposta de Aulas-Oficina para o ensino de História*. Cuiabá-MT: Paruna Editora, 2024.

4.2 Aula-Oficina 2 - Um museu para chamar de nosso, ou como se cria um museu: o caso do Cantinho da Vovó Bem – Poconé-MT



AULA-OFICINA

Título: Como se cria um museu para a comunidade: o caso do Cantinho da Vovó Bem – Poconé-MT.

Tema: A comunidade e sua representatividade no acervo do museu Cantinho da Vovó Bem – Poconé-MT.

Descrição:

Essa aula-oficina busca refletir sobre como o Museu Cantinho da Vovó Bem, localizado em Poconé-MT, preserva e narra histórias locais, destacando a importância da representatividade cultural e da participação comunitária na construção e valorização de sua memória coletiva. Através de uma análise do acervo, discutiremos as vozes, identidades e histórias que o museu registra, além de sua relevância para fortalecer os laços culturais e sociais da região. A aula-oficina destina-se aos/as estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental da educação básica. Sugestão de horas/aulas: 12 horas aulas.

Objetivo Geral:

Analisar como o acervo do Museu Cantinho da Vovó Bem, em Poconé-MT, contribui para a preservação da memória cultural local, promovendo a representatividade e o envolvimento da comunidade na valorização de sua história e identidade.

Objetivos Específicos:

- Introduzir o conceito de museus e a importância da preservação de histórias e artefatos, de modo a destacar a conformação de novos museus e novos patrimônios e identificar a sua contribuição para o estudo dos aspectos cotidianos de determinada sociedade.
- Identificar os elementos do acervo que representam a diversidade cultural local, assinalando o período histórico ao qual se remetem de modo a discutir sua relevância na construção de uma memória comunitária inclusiva.

- Refletir sobre a presença negra em Poconé-MT, destacando como o acervo do Museu Cantinho da Vovó Bem permite problematizar o legado da escravidão africana e indígena na região, entre os séculos XVIII e XIX.
- Promover o engajamento da comunidade na valorização e preservação do patrimônio histórico do museu, incentivando debates sobre a importância da participação coletiva na manutenção de sua memória.

Competências:

Competência 1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

Competência 3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.

Habilidades:

(EF08HI22) Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX.

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

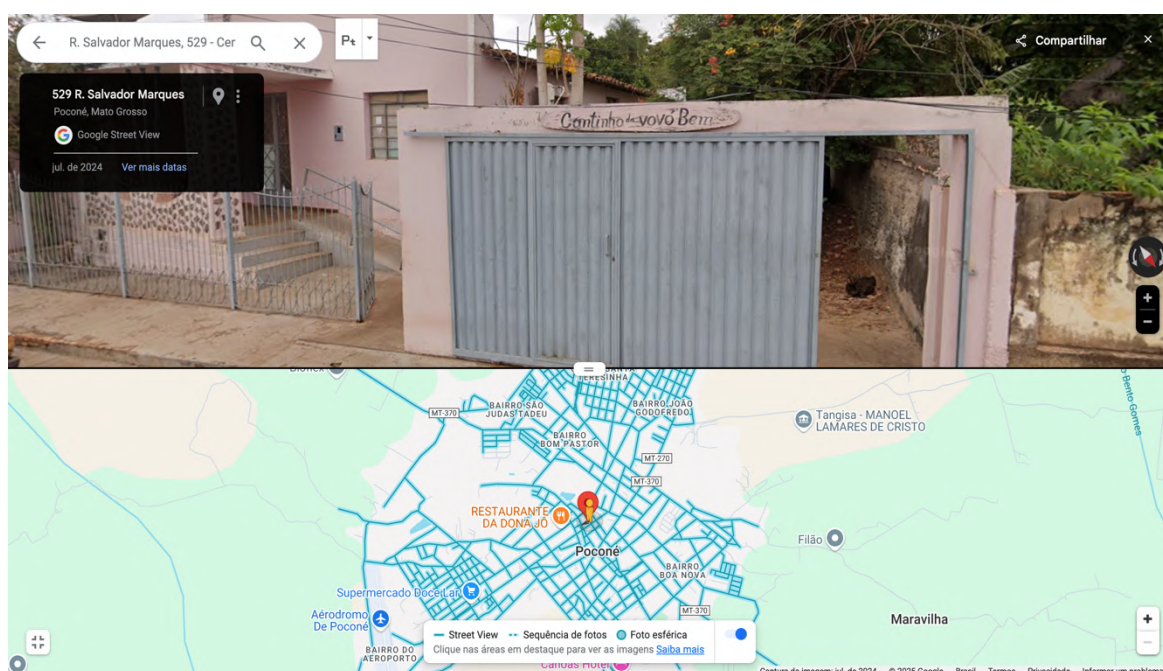
Introdução:

A aula-oficina **Um museu para chamar de nosso, ou como se cria um museu: o caso do Cantinho da Vovó Bem – Poconé-MT** tem como proposta central investigar a relação entre a memória coletiva, a representatividade cultural e o papel da comunidade na preservação do patrimônio histórico. Nesse sentido, podemos relacionar a proposta a alguns dos objetos do conhecimento da História, tais como, a produção do imaginário nacional brasileiro através da cultura popular (material e imaterial), das representações visuais e

letradas; as problemáticas do escravismo no Brasil durante os séculos XVIII e XIX; as políticas migratórias; e os legados da escravidão.

O Museu Cantinho da Vovó Bem, localizado em Poconé-MT, destaca-se como um espaço fundamental para a valorização das histórias e identidades locais, reunindo um acervo que reflete as experiências, vivências e contribuições de diferentes grupos sociais na formação da cidade.

Localização do Cantinho da Vovó Bem



Fonte: Google Maps. Captura da imagem de julho de 2024.

Dentre os aspectos abordados, a aula-oficina dará ênfase especial à presença negra em Poconé, considerando sua importância histórica e cultural no contexto regional. Cabe dizer que a cidade possui a maior concentração de comunidades quilombolas do estado, totalizando 28 unidades. Além disso, exploraremos como o acervo do museu evidencia as narrativas de outros grupos locais, promovendo reflexões sobre diversidade, inclusão e o fortalecimento dos laços comunitários.

Ao longo da atividade, os/as participantes serão convidados/as a interagir com as peças do acervo, discutir as dinâmicas de preservação e refletir sobre o papel da comunidade na construção de um patrimônio que represente a identidade cultural dos/as moradores/as de Poconé-MT que contribui para a preservação da cultura local.

Um aspecto central desta aula-oficina será a escolha e análise de fontes e documentos presentes no acervo do museu em estudo. O exercício de transformar um objeto em documento é uma prerrogativa do sujeito que o observa e interroga, com o objetivo de desvendar as dinâmicas da sociedade que o produziu. Para o/a historiador/a, o documento constitui o campo de produção do conhecimento histórico, tornando-se um elemento essencial na construção de narrativas sobre o passado.

A atividade incluirá procedimentos básicos para o trato com a documentação, como: identificação das propriedades físicas do objeto (peso, textura, sabor, cheiro etc.); compreensão dos sentidos atribuídos pela sociedade ao objeto e seus usos (como máquina produtora, objeto artístico ou ferramenta de conhecimento); análise das transformações de significado que o objeto sofreu ao longo do tempo.

Os documentos serão tratados como portadores de sentido, capazes de estabelecer mediações entre o visível (como uma pedra) e o invisível (como seu uso enquanto amuleto), permitindo a formulação de questionamentos sobre a sociedade que os produziu.

Ao promover esse exercício, os/as estudantes desenvolverão habilidades de identificação, interpretação, análise crítica e compreensão das formas de registro histórico. Além disso, a aula-oficina destacará a presença negra em Poconé e sua representação no acervo, fomentando discussões sobre representatividade cultural e o papel do museu como um espaço de valorização da identidade coletiva e da memória comunitária.

Como avaliação final da aula-oficina, os/as participantes serão responsáveis pela criação de um Museu Virtual. Essa proposta tem como objetivo principal contribuir para a preservação e difusão do acervo do Museu Cantinho da Vovó Bem, além de ampliar o conteúdo e a representatividade da população negra e quilombola da cidade de Poconé.

O Museu Virtual será uma plataforma colaborativa que permitirá reunir objetos, documentos e narrativas que representem as histórias, tradições e contribuições da população negra e quilombola na formação cultural da região. A proposta também busca engajar os/as participantes na valorização do patrimônio histórico local, utilizando recursos digitais para democratizar o acesso à memória coletiva.

Glossário

1. Representatividade

Representatividade é a presença de pessoas ou grupos em espaços e contextos que refletem sua diversidade, identidade, experiências de vida, cultura e patrimônio, com o objetivo de promover igualdade, inclusão e reconhecimento. O conceito vai além da simples presença física, englobando também a visibilidade e o respeito pelas vozes, histórias, tradições e perspectivas desses grupos. Ela se manifesta, por exemplo, na mídia e no entretenimento, por meio de personagens negros, indígenas, LGBTQIA+, pessoas com deficiência ou de diferentes culturas sendo representados/as das formas mais diversas em filmes, séries e livros. No campo da cultura e do patrimônio, a representatividade é fundamental para preservar e valorizar tradições, saberes ancestrais, monumentos históricos e expressões artísticas que compõem a riqueza da diversidade humana, garantindo que essas heranças sejam reconhecidas e transmitidas para as futuras gerações. Representatividade é importante porque, ao permitir que grupos marginalizados se vejam representados, reforça sua identidade e autoestima, ajuda a desconstruir preconceitos ao apresentar a diversidade de experiências humanas e cria um ambiente mais igualitário, onde as diferenças são respeitadas e celebradas.

Fonte: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

2. Identidade Cultural

Identidade cultural refere-se ao conjunto de valores, tradições, símbolos, crenças e práticas que caracterizam e diferenciam um grupo social, permitindo que seus membros se reconheçam como parte de uma coletividade e, ao mesmo tempo, sejam reconhecidos por outros. Ela é construída socialmente ao longo do tempo, influenciada por fatores históricos, geográficos, econômicos e políticos, e está em constante transformação, especialmente em contextos marcados pela globalização e pelo multiculturalismo. Na atualidade, a identidade cultural é vista como dinâmica e fragmentada, resultando de processos de construção e reconstrução contínuos. As identidades não são fixas ou essenciais; elas emergem de processos de representação e de significação, sendo moldadas por discursos, relações de poder e o contato com outras culturas. Nesse sentido, a identidade cultural é tanto um espaço de pertencimento quanto um campo de disputa e negociação, no qual tradições e práticas culturais são constantemente redefinidas.

Fonte: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

3. Museu Virtual

Museu virtual é uma instituição cultural digital que utiliza plataformas *on-line* para disponibilizar acervos, exposições, informações e experiências interativas ao público, independentemente de barreiras geográficas. Diferente dos museus físicos, um museu virtual existe exclusivamente no ambiente digital, permitindo acesso a coleções por meio de imagens, vídeos, textos e tecnologias como realidade aumentada (RA) e realidade virtual (RV). Os museus virtuais representam uma evolução no campo do patrimônio cultural, possibilitando novas formas de interação e interpretação. Eles não apenas replicam exposições físicas, mas também criam experiências inéditas que exploram as potencialidades do ambiente digital para oferecer acessibilidade, engajamento e inovação. Os museus virtuais contribuem para a democratização do conhecimento, ampliando o acesso ao patrimônio cultural e histórico para um público global, ao mesmo tempo em que incentivam a preservação digital de coleções.

Fonte: HENRIQUES, Rosali. *Memória, museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 2004.

Para explorar o tema:

Que tal conhecer o Museu de História Natural de Mato Grosso sem sair de casa?!

Acesse nesse link [Tour 360º](#)

Curiosidade:

Você sabia que o filme, “Uma noite no museu” foi filmado em um museu de história natural? É verdade, o Museu de História Natural de New York. Mas o que é um museu de história natural? Um museu de história natural é um espaço que exhibe objetos e artefatos relacionados com a natureza e os seres vivos que habitam o planeta Terra desde seus vestígios mais antigos.

Por isso, no filme, vemos dinossauros e soldados caminhando pelo museu quando os seguranças fecham as suas portas. Ah! Além disso, inspirados no filme, esse e outros museus têm promovido visitas e eventos noturnos!

Produzindo conhecimento...

Que tal também visitar o museu de História Natural de New York?

<https://www.amnh.org/>

Crie uma lista comparando o acervo dos dois museus e observe o que museus tão distantes possuem em comum ou de diferente.

Para ir além...

Leia a matéria abaixo e inspire-se para criar um relato de como seria a sua noite no museu!

<https://www.topensandoemviajar.com/nova-york-uma-noite-no-museu>

Você deve escolher um museu que gostaria de visitar a noite, explicar a escolha e contar os detalhes assustadores e divertidos de “Uma noite no Museu”.

Apresentação

O Museu de Poconé foi criado em 2005, mas certamente você sabe que esse não é o único museu da região, nem tão pouco o primeiro museu. Mas já parou para pensar de onde vem essa prática de juntar e expor vários objetos diferentes em um mesmo lugar?

Bom, os museus têm sua origem ligada às práticas de colecionismo e preservação de objetos de valor histórico, artístico, científico ou cultural, com registros que remontam às civilizações antigas. A palavra "museu" deriva do termo grego *mouseion*, que designava templos dedicados às musas – divindades inspiradoras das artes e ciências. Um exemplo significativo foi o *Mouseion* de Alexandria, no Egito, fundado no século III a.C., que combinava um espaço de estudo, biblioteca e acervo de objetos culturais.

Mas o formato mais próximo do atual começou a surgir no Renascimento, ou seja, entre os séculos XV e XVI, quando os gabinetes de curiosidades se tornaram populares na Europa, reunindo coleções privadas de nobres e intelectuais. Esses espaços marcaram a transição do colecionismo privado para o público, influenciando o conceito moderno de museus. O primeiro museu público reconhecido foi o Museu Capitolino, inaugurado em 1471 em Roma, com a doação de esculturas clássicas por parte do Papa Sisto IV.

Durante o Iluminismo, no século XVIII, temos um passo decisivo na consolidação dos museus como uma instituição fundamental na formação dos/as cidadãos/ãs. Os iluministas, em um ato revolucionário, passaram a valorizar o conhecimento e a educação, levando à criação de museus nacionais. O Museu do Louvre, inaugurado em Paris em 1793, é um marco desse período, sendo transformado de um palácio real em um espaço público.

No Brasil, o primeiro museu foi fundado por D. João VI, em 1818, recebeu o nome de Museu Real. O seu propósito era atender aos interesses de promoção do progresso cultural e econômico do país. Na imagem abaixo podemos ver uma imagem do prédio original, já intitulado Museu Imperial, uma vez que a pintura foi feita após a Independência do Brasil.

O Museu Imperial



Fonte: <https://www.museunacional.ufri.br/dir/omuseu/omuseu.html>

A nomenclatura do nosso primeiro museu ainda vai mudar mais uma vez, passando a ser nomeado como Museu Nacional após a Proclamação da República. Repara como os museus vão se adaptando as transformações ao longo do tempo. Não apenas pelo nome, mas também em relação ao seu conteúdo e funções. A evolução dos museus reflete as transformações sociais e culturais de cada época, no geral, temos visto os museus deixarem de ser locais exclusivos de erudição para instituições democráticas e acessíveis, dedicadas à preservação, pesquisa e disseminação do patrimônio cultural.

Mas quem organiza os museus e suas coleções para criar as exposições? Essa é a função do/a curador/a. Ele/a pode ser um/a historiador/a, um/a antropólogo/a, um/a museólogo/a, um/a artista, ou mesmo uma pessoa comum, um coletivo, uma comunidade. No caso do Cantinho da Vovó Bem temos, sim a iniciativa da Maria da Piedade Almeida Ribeiro, mas também de toda a comunidade que se mobilizou entregando objetos diversos para formar o acervo do museu.

Isso porque a formação acadêmica não é o fator mais importante para ser um/a curador/a. Ele/a deve estar atento às necessidades, aos interesses e às tendências da sociedade. Dominar o conhecimento sobre a comunidade com a qual quer dialogar e promover o diálogo entre as obras e o público. Mas atenção, isso nem sempre foi assim.

No início da história dos museus, tudo era muito mais hierarquizado e distante das pessoas comuns. Acreditava-se que apenas os feitos dos grandes homens ou objetos muito raros ou atípicos deveriam ser guardados, preservados e expostos para representar a história de uma nação. E se hoje, a Dona Bem montou um museu e, esse, foi “parar em Brasília”, é porque a própria noção de história mudou. Hoje, entendemos que a história é feita por todos nós, isto é, por pessoas como eu, você e a Vovó Bem. Também participam da história as instituições sociais, como igrejas, escolas, exército; e grupos, como os/as artesãos/as, os/as trabalhadores/as e os/as estudantes. Todos somos sujeitos históricos, logo, todos devemos ter representatividade.

Portanto, hoje o Museu é entendido como uma instituição moderna e responsável pela preservação de um passado e memória, especialmente em museus de arte e históricos. Além disso, tem a função de divulgar conhecimentos e valores, como ocorre com os Museus Científicos, e de criar um saber.

O que é um...

Sujeito histórico

O termo está ligado às reflexões sobre a natureza da ação humana e do papel dos indivíduos e coletivos na história. Busca-se entender quem consegue promover mudanças ou garantir que nada mude em uma sociedade. Caberia apenas aos políticos direcionar a vida das pessoas? Ou seriam os/as trabalhadores/as os/as responsáveis por moldar o contexto histórico? A resposta seria sim para os dois casos. E, acrescentaria mais, hoje, entende-se por sujeito histórico todos os grupos e indivíduos, pois cada ação e experiência podem ter impactos significativos na história.

Fonte: BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Para ir além...

Escolha uma das galerias do Louvre e faça um tour virtual ao museu mais visitado do mundo, segunda a revista Forbes: <https://www.louvre.fr/en/online-tours>

10 curiosidades sobre o Louvre – o museu mais visitado do mundo em 2023

1. É o maior museu do mundo, com 60 mil metros quadrados de área.
2. Durante o reinado de Napoleão, foi rebatizado como "Musée Napoleon".
3. A pirâmide de vidro, criada pelo arquiteto IM Pei, tem 21 metros de altura.
4. Levaria 100 dias para ver todas as obras, se passar 30 segundos em cada uma.
5. 25% das obras de Leonardo Da Vinci estão no Louvre.
6. O significado do nome "Louvre" é incerto, com várias teorias.
7. Em 2017, o Louvre Abu Dhabi foi inaugurado.
8. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Louvre foi usado pelos nazistas para armazenar obras roubadas.
9. A Mona Lisa foi alvo de várias tentativas de dano após ser roubada.
10. A pirâmide de vidro foi adicionada ao Louvre em 1989

Fonte: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/amaury-jr/2023/03/09/10-fatos-curiosos-sobre-o-museu-do-louvre.htm>

Fonte: <https://forbes.com.br/forbeslife/2024/08/os-20-museus-mais-visitados-do-mundo-em-2023/>

Contato com as fontes:

Nesta atividade vamos iniciar um trabalho de pesquisa sobre os museus citados acima para conhecermos um pouco suas origens, temáticas, contribuições culturais e históricas, além das influências sociais e políticas que moldaram suas coleções. Observar o conteúdo dos museus pode nos ajudar a compreender os valores e a representatividade dos grupos sociais.

Fonte 1: Visite o Museu do Louvre: <https://www.louvre.fr/en>

Importante! Ao entrar na página do Louvre opte pela tradução do Google.

Fonte 2: Visite o Museu Nacional: <https://www.museunacional.ufrj.br/>

Instruções:

1. Organização:

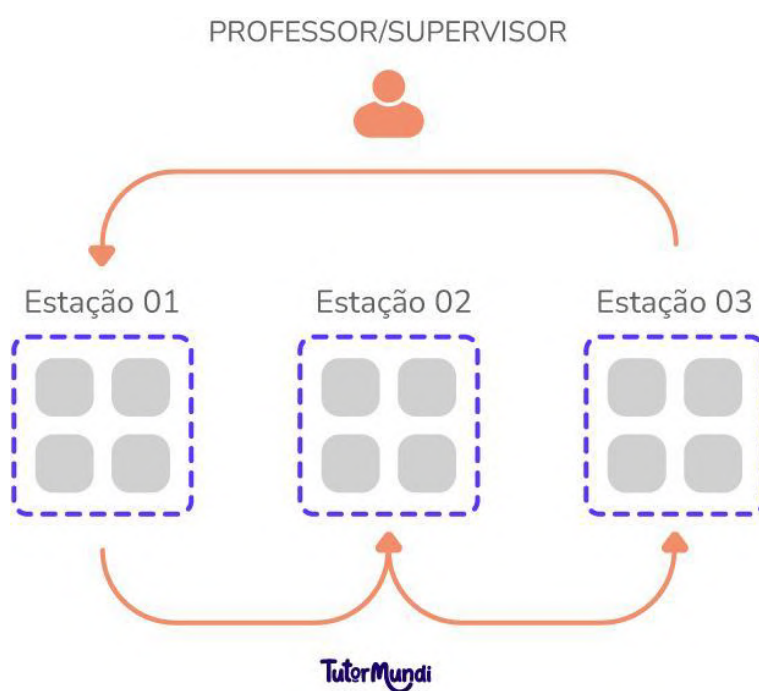
- Materiais: dispositivo com acesso à internet, lápis, caderno e caneta. Após realizar a pesquisa você pode inserir as informações em uma cartolina produzindo um cartaz, nesse caso, imagens são bem-vindas.

- Dinâmica: divida a turma em grupos de 4 a 6 alunos/as e oriente a divisão de tarefas. É possível realizar a atividade com **rotação de estações**. Nesse caso, duas estações podem ser criadas e a turma dividida em dois grupos que se alternam entre as estações por um determinado tempo realizando a pesquisa sobre o museu indicado na estação 1, depois, na estação 2.
- A apresentação pode ser feita por meio de slides, vídeo ou até mesmo uma exposição de um grande poster com os resultados da pesquisa e debates.

Para ir além...

Veja como usar a metodologia ativa da rotação por estações:

<https://novaescola.org.br/conteudo/21301/rotacao-por-estacoes-como-dinamizar-as-formacoes-usando-essa-metodologia-ativa>



Rotação por estações – esquema explicativo – Disponível em:

<https://tutormundi.com/blog/rotacao-por-estacoes/>

2. Leitura e Pesquisa:

- Pesquise sobre o acervo do **Museu do Louvre** e o do **Museu Nacional** seguindo os itens indicados na tabela abaixo.

- Além das fontes indicadas acima você pode buscar outras, desde que confiáveis, para explorar a história, as coleções e as transformações desses museus ao longo do tempo.

3. **Organize as Informações:** preencha a tabela comparativa a seguir, destacando os principais aspectos de cada museu. Use imagens dos acervos de ambos os museus para ilustrar suas principais coleções.

Aspecto	Museu do Louvre	Museu Nacional
Fundação		
Objetivo Inicial		
Exemplos de Obras		
Influência Cultural		
Importância Histórica		
Eventos Marcantes		
Público-alvo		

Agora observe o resultado e converse com seus colegas buscando elaborar uma reflexão comparando os dois museus. Considere as diferentes funções que cada um desempenha em suas respectivas sociedades e como seus acervos refletem as preocupações e interesses da sua época. Avalie, os museus acima podem ser considerados museus representativos da diversidade social de seus países? Quais são os desafios atuais para esses museus?

Para saber mais...**A preservação dos museus: um desafio para a memória**

A preservação dos museus é essencial para garantir a continuidade do patrimônio cultural e científico de uma nação. Esses espaços, que abrigam coleções valiosas de arte, história e ciência, são testemunhos vivos da identidade e da memória de um povo.

Apesar da conservação dos museus constituir como uma política de Estado, contando com um marco legal (Estatuto de Museus - Lei nº 11.904/2009) e um órgão executor dessa política (Instituto Brasileiro de Museus – Ibram - Lei nº 11.906/2009), os programas e ações naturalmente ficam condicionados às diretrizes da gestão governamental, e os recursos acabam oscilando, afetando o desempenho da Política Nacional de Museus. Tal fato se traduz nas tragédias, como o incêndio no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em 2018, e no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, em 2015. Nesses casos as falhas na conservação e segurança desses espaços resultaram em perdas irreparáveis.

Os problemas relacionados à conservação dos museus não se limitam ao Brasil. Em vários países, como no caso do incêndio na Catedral de Notre-Dame, em Paris, em 2019, a preservação do patrimônio cultural enfrenta desafios semelhantes. A falta de investimentos adequados e o envelhecimento das infraestruturas comprometem a segurança e a integridade dos acervos. Além disso, a crescente demanda por exposições interativas e o aumento do número de visitantes também exigem que os museus se adaptem, sem comprometer a conservação das obras. Portanto, é um problema global que exige uma abordagem internacional colaborativa para garantir a preservação do patrimônio cultural mundial.

É urgente que políticas públicas mais eficazes sejam implementadas para assegurar a manutenção preventiva e a infraestrutura dos museus, além de investimentos em tecnologia de segurança, como sistemas de alarme e monitoramento. Tais medidas são necessárias para evitar danos causados por fatores como incêndios, infiltrações e deterioração natural das peças. Além disso, deve haver um esforço contínuo para

educar a sociedade sobre a importância de proteger esse patrimônio para as futuras gerações.

A preservação dos museus não é apenas uma questão de salvar objetos, mas de manter viva a história, a arte e o conhecimento que moldam a nossa cultura. Por isso, é fundamental que o governo, a sociedade e as instituições de ensino se unam para criar uma rede de proteção e valorização desse patrimônio, garantindo que o legado cultural seja preservado e acessível para todos.

Fonte: Os desafios e as perspectivas na preservação dos museus. Disponível em

<https://ufop.br/noticias/em-discussao/os-desafios-e-perspectivas-na-preservacao-dos-museus>

Fonte: SOUZA, Geisa Alchorne de. *O desafio contemporâneo da conservação: a fragilidade da media art*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/MCTIC, 2019. Disponível em: https://www.acervosdigitais.org.br/portal/wp-content/uploads/2014/09/Geisa_Souza.pdf

Identificando o museu Cantinho da Vovó Bem

O Museu Cantinho da Vovó Bem está registrado no Sistema Nacionais de Museus. Criado pela Portaria Ibram nº 215, de 4 de março de 2021, Museusbr é o sistema nacional de identificação de museus e plataforma para mapeamento colaborativo, gestão e compartilhamento de informações sobre os museus brasileiros.

A inclusão do Cantinho da Vovó Bem ocorreu depois que o projeto “Estratégia para o fortalecimento de empreendimentos turísticos” realizado pelo SEBRAE no ano de 2003, ao realizar um levantamento do potencial turístico urbano identificou o local onde a Dona Maria Piedade guardava peças antigas em um “cantinho” de seu quintal como um local a receber a atenção dos órgãos de turismo e cultura. Assim, os membros do curso Condutores Urbanos (SEBRAE) mobilizaram-se para organizar o espaço e o acervo junto com a Dona Bem. Foi realizada até um evento de inauguração. O “Cantinho da Vovó Bem” também é inserido no “Centro Histórico” da cidade de Poconé, também conhecida como “Portal de Entrada do Pantanal Mato-grossense”.

Como vimos, os museus registrados, como o Cantinho da Vovó Bem estão

protegidos por lei, todavia, nem sempre as políticas públicas se concretizam. E, se o Museu Nacional, o Museu da Língua Portuguesa, e a própria Catedral de Paris não estão protegidos de sofrerem com adversidades e falta de conservação, imagina o pequeno espaço em Poconé. E, infelizmente, no início de 2024, foi a vez do museu em estudo passar por adversidades. Uma ventania destruiu parcialmente o espaço.

Contato com as fontes.:

Fonte 3: Notícia sobre a destruição do museu Cantinho da Vovó Bem

MENU

g1

MATO GROSSO

CENTRO AMÉRICA

BUSCAR

Museu da cultura de Poconé é destruído após ventania

O local abriu as portas pela primeira vez em 2005 e em 2010, foi incluído no cadastro nacional dos museus, pelo Ministério da Cultura.

Por **Joice Gonçalves**
02/01/2024 10h23 - Atualizado há 8 meses

f

whatsapp

share



O espaço reconhecido nacionalmente e internacionalmente por conservar a cultura poconeana e mato-grossense ficou totalmente destruído — Foto: Reprodução

Uma ventania causada pelas chuvas destruiu o Museu de Vovó Bem, em Poconé, a 104 km de Cuiabá. O vendaval aconteceu na terça-feira (26), derrubou um coqueiro, que caiu em cima do espaço, reconhecido nacionalmente e internacionalmente por conservar a cultura poconeana e mato-grossense.

Segundo a academia Lítero-cultural pantaneira, o museu guarda objetos, relíquias e registros da história do município. O local abriu as portas pela primeira vez em 2005 e em 2010, foi incluído no cadastro nacional dos museus, pelo Ministério da Cultura.

O presidente de honra da casa, Valney Rosa publicou um apelo nas redes sociais pedindo ajuda para reconstruir o espaço. É possível ver os rastros de destruição deixados pela chuva e o coqueiro caído no meio de uma das salas.

A moradora e amiga Leila Ribeiro está organizando uma vaquinha nas redes sociais para reconstruir o espaço Vovó Bem que é muito especial para a memória e cultura da cidade e de todo o Estado.

“A Vovó está muito triste com tudo isso, e como ela é aposentada e assalariada não consegue arcar com uma reforma, por isso pedimos ajuda a todos aqueles que conhecem o espaço para reconstruirmos”, afirma.

Para saber mais: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/01/02/museu-da-cultura-de-pocone-e-destruido-apos-ventania.ghtml>

Glossário

Notícia

Notícia é uma forma de comunicação que transmite informações recentes ou relevantes sobre eventos, situações ou assuntos de interesse público. Geralmente publicada em jornais, revistas, televisão ou plataformas digitais, a notícia apresenta os fatos de maneira objetiva, clara e concisa, visando informar o público. Uma boa notícia deve responder às questões básicas: o quê, quem, quando, onde, como e por que, conhecidas como "as seis perguntas do jornalismo". Além disso, é importante considerar a imparcialidade e a veracidade da informação apresentada.

Reportagem

A reportagem é um gênero textual usado no jornalismo para explorar um assunto de forma mais aprofundada. Por isso, o texto contém informações sobre o contexto do fato apresentado, análises que indicam um histórico, dados, causas e efeitos. Igualmente, pode conter entrevistas revelando diferentes pontos de vista sobre o ocorrido. As reportagens costumam ser estruturadas em: título, subtítulo, lide, corpo da reportagem, conclusão e caixa com informações. Pode haver ainda fotografias. Elas são assinadas pelo jornalista.

Lide

A lide é o parágrafo inicial de uma notícia ou reportagem, cuja função é apresentar de forma resumida as informações principais do texto. Ele deve responder, de maneira objetiva, às chamadas seis perguntas do jornalismo: o quê, quem, quando, onde, como e

por quê. A lide é essencial para captar a atenção do leitor e fornecer um panorama geral da informação que será detalhada ao longo do texto. É uma técnica fundamental na produção jornalística para garantir clareza e concisão.

Fonte: *Manual de Comunicação da Secom: Glossário*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario>

Problematizando a fonte...

Jornais como fonte histórica.

Os jornais oferecem aos/as historiados/as registros do cotidiano, opiniões públicas e eventos marcantes de diferentes épocas. Eles permitem compreender os contextos sociais, econômicos, políticos e culturais nos quais foram produzidos, refletindo as perspectivas e ideologias predominantes. Além disso, os jornais fornecem acesso a discursos oficiais, debates políticos, propagandas e costumes da sociedade. Apesar de sua riqueza informativa, é importante analisar criticamente essas fontes, considerando questões como censura, parcialidade editorial e representatividade.

Fonte: BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas: uma síntese metodológica. In: *Revista Portuguesa de História* – t. LII (2021) – p. 421-443– ISSN: 0870.4147 DOI: https://doi.org/10.14195/0870-4147_52_18

Instruções:

1. Leitura e Análise:

Leia a reportagem com atenção e destaque os seguintes pontos:

- O impacto da destruição do museu para a comunidade local.
- Mobilização para a reconstrução do museu: quem são as pessoas envolvidas, quais são as fontes de recursos, quais os meios de divulgação da campanha

2. Problematizando:

Em pequenos grupos problematizem as questões:

- Qual é a importância do Museu da Vovó Bem para a cultura e a história de Poconé e do Mato Grosso?
- Como a participação da comunidade pode influenciar a reconstrução e a preservação desse espaço?
- Quais seriam as consequências se a comunidade não se mobilizasse para salvar o museu?

Produzindo o conhecimento:

Diante das informações e reflexões **crie uma reportagem** revelando as saídas encontradas para o problema exposto acima. Não deixe de fazer um título e uma lide, indicar os responsáveis: sociedade civil? Órgãos governamentais? Ações conjuntas? O que fizeram? Valor dos recursos investidos? Qual será o futuro do museu? Como estaria a Dona Bem? Ela estaria feliz com os novos rumos do seu “cantinho”?

Para ir além...

Esta é uma proposta que incentiva a resolução de problemas e a produção textual, sendo assim o professor e a professora podem trabalhar de forma interdisciplinar com a equipe de linguagens. Para compreender melhor essa estratégia de ensino:

http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1438818370_ARQUIVO_ArtigoINTERDISCIPLINARIDADEATRAJETORIAHISTORICADEUMCONCEITOWilmaACRAdeMelo.pdf

As/os estudantes devem ser orientados de modo a reparar os esforços da comunidade para recuperar o Cantinho da Vovó Bem, apresentado na notícia como “museu de cultura de Poconé”. Cabe destacar junto ao alunado que os jornalistas, ao escreverem essa expressão no título da notícia, reconhecem a importância do Cantinho para a formação da identidade dos/as poconeanos/as. Ainda que o museu em estudo não seja um museu comunitário, mas sim, um museu privado, ou seja, pertence a uma pessoa e é gestado por ele, o valor para comunidade fica exposto.

Glossário

Ecomuseus ou museus comunitários.

Também chamados de museus comunitários ou museus de territórios, os ecomuseus são diferentes dos museus tradicionais criados pela iniciativa governamental e organizados por diversos profissionais, como museólogos/as, arquivistas, historiadores/as e entre outros/as. Os ecomuseus possuem uma visão integrada das pessoas e do meio ambiente, dos sujeitos históricos e dos bens culturais. **Seu conteúdo é definido pela comunidade**, podendo surgir em contextos sociais diferentes. Como exemplos citamos o Museu da Maré no Rio

de Janeiro, o Ecomuseu de Itaipu em Foz do Iguaçu e o Ecomuseu Fonte da Carioca na Cidade de Goiás.



Museu da Maré (Araujo, 2017). Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/TSKgk7t3kcMpMwhqP8ghmTv/?lang=pt#>

Contato com as Fontes:

A/o docente pode orientar as alunas e os alunos que observem a imagem a seguir, através das seguintes perguntas: é possível encontrar semelhanças e diferenças entre o acervo desses museus distantes geograficamente? Em seguida, solicitar que listem separadamente essas características.

Fonte 4: Museu da Maré – RJ**Fonte 5:** Museu Cantinho da Vovó Bem - MT

SEMELHANÇAS:

DIFERENÇAS:

Como orientar a realização da leitura e da interpretação de...

Uma fonte histórica material

Os procedimentos básicos para trabalhar com documentação incluem:

- **Observação:**
 - Algumas possibilidades de perguntas: De que material é feito? Qual é a textura? Por que foi feito desse material? Qual sua cor, forma e textura? É possível que tenha algum cheiro? Em que época foi feita? Tem algum defeito ou sinal de desgaste? Está limpo? Ela se relaciona com outros objetos? É um objeto artesanal ou industrial?
- **Registro:**
 - Descreva com suas palavras as observações e deduções feitas, cabe também, medir, pesar, fotografar os objetos.
- **Exploração:**
 - Busque mais informações fazendo perguntas a outras pessoas, consultando livros, revistas ou documentos, ou mesmo usando seu o buscador de internet preferido.
 - Retorne à fase do registro e anote as informações mais relevantes.
- **Análise:**
 - Interprete as informações registradas e elabore um texto com suas conclusões sobre o objeto.
- **Apropriação:**
 - Desenvolva um material educacional a partir de sua capacidade de expressão, pode ser um desenho, uma música, um poema, um vídeo, seja criativo!




Esse exercício ajuda os/as alunos/as a desenvolverem habilidades para identificar, interpretar, analisar, criticar e compreender as diferentes formas de registro.

Fonte: HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília, IPHAN, Museu Imperial, 1999.

Após as alunas e os alunos estabelecerem as semelhanças e diferenças, cabe ao professor debater com a turma e orientá-la a responder às questões: de que maneira as

coleções desses museus contribuem para a preservação da memória cultural de suas respectivas comunidades? É possível perceber nos acervos traços que extrapolam a realidade comunitária e representam a vivência de grupos em diferentes espaços?

Seguindo como o trabalho junto ao acervo do Cantinho da Vovó Bem, seguimos com uma atividade mais específica: a visita ao museu. Mas caso não seja possível realizar a atividade presencialmente no museu, podemos adaptá-la usando algumas fotografias de objetos encontrados no acervo da Cantinho da Vovó Bem. Veja abaixo a sugestão de atividade inspirada no Guia da Educação Patrimonial.

<i>Problematizando as Fontes:</i>			
Observação:	Fonte 6 	Fonte 7 	Fonte 8 
Registro:			
Exploração:			
Análise:			

Apropriação:			
---------------------	--	--	--

A coleção formada pela Dona Bem e sua comunidade é muito diversa e pode representar diferentes modos de vida, gostos, pessoas e períodos históricos, além de diferentes grupos. Quais grupos você associaria a cada um deles? Que pessoas usavam? Quem produzia?

Do conjunto, dois objetos nos provocam grande curiosidade: uma gargalheira e uma banheira esculpida em uma pedra. Observe as imagens abaixo.

Fonte 9: Banheira de pedra



Fonte 10: Gargalheira



Essas fontes materiais nos remetem a presença e as marcas da escravidão na cidade de Poconé. O professor pode refletir sobre como seria usar o garrote, de modo a introduzir a temática da escravidão no Mato Grosso. Cabe lembrar, que essa tem sua origem na exploração do ouro, ocorrida a partir do século XVIII. Os colonizadores portugueses, ao descobrirem jazidas auríferas no território, passaram a explorar o trabalho escravizado de indígenas e africanos. No oitocentos, com o declínio da mineração, a economia de Mato Grosso voltou-se para a agricultura e pecuária, mantendo a exploração do trabalho escravizado como base produtiva.

A imagem a seguir foi pintada por Jean Baptiste Debret. Nela é possível ver vários escravizados com diferentes instrumentos de controle, entre eles a gargalheira. Ela era uma espécie de colar de ferro ou de madeira que servia como castigo.



“Castigo imposto aos negros”, Jean-Baptiste Debret, aquarela, 1816-1831.

O próprio pintor descreveu o seu uso, leia o fragmento a seguir:

O colar de ferro é a punição ao negro que tem o vício de fugir (...). O colar de ferro é armado de uma ou várias hastes, não somente para torná-lo ostensivo, mas para dar pegada, quando se agarra o negro, principalmente em caso de resistência, pois, apoiando-se vigorosamente sobre a haste, a pressão inversa se produz do outro lado do colar, que levanta com força o maxilar do capturado. Dor horrível, que logo lhe faz render-se e ainda muito mais prontamente, uma vez que a pressão se renova por solavancos.

Fonte: BANDEIRA, Júlio; LAGO, Pedro Corrêa do. *Debret e o Brasil*. Obra completa. Rio de Janeiro: Capivara, 2008, p. 189.

O que você compreendeu do texto e da imagem? Qual é o sentimento que eles remontam? Reflita e converse com seus colegas, eles sentiram o mesmo que você?

Ao longo dos séculos, as condições de trabalho dos escravizados eram extremamente precárias, com jornadas exaustivas, alimentação insuficiente e alto índice de mortalidade. Se observarmos novamente a banheira de pedra, podemos imaginar o quanto cansativo e dolorido foi talhar essa banheira com ferramentas simples. Igualmente, a Gargalheira nos remete a dor e ao sofrimento, uma vez que era um instrumento de ferro usado em volta do pescoço, com correntes para prender os membros do escravizado ao seu corpo ou para atrelar escravizados uns aos outros.

Mas a vida e os vestígios do passado da população escravizada não se limitam aos aspectos sombrios. Os/as escravizados procuraram criar redes de solidariedade, preservaram suas tradições culturais, e desenvolveram formas de resistência, como quilombos, festas, danças e religiões afro-brasileiras, que se tornaram pilares importantes da identidade cultural brasileira. Esses espaços de união e criatividade não apenas ajudavam na sobrevivência física e emocional, mas também foram fundamentais para a transmissão de conhecimento e fortalecimento de valores comunitários que perduram até hoje.

Você sabe o que foram os quilombos? Eles eram espaços de resistência e liberdade para pessoas escravizadas que fugiam das condições opressoras impostas pelos colonizadores. Esses territórios, formados principalmente em regiões de difícil acesso, como áreas de mata densa e serras, abrigavam comunidades autônomas organizadas com base em valores diversos. Historiadores como Nina Rodrigues, Arthur Ramos Edison Carneiro, entre outros acreditam que o elemento marcante dessas sociedades era a preservação dos conhecimentos e da herança ancestral de origem africana.

Um dos quilombos mais importantes de Mato Grosso foi o Quilombo do Quariterê, que existiu no século XVIII na região da Serra do Cabral, próximo ao atual município de Vila Bela da Santíssima Trindade, a então capital da capitania. Liderado por Tereza de Benguela, o quilombo chegou a abrigar centenas de pessoas, incluindo africanos, afrodescendentes e indígenas. A comunidade desenvolveu práticas agrícolas, defesa militar e estruturas políticas próprias, simbolizando um desafio direto ao sistema escravista.

Para saber mais...

Assista ao vídeo [Tereza de Benguela: A rainha do Pantanal](https://www.youtube.com/watch?si=-g03K3chejlC8uzC&v=tRvZ1v-EbH8&feature=youtu.be):
<https://www.youtube.com/watch?si=-g03K3chejlC8uzC&v=tRvZ1v-EbH8&feature=youtu.be>

Atualmente, várias comunidades quilombolas em Mato Grosso lutam pelo reconhecimento oficial de seus territórios e direitos. Essas comunidades desempenham um papel essencial na preservação da memória histórica e cultural do estado. Só em Poconé temos 28 comunidades quilombola.

Para saber mais...

Visite o Atlas do Observatório Quilombola e identifique as comunidades quilombolas do Estado do Mato Grosso: <https://kn.org.br/atlasquilombola/comunidades/MT/>

Problematizando e refletindo sobre o tempo presente:

Agora, vamos refletir sobre de que maneira esses objetos refletem o legado da população africana e afro-brasileira na cidade de Poconé: Será que os descendentes dos escravizados que vivem nas 28 comunidades quilombolas da cidade se sentem representados por esses vestígios do passado? Ao conhecer os usos desses objetos que sentimentos são provocados? Felicidade ou tristeza? Alegria ou dor? Esses vestígios são classificados como patrimônios ou objetos de memórias sensíveis, ou ainda podemos dizer, sombrios.

O que é...**1. Patrimônio sensível**

Patrimônio sensível é tudo aquilo que carrega uma história muito importante e, muitas vezes, dolorosa, mas que precisamos lembrar para aprender com o passado. Pode ser um lugar, um objeto ou até uma tradição que nos faz pensar sobre coisas difíceis, como guerras, escravidão ou injustiças. Esses patrimônios são cuidados com muito respeito porque ajudam as pessoas a não esquecerem o que aconteceu e a não cometerem os mesmos erros no futuro. Por exemplo, um antigo quilombo ou um memorial de guerra são patrimônios sensíveis, pois contam histórias de luta, sofrimento, mas também de superação.

2. Patrimônio Afro-brasileiro

Patrimônio afro-brasileiro é tudo aquilo que representa a história, a cultura e as tradições trazidas pelos/as africanos/as que vieram para o Brasil, de forma forçada durante a escravidão. Isso inclui festas, músicas, danças, religiões como o candomblé e a umbanda, comidas como a feijoada e o acarajé, e até lugares, como quilombos e terreiros.

As culturas afro-brasileiras foram perseguidas e muitas vezes tratadas como folclore, mas hoje são reconhecidas como parte importante do patrimônio cultural do Brasil. Apesar disso, os descendentes de africanos sempre valorizaram suas tradições, como festas, religiões, músicas, danças, artes e culinária. A luta do movimento negro, mudanças nas ciências sociais e as leis criadas após a Constituição de 1988 ajudaram a ampliar o conceito de patrimônio, dando espaço para valorizar a cultura africana e afro-brasileira. O reconhecimento de patrimônios imateriais foi essencial para preservar a memória de povos não europeus.

Hoje, heranças africanas no Brasil estão registradas em tradições como o Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, Baianas do Acarajé, Mestres de Capoeira, Bumba meu Boi, maracatus, samba de roda, jongo e muitas outras práticas que mostram a riqueza e a diversidade dessa cultura. Preservar e valorizar o patrimônio afro-brasileiro é reconhecer a força e a contribuição dos povos africanos na construção da identidade brasileira.

Fonte: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Org.). *Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos*. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

Assista ao vídeo para conhecer mais sobre o Patrimônio Negro em Poconé. Clique para assistir ao vídeo, preferencialmente até 7 minutos: Homenagem aos 126 anos do Distrito de Chumbo: <https://www.youtube.com/watch?feature=shared&v=t9-MDSEW3Nk>

Produzindo conhecimento

Refletindo sobre as marcas da escravidão e sua relação com as comunidades quilombolas, explorando também os desafios e conquistas dessas comunidades na atualidade, vamos utilizar a técnica de colagem para conectar o passado ao presente. Nossa proposta é pensar em como as continuidades se fazem presentes, ao mesmo tempo que rupturas encerram processos dolorosos. Com a técnica da colagem podemos mesclar as narrativas e observar uma realidade mais diversa, construindo uma imagem mais próxima da realidade dos grupos humanos.

Instruções:

Etapa 1. Separe o material necessário:

- Fotografias impressa dos objetos (gargalheira e banheira de pedra esculpida à mão)
- Imagens relacionadas ao período colonial (escravizados, escravocratas, quilombolas, cenas de resistência, paisagens rurais e urbanas).
- Imagens atuais de comunidades quilombolas (práticas culturais, conquistas, desafios, lideranças).
- Revistas e jornais velhos para recorte.
- Papel-cartão ou cartolina (uma por grupo).
- Tesouras, cola, canetinhas, lápis de cor e outros materiais artísticos.

Etapa 2. Pesquisa, leitura e problematização

- Pesquise sobre a formação dos quilombos, a resistência dos escravizados e as marcas da escravidão nas comunidades quilombolas atuais.
- Busque imagens de objetos do período colonial, cenas de resistência e imagens contemporâneas de comunidades quilombolas, práticas culturais e lideranças.
- Registre palavras e ideias importantes relacionadas à resistência quilombola, como identidade cultural, luta por direitos e desafios atuais.
- Compartilhe suas descobertas com o grupo, discutindo as conexões entre o passado e o presente das comunidades quilombolas.
- Organize as informações obtidas sobre o tema em um mapa mental para auxiliar na criação da colagem na próxima etapa.

Etapa 3. Mão na massa

Cada grupo receberá uma base para colagem e imagens/textos que representem o passado e o presente das comunidades quilombolas. Ao finalizar a colagem, os/as estudantes podem criar um título e uma legenda para a imagem criada.

Para saber mais...

Assista ao vídeo com orientações para elaborar uma colagem:

<https://www.youtube.com/watch?v=U6S58cY6LJM>

Lembrando que a colagem é uma técnica de construção de imagens a partir de várias imagens diferentes. Portanto, podemos dizer que o resultado dessa montagem pode ser considerada como um texto escrito. Isso porque a colagem ao combinar imagens, recortes e objetos para criar uma mensagem visual acaba produzindo uma nova mensagem. Cada elemento da colagem carrega um significado próprio, e sua junção gera novos sentidos que dependem da interpretação do espectador, tal como acontece na leitura de um texto literário. Além disso, a colagem pode incorporar intertextualidade, ao fazer referência a outros textos ou contextos, criando um significado a partir da relação entre esses elementos. Portanto, ao usar diferentes materiais e formas, a colagem se configura como um texto visual, cuja compreensão exige uma leitura ativa, capaz de captar as mensagens e narrativas subjacentes aos elementos apresentados.

Etapa 4. Exposição

Crie uma exposição na sala ou nos corredores da escola e convide as outras turmas para conhecer o resultado das reflexões do oitavo ano.

Etapa 5. Roda de conversa.

Convide os/as estudantes que produziram as colagens e os/as expectadores/as a conversarem sobre a exposição. O/o professor/a deve mediar o processo um diálogo aberto e coletivo, permitindo que diferentes perspectivas sejam ouvidas e debatidas de maneira respeitosa.

AValiação Final

Transformando o Cantinho da Vovó Bem em um Museu Virtual – Mais acesso e representatividade.

A nossa proposta final é transformar o Cantinho da Vovó Bem em um Museu Virtual, permitindo a sua conservação e divulgação, bem como, ampliando seu acervo com a inclusão de outros itens materiais, mas também imateriais, especialmente, das comunidades quilombolas presentes na cidade.

Etapa 1: Pesquisa e Coleta de Dados:

- Levante informações sobre o acervo físico do Cantinho da Vovó Bem, incluindo objetos, documentos e imagens.
- Realize entrevistas ou coletas de relatos orais com membros das comunidades quilombolas locais para registrar elementos imateriais, como histórias, músicas, danças e receitas tradicionais.

Etapa 2: Seleção de Conteúdo:

- Escolha os itens que melhor representem a cultura, a história da cidade e das comunidades quilombolas.
- Inclua descrições detalhadas dos itens, explicando sua importância cultural e histórica.
- Identifique os materiais coletados,

A atividade proposta pode tomar a tabela a seguir como modelo, adaptando-a quando se fizer necessário. Essa tabela pode ser preenchida digitalmente ou em uma versão impressa.

Campo	Descrição
Número de Registro	Identificação única do item no acervo.
Categoria	() Material / () Imaterial
Título/Nome	Nome ou título do item.
Descrição Breve	Resumo curto sobre o item.
Origem/Proveniência	Local ou comunidade de origem.
Datação	Ano ou período aproximado.
Dimensões	Medidas físicas (se aplicável).
Material/Composição	Materiais que compõem o item (se material).
Função ou Uso Original	Finalidade do item na época de uso.
Contexto Cultural	Contexto ou grupo cultural relacionado (ex.: comunidade quilombola).
Foto(s)	Inserir link ou arquivo de imagens.
Áudio	Inserir link ou arquivo de gravações (se aplicável).
Vídeo	Inserir link ou arquivo de vídeos (se aplicável).
Histórico ou Significado	Descrição do valor cultural ou histórico do item.
Contribuinte/Informante	Nome do doador ou informante (para itens imateriais, se aplicável).
Estado de Conservação	Condição física atual (bom, regular, ruim etc.).
Técnica de Produção	Métodos ou técnicas usados para criar o item.
Fontes/Referências	Fontes de pesquisa ou registros adicionais.
Observações Adicionais	Comentários relevantes sobre o item.
Responsável pela Catalogação	Nome da pessoa responsável por registrar o item.
Data da Catalogação	Data em que o item foi registrado.

Etapa 3: Desenvolvimento do Museu Virtual:

- Utilize plataformas gratuitas ou específicas para criação de museus virtuais, como ArtSteps, Google Arts & Culture ou plataformas próprias de sites.
- Uma alternativa é criar um blog com os materiais selecionados.
- Selecione previamente uma quantidade de objetos para a realização da atividade em cada turma.
- Organize o conteúdo em categorias (artefatos, registros orais, tradições quilombolas etc.) para facilitar a navegação.

Para saber mais...

Leia o texto e escute o podcast para saber como criar um museu virtual:

<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/5-passos-para-criar-um-museu-virtual-com-seus-alunos/>

Etapa 4: Divulgação e Interação:

- Promova o museu virtual (ou o blog) nas redes sociais e em eventos culturais da cidade.
- Estimule a participação da comunidade, permitindo que novas contribuições sejam adicionadas ao acervo.

Etapa Final: Refletindo

Após a criação, organize uma discussão com os/as participantes sobre os impactos do museu virtual na preservação da memória cultural e na valorização das tradições locais.

Para ir além...

Crie uma experiência imersiva

- Adicione imagens em alta resolução, vídeos de entrevistas e áudios de músicas tradicionais.
- Insira recursos interativos, como visitas guiadas virtuais ou mapas que contextualizem a história local.

Para saber mais...

Leia a matéria:

<https://programae.org.br/virtual/como-o-vr-e-usado-para-criar-experiencias-interativas-em-museus/>

Referências da Aula-Oficina 2

- ARAÚJO, Marcelo. Museu da Maré. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. In: *Ciências Humanas*, v. 12, n. 3, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/TSKgk7t3kcMpMwhqP8ghmTv/?lang=pt>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas: uma síntese metodológica. In: *Revista Portuguesa de História*, t. LII, p. 421-443, 2021. ISSN 0870-4147. DOI: https://doi.org/10.14195/0870-4147_52_18.
- BENEDETTI, Thaís. Como aplicar a rotação por estações de aprendizagem em 7 passos. In: *TutorMundi*, 18 jan. 2023. Disponível em: <https://tutormundi.com/blog/rotacao-por-estacoes/>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRASIL. Senado Federal. *Manual de comunicação da Secom*: glossário. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario>. Acesso em: 16 out. 2024.
- CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Org.). *Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos*. Campinas: Editora Unicamp, 2020.
- FAGUNDES, Giulia. Domestika Brasil. *Como fazer uma colagem: dicas e orientações*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U6S58cY6LJM>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- GLOBO. *Museu da cultura de Poconé é destruído após ventania*. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/01/02/museu-da-cultura-de-pocone-e-destruido-apos-ventania.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2024.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.
- HENRIQUES, Rosali. *Museus virtuais e cibermuseus: a internet e os museus*. Portugal, 2004.
- HISTÓRIAS PARA TODOS. *TEREZA DE BENGUELA: A RAINHA NEGRA DO PANTANAL*. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tRvZ1v-EbH8>. Acesso em: 13 set. 2024.
- INSTITUTO CLARO. *5 passos para criar um museu virtual com seus alunos*. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/5-passos-para-criar-um-museu-virtual-com-seus-alunos/>. Acesso em: 22 set. 2024.
- KOINONIA. *Comunidades de Mato Grosso. Atlas Quilombola*. Disponível em: <https://kn.org.br/atlasquilombola/comunidades/MT/>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- LOUVRE. *Tour Virtual pelo Museu do Louvre*. Disponível em: <https://www.louvre.fr/en>. Acesso em: 22 set. 2024.
- MELO, Wilma Castro Ribeiro Alves de. *Interdisciplinaridade: a trajetória histórica de um conceito*. 2015. Disponível em: http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1438818370_ARQUIVO_ArtigoINTERDISCIPLINARIDADEATRAJETORIAHISTORICADEUMCONCEITOWilmaACRAdeMelo.pdf. Acesso em: 20 set. 2024.

- MUSEU NACIONAL. *História do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- NOVA ESCOLA. *Rotação por estações: como dinamizar as formações usando essa metodologia ativa*. Nova Escola, 2021. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21301/rotacao-por-estacoes-como-dinamizar-as-formacoes-usando-essa-metodologia-ativa>. Acesso em: 28 dez. 2024.
- PROGRAMAÊ. *Como o VR é usado para criar experiências interativas em museus*. Disponível em: <https://programae.org.br/virtual/como-o-vr-e-usado-para-criar-experiencias-interativas-em-museus/>. Acesso em: 22 set. 2024.
- SOUZA, Geisa Alchorne de. *O desafio contemporâneo da conservação: a fragilidade da media art*. 2019. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCTIC). Disponível em: https://www.acervosdigitais.org.br/portal/wp-content/uploads/2014/09/Geisa_Souza.pdf. Acesso em: 21 out. 2024.
- SQUINELO, Ana Paula. *Mulheres e a(s) Independência (s) do Brasil: uma proposta de Aulas-Oficina para o ensino de História*. Coleção Lume. Volume 3. 1ª ed. Cuiabá/MT, 2024.
- UOL. *10 curiosidades sobre o Louvre*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/amaury-jr/2023/03/09/10-fatos-curiosos-sobre-o-museu-do-louvre.htm>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- UFOP. *Os desafios e as perspectivas na preservação dos museus*. Disponível em: <https://ufop.br/noticias/em-discussao/os-desafios-e-perspectivas-na-preservacao-dos-museus>. Acesso em: 17 set. 2024.

Considerações Finais

Os resultados das investigações desta pesquisa resultam de uma combinação de percepções e vivências, assim como da perspectiva histórica adotada para valorizar a memória museológica. Essa combinação focou bastante nos aspectos teóricos, epistemológicos e pedagógicos das representações do Museu da Vovó Bem, localizado em Poconé, no Estado de Mato Grosso.

A presente pesquisa, alicerçada na sua base científica, percorreu o campo didático quando evidenciou o ensino de História como componente curricular para contextualizar a historicidade de seu objeto de estudo enquanto patrimônio cultural e local, de modo a indicar possibilidade de (re)construção identitária e cidadã dos/s alunos/as.

Ao contribuir para a compreensão dos/as alunos/as sobre a importância da História e da preservação da herança museológica, o estudo cumpriu com um de seus objetivos. Igualmente, possibilitou que tanto o conceito de museus quanto a essencialidade existente em cada elemento que dele faz parte pudessem ser introduzidas à luz da conscientização e conhecimento acerca do contexto diário ambientado na vivência atual dos/as estudantes.

O capítulo um permitiu analisar e compreender as distinções entre a história local e a história regional enquanto perspectivas de construção identitária e de cidadania. Sendo assim, a validade entre as duas vertentes pode variar conforme a abordagem do historiador, mas não se distancia da relevância que pode traduzir os sujeitos seja no campo da regionalidade ou da localidade. Em resumo, no campo educacional tanto cabe as articulações constituídas no passado ou no presente. Assim, mesmo a história local tendo seu ponto de partida em um passado distante, a necessidade do acesso ao conhecimento histórico pelos/as alunos/as na atualidade precisa refletir vínculos e necessidades do cotidiano, não esquecendo do que ora circundou ao passado.

Os norteamentos didáticos através da produção de oficinas permitiram a realização de um estudo com base no processo de aprendizagem, na memória e nos artefatos presentes no acervo museológico. Assim, acreditamos que evidenciamos as representações narrativas em formas diversificadas para levar aos/as alunos/as a representatividade histórica materializada pelas experiências disponibilizadas através da tríade ambiente, tempo e objetos. A interdisciplinaridade pôde ser constatada e viabilizada pela dimensão curricular de preservação da memória.

A partir da identificação do protagonismo da Vovó Bem, figura central desta investigação, o estudo buscou compreender também a importância do contexto histórico da cidade de Poconé, *locus* de nossa investigação. Viu-se, desta forma, a origem e o respectivo crescimento da cidade onde Dona Bem protagonizou sua história e sustentou suas raízes.

O estudo se mostra importante não apenas pela inserção da memória museológica no contexto pedagógico, mas pelo seu valor imensurável de raízes culturais para a formação de um povo e suas manifestações culturais no decorrer dos tempos. Ademais, a valoração da memória e do patrimônio cultural de um povo emerge de processos obstinados para que se reconheça e se ressignifique as experiências sociais e culturais.

A importância de reconhecer as variadas formas de ação dos sujeitos históricos se reflete em diversas áreas, como nos casos da educação e da museologia. Na educação, essa abordagem nos permitiu desenvolver materiais didáticos que valorizam a diversidade de experiências e perspectivas históricas. Na museologia, essa perspectiva contribui para a difusão do museu enquanto um espaço de memória que reflete a pluralidade de histórias e culturas. Como indicamos, entre o acervo temos ao menos dois objetos que remetem a atividade escravista. E, a partir dela, chegamos às diversas comunidades quilombolas da região. Passado e presente estão em contante interação.

Acreditamos que nosso trabalho possui valor social e acadêmico e que pode vir a abrir novas possibilidades de reforçar a importância da educação em História para a preservação da memória e da democratização do conhecimento. No entanto, outros percursos de valor histórico poderiam ter feito parte do escopo desta pesquisa, a exemplo da construção de uma inventariação de bens, como meio de documentar e catalogar bens do museu. Isso garantiria não apenas a preservação, mas também o acesso às informações sobre cada peça do acervo.

Fica ainda evidenciado que a utilização de recuso digitais possibilitaria, com a criação de um museu virtual por exemplo, a aproximação do museu da Vovó Bem, aos diferentes visitantes, independente das distâncias geográficas. Destaca-se ainda referenciar o acesso a grupos para enriquecer o diálogo museológico com outras culturas, como os povos ribeirinhos ou indígenas. Essa possibilidade abre espaços de interculturalidade e endossa a memória narrativa do museu, agregando ainda o fator de inclusão e de identidade.

No capítulo dois reforçamos as nuances que formularam a formação da cidade *locus* empírico onde se situa o museu Cantinho da Vovó Bem e a trajetória histórica do município pantaneiro, desde sua formação e exploração mineral aos dias atuais, quando se caracteriza pela exploração de ouro, turismo, pecuária e agricultura. A formação da cidade de Poconé

traz memórias marcadas pela figura feminina cujas festividades religiosas são atrações culturais de motivo de muito orgulho do seu povo, situando como principais atrações as Festas de Santo e a Cavallhada.

O capítulo três desta pesquisa conduziu os aspectos pedagógicos das Aulas- Oficina reproduzidos a partir da materialização das sequências didáticas, o que proporcionou aos/as alunos/as explorarem a valorização tanto do museu quanto da História vinculada ao componente curricular. As aulas puderam representar de maneira prática a memória viva, transformando o significado do museu e sua essencialidade no percurso acadêmico dos/as educandos/as. A simbologia do museu da Vovó Bem apresentado nesta pesquisa foi destacada nas Aulas-Oficina com o apoio imagético de fotos do acervo da autora, reforçando o valor cultural do acervo e do espaço.

Estas, por sua vez, foram organizadas em dois momentos, a saber: na primeira aula-oficina, a temática teve o protagonismo feminino na constituição do museu, resgatou a aprendizagem dos/as alunos/as, organizadas de forma específica condizente com as habilidades do componente História. Os alunos foram engajados a conhecer a história da protagonista Dona Maria da Piedade, a Clio de Poconé, e passaram a identificar algumas marcas quanto ao papel da mulher na sociedade por meio de textos, imagens e reportagens que protagonizaram o valor didático da aula. Como forma de resgatar o que aprenderam, os/as estudantes protagonizaram pesquisas que proporcionaram responder às questões elaboradas acerca do material constituído para todos os momentos da aula.

Na segunda aula-oficina, a pesquisa trouxe as reflexões da comunidade e de como o museu pode ser representativo. Para isso, o resgate dessa aula foi a preservação da memória e o que ela significa para a população de Poconé. O estudo direcionou o mesmo percurso metodológico e de atividades evidenciados na aula anterior. No entanto, chamou a atenção para a questão da regionalidade, não apenas pela representação do museu da Vovó Bem, mas pelos aspectos culturais e étnicos, ao evidenciar a presença africana na cidade, através dos objetos utilizados pelos colonizadores. A pesquisa não isentou de incluir atividades digitalmente elaboradas, ao se deliberar que os/as alunos/as criassem um museu virtual. O objetivo da atividade foi divulgar e consequentemente destacar a importância do museu, enquanto espaço histórico.

Pode-se considerar que os percursos não realizados neste estudo, citados acima, fazem parte das limitações desta pesquisa, especialmente por ter-me sido concedida apenas uma licença parcial do trabalho em salas de aula, para aperfeiçoamento profissional durante o percurso do estudo. A ausência desse período trouxe impactos diante da possibilidade de

aprofundar as interlocuções das investigações, o que poderia ter trazido elementos mais ricos para o estudo. Também a falta da liberação da entrevista, decorrente do curto espaço de tempo para conseguir autorização ao comitê de ética.

Deixa-se em aberto que outras pesquisas possam trazer elementos que complementem os discursos da temática adotada para esta investigação, haja vista que tanto a memória quanto o patrimônio cultural estão constituídos por constantes transformações, e assim sendo, é necessário trazê-las à tona e ressignificá-las, possibilitando novas abordagens e o fortalecimento da história para a imersão cultural e educacional.

REFERÊNCIAS

- ABIJAUDE, Isabela Vecchi, OLIVEIRA, Bernardo Jefferson *Musealizando objetos do cotidiano* [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: Editora Selo FaE, 2024.
- ACADEPAN. *Academia Litero-Cultural Pantaneira*. Poconé, Mato Grosso. 2023.
- AMARAL, Ivoneides Maria Batista do. OLIVEIRA, Maurício dos Santos de. História da dança performática do grupo dos Mascarados de Poconé-MT. In: *IX Simpósio Nacional de História Cultural*. Cuiabá-MT, 2018.
- ANDRADE, Lilian Santos de. A lei tem que valer desde o portão. In: *Saberes e Práticas Docentes-Implementação da Lei federal Nº 10.639/03 na Educação Básica*. Cáceres, 2021.
- ANTONELLO, Roberta Siqueira de Souza. *A História Local no processo de ensino e aprendizagem histórica: O caso do Município de Guarantã do Norte-MT*. Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade Federal de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação Profissional em Estudos de História, Cuiabá, 2020.
- ARAÚJO, Marcelo. Museu da Maré. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. In: Ciências Humanas, v. 12, n. 3, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/TSKgk7t3kcMpMwhqP8ghmTv/?lang=pt>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- BARCA, Isabel. Ensinar história de modo linear faz com que os alunos se lembrem só dos marcos cronológicos. In: *Revista Nova Escola*, São Paulo, ed. 260, mar. 2013. Entrevista concedida a Bruna Nicolielo, p. 78.
- BARROS, Carlo Henrique Farias de. *Ensino de história, memória e história local*. Criar Educação, PPGE – UNESC, V.2, 2013. Disponível em <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/1247/1191>. Acesso em 28 de março de 2024.
- BARROS, José D'Assunção. *Sobre o uso dos jornais como fontes históricas: uma síntese metodológica*. Revista Portuguesa de História, t. LII, p. 421-443, 2021. ISSN 0870-4147. DOI: https://doi.org/10.14195/0870-4147_52_18.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENEDETTI, Thaís. Como aplicar a rotação por estações de aprendizagem em 7 passos. In: *TutorMundi*, 18 jan. 2023. Disponível em: <https://tutormundi.com/blog/rotacao-por-estacoes/>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRASIL. *Senado Federal. Manual de comunicação da Secom: glossário*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario>. Acesso em: 16 out. 2024.
- _____. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- _____. *Constituição Federal*. Brasília. 1988.
- _____. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE*.
- CAMPOS, Francisco Ildefonso da Silva. *Filhos ilustres de Poconé: ontem e hoje: síntese biográfica*. Cuiabá: Ligraf, 2016.
- CAMPOS FILHO, Luiz Vicente da Silva. *Tradição e ruptura: cultura e ambiente pantaneiro*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- CARLAN, Claudio Umpierre. Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa. In: *História (São Paulo)*, Volume: 27, Número: 2, 2008.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Orgs.). *Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos*. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

- CASTRO, Sueli Pereira. *A Festa Santa na Terra da Parentalha*: festeiros, herdeiros, parentes: sesmaria na Baixada Cuiabana Mato-Grossense. Tese de Doutorado apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2001.
- CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. In: *Revista História Hoje*, vol.7, n.13, pp.272–292.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHUVA, Márcia. Possíveis narrativas sobre duas décadas de patrimônio: de 1982 a 2002. *REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL*, v. 35, p. 79-103, 2017.
- CHUVA, Márcia. Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. *TOPOI (RIO DE JANEIRO)*, v. 4, p. 313-333, 2003.
- CHUVA, Márcia. Patrimônio Cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas. In: Alice Duarte. (Org.). *Seminários DEP/FLUP*. 1ed.Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, 2020, v. 1, p. 16-35.
- CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos (Org.) . Patrimônio Cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. v. 1
- DOCUMENTÁRIO TIPOS MATO-GROSSENSES. *Dona Bem HD*, criado pelo Gabinete de Comunicação (GCOM) do Governo de Mato Grosso, Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=0h0GBvOI7pA>.
- FAGUNDES, Giulia. Domestika Brasil. Youtube. *Como fazer uma colagem*: dicas e orientações. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U6S58cY6LJM>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Buriti, 2001.
- GONÇALVES, José Artur Teixeira. Cavalhadas na América Portuguesa: morfologia da festa. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Org.). *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. V. 2. São Paulo: Imprensa Oficial; Hucitec; Edusp; Fapesp, 2001.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como Categoria de Pensamento. In: CHAGAS, Mário; R. ABREU, Regina (Orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GOUBERT, Pierre. História Local. In: *História & Perspectivas*, Uberlândia, 6-45-47, jan./jun. 1992, p.45.
- GLOBO. *Museu da cultura de Poconé é destruído após ventania*. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/01/02/museu-da-cultura-de-pocone-e-destruido-apos-ventania.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2024.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.
- _____. *O Pensador das Diásporas*. Entrevista com Stuart Hall. Portal Literal. 2003. Disponível em: <<http://www.literal.com.br/acervodoportal/o-pensador-das-diasporas-1105/>>.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília, *IPHAN, Museu Imperial*, 1999.
- HENRIQUES, Rosali. *Museus virtuais e cibermuseus*: a internet e os museus. Portugal, 2004.
- HISTÓRIAS PARA TODOS. *Tereza de Benguela: a rainha negra do pantanal*. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tRvZ1v-EbH8>. Acesso em: 13 set. 2024.
- INSTITUTO CLARO. *5 passos para criar um museu virtual com seus alunos*. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/5-passos-para-criar-um-museu-virtual-com-seus-alunos/>. Acesso em: 22 set. 2024.
- KOINONIA. *Comunidades de Mato Grosso. Atlas Quilombola*. Disponível em: <https://kn.org.br/atlasquilombola/comunidades/MT/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

- LARA, Silvia. *Fragmentos setecentistas: escravidão cultura e poder na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1988.
- LOUVRE. *Tour Virtual pelo Museu do Louvre*. Disponível em: <https://www.louvre.fr/en>. Acesso em: 22 set. 2024.
- MARTINS, Marcos Lobato. História Regional, In: PINSKY, Carla Bassaneri. (Org.) *Novos Temas nas aulas de História*. São Paulo: Contexto, 2010. p.135-152.
- MATO GROSSO, Estado. *Orientações curriculares: Área de Ciências Humanas: Educação Básica*. Cuiabá: SEDUC-MT, 2010.
- MELO, Wilma Castro Ribeiro Alves de. *Interdisciplinaridade: a trajetória histórica de um conceito*. 2015. Disponível em: http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1438818370_ARQUIVO_ArtigoINTERDISCIPLINARIDADEATRAJETORIAHISTORICADEUMCONCEITOWilmaACRAdeMelo.pdf. Acesso em: 20 set. 2024.
- MESQUITA, José de. *A cavallhada: contos mato-grossenses*. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1928.
- MUSEU NACIONAL. *História do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- NETO, Lira. *A arte da biografia: como escrever histórias de vida*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.
- NORA, Pierre; AUN KHOURY, Yara. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S. l.], v. 10, pp. 120-142. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- NUNES, Neila Ferraz Moreira. História local: conceito, trajetória e desafios. In: *Revista Científica, multidisciplinar*. UNIFLU, V.5, Nº 2, jul/dez. 2020.
- OLIVEN, Ruben George. Patrimônio Intangível: considerações iniciais. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e Patrimônio - ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ORIÁ, José Ricardo. Educação Ambiental ou Educação Patrimonial: A dimensão histórico-cultural no currículo escolar. In BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2017.
- PEDRO, Joana. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. In: *Revista Brasileira de História*, v. 24, n. 47, pp. 89-108, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWCc/?lang=pt>. Acesso em 13 nov. 2024.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.
- PROGRAMAÊ. *Como o VR é usado para criar experiências interativas em museus*. Disponível em: <https://programae.org.br/virtual/como-o-vr-e-usado-para-criar-experiencias-interativas-em-museus/>. Acesso em: 22 set. 2024.
- RONDON, José Lucídio Nunes. *Poconé, sua terra e sua gente*. 1978. [S.l., s.n.].
- SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*. V. 9. Nº19. São Paulo: ANPUH/Marco Zero. Set. pp. 219-243.
- SANT'ANNA, Márcia. (2009). A face imaterial do patrimônio cultural: novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e patrimônio - Ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus brasileiros e política cultural. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 19, No. 55 – São Paulo, 2004.
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004.

- SCHWARCZ, Lília Moritz. Biografia como gênero e problema. In: *História Social*, [S. l.], v. 17, n.24, pp. 51–73, 2014. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/1577>. Acesso em: 16 set. 2024.
- _____. O nascimento dos museus brasileiros: 1870-1910. In: *História da Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré, 2001. Acesso em: 23 maio 2025.
- SILVA, Jaqueline Dias da. *O falar poconeano*. um estudo sobre variedade linguística em uso. Dissertação de mestrado, Unemat, 2016.
- SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. *Subsídios para a História do Pantanal do Rio Cuiabá Abaixo*. Cuiabá: UFMT, 1992.
- _____. *História de Mato Grosso: da Ancestralidade aos Dias Atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2017.
- SQUINELO, Ana Paula. *Mulheres e a(s) Independência (s) do Brasil: uma proposta de Aulas-Oficina para o ensino de História*. Coleção Lume. Volume 3. 1ª ed. Cuiabá/MT, 2024.
- SOUZA, Geisa Alchorne de. *O desafio contemporâneo da conservação: a fragilidade da media art*. 2019. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCTIC). Disponível em: https://www.acervosdigitais.org.br/portal/wp-content/uploads/2014/09/Geisa_Souza.pdf. Acesso em: 21 out. 2024.
- SOARES, Bruno César Brulon. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. In: *Cadernos Pagu*: n. 55, pp.101-149, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8656393>. Acesso em: 19 dez. 2024.
- SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- UOL. *10 curiosidades sobre o Louvre*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/amaury-jr/2023/03/09/10-fatos-curiosos-sobre-o-museu-do-louvre.htm>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- UFOP. *Os desafios e as perspectivas na preservação dos museus*. Disponível em: <https://ufop.br/noticias/em-discussao/os-desafios-e-perspectivas-na-preservacao-dos-museus>. Acesso em: 17 set. 2024.
- ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. Os parâmetros curriculares nacionais de história e o saber docente: reflexões sobre a produção do Conhecimento histórico. In: *Revista Trilhas da História*. Três Lagoas, v.3, nº6 jan.-jun, 2014.p.47-64.